



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

MAÍRA MAIA DE MOURA

**AS RELAÇÕES ENTRE COGNIÇÃO E AFETO, ESCOLA E FAMÍLIA NA
SOCIABILIDADE E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES DA ATUALIDADE:
UMA ANÁLISE À LUZ DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA DE JOÃO DOS SANTOS**

**FORTALEZA
2019**

MAÍRA MAIA DE MOURA

**AS RELAÇÕES ENTRE COGNIÇÃO E AFETO, ESCOLA E FAMÍLIA NA
SOCIABILIDADE E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES DA ATUALIDADE:
UMA ANÁLISE À LUZ DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA DE JOÃO DOS SANTOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, para Defesa Final, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Helena Carvalho Holanda

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mlr MOURA, MAÍRA MAIA DE.
AS RELAÇÕES ENTRE COGNIÇÃO E AFETO, ESCOLA E FAMÍLIA NA SOCIABILIDADE E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES DA ATUALIDADE : UMA ANÁLISE À LUZ DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA DE JOÃO DOS SANTOS / MAÍRA MAIA DE MOURA. – 2019.
167 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Patrícia Helena Carvalho Holanda.

1. Adolescência. 2. Cognição. 3. Afeto. 4. Sociabilidade. 5. Aprendizagem. I. Título.

CDD 370

MAÍRA MAIA DE MOURA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Patrícia Helena Carvalho Holanda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Antonia de Lis de Maria Martins Torres
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá
Universidade de Federal do Ceará (UFC)/Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dr^a. Laura Maria Silva Araújo Alves
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof^a. Dr^a. Elisângela André da Silva Costa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – e a todos que o tornam possível, incluindo seus atenciosos funcionários e ao Ministério da Educação e Cultura do Brasil – por esta oportunidade de realizar meu curso de Doutorado, o qual me qualifica para pensar com muito mais propriedade as questões que ligam Psicologia e Educação, assim como os desafios da escola pública e formação docente na atualidade. Encontrei na linha de pesquisa História e Educação Comparada as condições ideais para desenvolver esta tese, tanto em relação à orientação cuidadosa da Professora Doutora Patrícia Helena Carvalho Holanda, quanto aos demais professores e colegas que tão bem me acolheram e me foram solidários para que eu trilhasse o caminho da interdisciplinaridade e da pesquisa social, como experiências marcantes e muito enriquecedoras da minha trajetória profissional. Quero muito agradecer a todos, por essa caminhada de crescimento humano. Em especial, ao psicopedagogo João dos Santos, que muito iluminou este estudo. Agradeço ainda à UNIFOR, que confiou em minha capacidade para a docência de disciplinas tão importantes para o seu curso de Psicologia, e também aos meus alunos e alunas que tanto me têm estimulado a perseverar nessa busca por aprimoramento acadêmico. Agradeço também aos amigos que se fizeram presentes na caminhada da vida e a todos que direta ou indiretamente auxiliaram para que este trabalho se tornasse possível. Por último, agradeço aos meus familiares, avós, tias, pai, mãe, irmão e irmã, filho, filha, cunhado e cunhada, sobrinhas e sobrinho, por fazerem parte da minha construção como sujeito de cognição, afeto e sociabilidade. Também por tanta solidariedade, que tem sido a escola maior na minha experiência de vida.

RESUMO

O presente estudo trata da aprendizagem e sociabilidade de adolescentes nos dias atuais na família e na escola. Para tanto, analisa conceitos de adolescência, aprendizagem, família, escola e pedagogia terapêutica, por meio de um levantamento bibliográfico selecionado, tendo por base analítica, sobretudo, a Pedagogia Terapêutica ou Psicopedagogia de João dos Santos, que chama atenção para a importância da infância e de uma educação integrada por diversos agentes, que considera responsáveis da educação social de crianças e jovens. Realiza estudo empírico de base qualitativa, junto a um grupo de adolescentes, familiares e educadores, por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo de falas, de onde são extraídas categorias temáticas que revelam a problemática de aprendizagem e sociabilidade característica da adolescência como a fase da vida onde ocorre a definição da identidade social de sujeitos. Apresenta como resultados os dilemas e dificuldades próprios da adolescência nos dias atuais, caracterizada por certa ausência de horizontes de felicidade em face de uma sociedade em que a educação da juventude se dá em descompasso com o futuro desejado, em meio a medos, desejos e frustrações. Demonstra a atualidade e adequação da pedagogia terapêutica desenvolvida por João dos Santos, como pressuposto e suporte conceitual para o entendimento da problemática estudada por revelar procedimentos favoráveis à educação social de crianças e jovens, que têm na ação integrada e solidária da família, escola e sociedade o melhor caminho para uma abordagem pedagógica reparadora.

Palavras-chave: Adolescência. Cognição. Afeto. Escola. Família. Sociabilidade. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present study deals with the learning and sociability of adolescents in the present day in the family and in the school. In order to do so, it analyzes concepts of adolescence, learning, family, school and therapeutic pedagogy, through a bibliographical survey selected, analytically based, above all, the Pedagogical Therapy or Psychopedagogy of João dos Santos, which draws attention to the importance of childhood and an education integrated by several agents, that considers responsible of the social education of children and young people. It carries out a qualitative empirical study, together with a group of adolescents, family and educators, through semi-structured interviews and content analysis of speeches, from which thematic categories are extracted that reveal the problematic of learning and sociability characteristic of adolescence as phase of the life where the definition of the social identity of subjects occurs. It presents as results the dilemmas and difficulties typical of adolescence in the present day, characterized by a certain lack of horizons of happiness in the face of a society in which the education of the youth is in disagreement with the desired future amid fears, desires and frustrations . It demonstrates the relevance and appropriateness of the therapeutic pedagogy developed by João dos Santos as a presupposition and conceptual support for the understanding of the problematic studied for revealing procedures favorable to the social education of children and young people who have in the integrated and solidarity action of the family, school and society the best way to a pedagogical approach to reparation.

Keywords: Adolescence. Cognition. Affection. School. Family. Sociability. Learning.

RESUMEN

El presente estudio trata del aprendizaje y sociabilidad de adolescentes en los días actuales en la familia y en la escuela. Para ello, analiza conceptos de adolescencia, aprendizaje, familia, escuela y pedagogía terapéutica, por medio de un levantamiento bibliográfico seleccionado, teniendo como base analítica, sobre todo, la Pedagogía Terapéutica o Psicopedagogía de João dos Santos, que llama la atención sobre la importancia de la infancia y de una educación integrada por diversos agentes, que considera responsables de la educación social de niños y jóvenes. Se realiza un estudio empírico de base cualitativa, junto a un grupo de adolescentes, familiares y educadores, a través de entrevistas semiestructuradas y análisis de contenido de palabras, de donde se extraen categorías temáticas que revelan la problemática de aprendizaje y sociabilidad característica de la adolescencia como fase de la adolescencia vida donde ocurre la definición de la identidad social de sujetos. En el caso de la juventud, en la que la educación de la juventud se da en descompás con el futuro deseado, en medio de miedos, deseos y frustraciones, presenta como resultados los dilemas y dificultades propias de la adolescencia en los días actuales, caracterizada por cierta ausencia de horizontes de felicidad frente a una sociedad en la que la educación de la juventud se da en descompás con el futuro deseado. En el caso de los niños y jóvenes, que tienen en la acción integrada y solidaria de la familia, la escuela y la sociedad, demuestra la actualidad y adecuación de la pedagogía terapéutica desarrollada por João dos Santos, como presupuesto y soporte conceptual para el entendimiento de la problemática estudiada por revelar procedimientos favorables a la educación social de niños y jóvenes, que tienen en la acción integrada y solidaria de la familia, el mejor camino para un enfoque pedagógico reparador.

Palabras clave: Adolescencia. Cognición. Afecto. Escuela. Familia. Sociabilidad. Aprendizaje.

RÉSUMÉ

La présente étude traite de l'apprentissage et de la sociabilité des adolescents d'aujourd'hui dans la famille et à l'école. Pour ce faire, il analyse les concepts d'adolescence, d'apprentissage, de famille, d'école et de pédagogie thérapeutique, au travers d'une enquête bibliographique choisie, basée analytiquement, avant tout sur la pédagogie ou psychopédagogie de João dos Santos, qui attire l'attention sur l'importance de l'enfance et une éducation intégrée par plusieurs agents, qu'il considère responsables de l'éducation sociale des enfants et des jeunes. On réalise une étude empirique qualitative, en collaboration avec un groupe d'adolescents, de familles et d'éducateurs, au moyen d'entretiens semi-structurés et d'une analyse du contenu des discours, à partir desquels sont extraites des catégories thématiques qui révèlent la problématique de l'apprentissage et de la sociabilité caractéristique de l'adolescence. vie où la définition de l'identité sociale des sujets apparaît. Il présente comme résultats les dilemmes et les difficultés typiques de l'adolescence d'aujourd'hui, caractérisés par un certain manque d'horizons de bonheur face à une société dans laquelle l'éducation des jeunes est en désaccord avec l'avenir souhaité au milieu des peurs, des désirs et des frustrations. Il démontre la pertinence et la pertinence de la pédagogie thérapeutique développée par João dos Santos en tant que pré-supposé et support conceptuel pour la compréhension de la problématique étudiée afin de révéler des procédures favorables à l'éducation sociale des enfants et des jeunes ayant une action intégrée et solidaire de la famille, de l'école et de la société. le meilleur moyen d'adopter une approche pédagogique de la réparation.

Mots-clés: Adolescence. Cognition. Affect. L'école. Famille Sociabilité. Apprentissage.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DSM	<i>Diagnostic and Statistic Manual</i>
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IFCE	Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologias do Ceará
QI	Quociente de Inteligência
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNIFOR	Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivos	19
<i>1.1.1</i>	<i>Objetivo geral</i>	19
<i>1.1.2</i>	<i>Objetivos específicos</i>	19
1.2	Referencial teórico-metodológico	20
2	COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA, O ADOLESCENTE NA SOCIEDADE E NA FAMÍLIA	29
2.1	A adolescência é um fenômeno social desde que existe	29
2.2	Adolescência e os ritos de passagem	30
2.3	Juventude por João dos Santos	33
2.4	Adolescência: uma fase da vida	35
2.5	O corpo adolescente	39
2.6	Sexualidade na adolescência	40
2.7	Educação sexual: um olhar santiano	42
2.8	Ambivalência dos pais	44
<i>2.8.1</i>	<i>O desenvolvimento da inteligência na adolescência</i>	45
<i>2.8.2</i>	<i>O desenvolvimento cognitivo no olhar de Piaget</i>	45
<i>2.8.3</i>	<i>A metacognição</i>	47
2.9	O adolescente na sociedade	49
2.10	A cognição social	50
2.11	Sociabilidades: problemática da tecnologia da informação, comunicação, cultura midiática e audiovisual na era hipermoderna	51
2.12	Os filhos órfãos na sociedade contemporânea	53
2.13	Delinquência juvenil	56
2.14	Olhar a adolescência com outros olhos	59
2.15	Família um conceito em evolução	61
2.16	Concepção de família em Philippe Ariès	63
2.17	Família por João dos Santos	65
2.18	Relação mãe/bebê: perspectiva santiana	67
2.19	Conceito de família alargada de João dos Santos	69
3	PENSAR A EDUCAÇÃO E A APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES ...	72
3.1	Compreendendo a história da pedagogia com foco na contemporaneidade ...	72
3.2	Pensando a escola	75
3.3	A educação por João dos Santos	76

3.4	O espaço escola: ponte entre a família e a sociedade	78
3.5	Aprendizagem	79
3.5.1	<i>Contribuições de Sigmund Freud e da Psicanálise</i>	80
3.5.2	<i>As contribuições das teorias psicogenéticas da aprendizagem (Piaget e Wallon)</i>	83
3.6	Aprendizagem na abordagem santiana	88
3.7	Problemas na aprendizagem	89
3.8	Os principais problemas na aprendizagem	92
	Dislexia	92
	Disgrafia	92
	Discalculia	93
	Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade	93
	Transtornos emocionais/distúrbios da saúde mental	96
	1) Ansiedade	96
	2) Depressão	97
4	CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA OU PSICOPEDAGOGIA DE JOÃO DOS SANTOS PARA A COMPREENSÃO DA APRENDIZAGEM E SEUS PROBLEMAS	100
4.1	Pedagogia terapêutica ou psicopedagogia de João dos Santos	100
4.2	Educadores e terapeutas precisam fazer as pazes com a própria infância e adolescência	102
4.3	Contribuições da pedagogia terapêutica de João dos Santos para compreensão dos processos de transferência e contratransferência	104
5	APRENDIZAGEM E SOCIABILIDADES DOS ADOLESCENTES NOS DIAS ATUAIS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA	107
5.1	Quem é o adolescente	107
5.2	Apontamentos sobre a configuração das famílias dos adolescentes e seu lugar	112
5.3	Pensar a escola e sua preparação para lidar com os adolescentes pesquisados dos dias atuais	118
5.4	Pensando a aprendizagem no modo como os adolescentes aprendem e quais os principais problemas de aprendizagem dos adolescentes pesquisados	123
5.5	Refletindo sobre as sociabilidades dos adolescentes	127
6	CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA OU PSICOPEDAGOGIA DE JOÃO DOS SANTOS PARA OS PROBLEMAS DA APRENDIZAGEM	132
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
	REFERÊNCIAS E Bibliografia Consultada	153
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	160
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	165

1 INTRODUÇÃO

O mundo em que vivemos está envolto em processos intensos de mudança de natureza econômica e tecnológica. Valores e modo de organização das relações sociais e de autoridade, em vários aspectos, configurações familiares, entre outras questões, encontram-se em constante transformação. Todos eles têm impacto sobre a sociedade e a educação, modificam estruturas de relacionamento entre gerações, instituições e mentalidades.

Sou psicóloga e trabalhei nove anos numa instituição especializada em tratamento de dependentes de drogas lícitas e ilícitas. Entre outras, havia no local uma atividade em que o interno contava sua história em tópicos denominados vida escolar e vida familiar. Trabalhei basicamente com adolescentes, de modo que percebi, por meio de uma prática profissional, a adolescência como uma fase do desenvolvimento que requer um olhar atento e especializado. Nesse espaço de escuta psicológica, a maioria dos pacientes faz relatos onde afirmam ter passado por várias escolas, de onde foram expulsos, ou foram convidados a sair, e que poucas escolas tinham algum trabalho de prevenção; em função disso, comecei a ter uma escuta específica para a questão da relação desses jovens com a escola. Havia relatos ligados à família, trabalhávamos também diretamente com essas famílias, o que me trouxe várias reflexões sobre as configurações familiares, o lugar do adolescente na família, a relação com a escola e tantas outras.

Ouvindo esses relatos, lendo mais sobre o tema, busquei uma vaga no Mestrado de Políticas Públicas – Universidade Estadual do Ceará (UECE), no ano de 2011, para sistematizar e tentar compreender qual o papel da escola na vida de um jovem envolvido com drogas e que ações concretas de prevenção o Estado vem implementado nesse âmbito. Concluído em 2013¹, o estudo mostrou que o uso de drogas interfere no processo de formação e aprendizagem do aluno, principal objetivo da escola. Evidenciou-se a diferença entre educação e escolarização. A educação está voltada para a formação social, que é determinada pelas regras, normas morais, éticas, costumes e língua, comuns as demais pessoas pertencentes à sociedade.

¹ MOURA, M. M. **Drogas, juventude e escola; estudo de caso sobre o curso de prevenção ao uso de drogas do programa "crack é possível para vencer" para educadores da Escola de Ensino Profissionalizante Joaquim Albano**. 2013. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 2013.

Essas pessoas anteriormente receberam esse mesmo conjunto de instrumentos para que pudessem se orientar por sua realidade, o qual não foi, no entanto, suficiente para isentá-las de distúrbios dessa ordem. Instalando-se cedo a dependência química, esta pode levar a sérios problemas e atrasos no desenvolvimento cognitivo, e os processos de maturação emocional são interrompidos; a autoestima fica abalada; as famílias não sabem lidar com a temática, por vezes, destruindo-se; o jovem fica em contato com o submundo do crime, trazendo assim grandes danos a todos e a ele mesmo, o que recomenda que essa problemática não pode ficar à margem de uma Política Pública, cada vez mais necessária e urgente diante desse fenômeno social.

Por ser pedagoga, além de psicóloga e aprendiz de historiadora da educação, experiências formativas que me ajudam a realizar este estudo, sou também docente do Ensino Superior. Leciono no curso de graduação em Psicologia numa Universidade particular, sou mãe de uma criança e um adolescente. Tenho-me interessado, cada vez mais, pela adolescência, a partir mesmo da clínica psicológica e pesquisa desenvolvida na minha dissertação. Percebi vários casos de adolescentes que falavam sobre suas infâncias, de suas mágoas de pai e mãe, sentimentos de abandono e falta de afeto; ou da não compreensão por parte dos familiares dos dilemas que viviam; compreendi assim que muitas de suas dificuldades na escola e na vida social tinham também relação com as suas histórias de vida familiares.

A minha docência se desenvolve no Centro de Ciências da Saúde, no curso de Psicologia, da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em Fortaleza, onde venho ministrando, entre outras, disciplinas que transitam entre um olhar psicodinâmico e a psicologia do desenvolvimento. Trabalho também com disciplina voltada para prática de pesquisa e oriento meus alunos para o estudo de adolescência à luz da história, sociologia e psicologia, para que entendam a adolescência sob o prisma interdisciplinar, em face de sua complexidade, sabendo que a noção de infância e adolescência tem mudado ao longo do tempo.

Acredito que o conjunto dessas experiências profissionais me favoreceu a desenvolver estudo mais integrado sobre as dimensões da aprendizagem e sociabilidade humana, que será muito importante para o meu desempenho como docente e pesquisadora do campo interdisciplinar, que envolve a Psicologia e a Educação, História e Sociologia.

Esta pesquisa foi elaborada com o intuito de compreender as implicações da relação família e escola na vida com a aprendizagem e sociabilidade dos adolescentes na contemporaneidade no viés da pedagogia terapêutica de João dos Santos, a partir da escuta de falas de diversos sujeitos envolvidos nesse processo, privilegiando a teoria de João dos Santos (1913-1987), pedopsiquiatra, psicopedagogo, neuropsiquiatra e psicanalista português. Em sua obra, é possível perceber a preocupação de levar a psicanálise para adentrar o espaço escolar, em prol de uma melhor compreensão do desenvolvimento da criança e do adolescente, a qual se mostra atual e adequada ao estudo da realidade estudada junto a adolescentes.

A abordagem de João dos Santos denominada Pedagogia Terapêutica auxilia a pensar a adolescência em suas múltiplas relações, entre elas, as questões relacionadas aos problemas de aprendizagem, que envolvem a afetividade, a sociabilidade e os aspectos próprios do desenvolvimento da cognição. João dos Santos defende que todo aquele que trata da criança e adolescente, seja na área da educação, seja na área da saúde mental, deve ter algum embasamento de psicanálise (BRANCO, 2010). O autor nos traz duas exigências: todo pedagogo deve conhecer os aspectos fundamentais da psicologia do desenvolvimento; o pedagogo dedicado à educação e ao tratamento da saúde mental, deve possuir, além desses conhecimentos, formação teórica e prática em psicoterapia, sem isso, sua atuação, a sua ação, pode estar comprometida a partir da falta de vigor e eficácia, no entanto, torna-se claro que a formação não deve ser exigida de todos os técnicos dos centros que trabalham com infância e/ou adolescência, pois, em muitas situações, é impossível e, em outras, contraindicada. É importante o pedagogo ter tais conhecimentos (BRANCO, 2010).

A Pedagogia Terapêutica não pretende ser uma ciência, mas uma atuação prática para a resolução dos obstáculos que se apresentam à criança e adolescentes, aos professores e aos pais, na aplicação dos métodos, instrumentos e materiais escolares. Sempre que possível, a orientação terapêutica deve respeitar o essencial dos métodos utilizados pelos pedagogos (BRANCO, 2010).

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa apropriada ao objeto de estudo e ao referencial teórico. Tal opção, deve-se ao fato desse tipo de pesquisa possuir um caráter mais exploratório junto a pequenos grupos e induz à maior reflexão para análise dos resultados. Quanto ao ambiente da pesquisa, as entrevistas ocorreram numa escola da rede

privada de ensino, assim como, numa escola da rede pública de ensino, ambas localizadas em Fortaleza-CE-Brasil.

A relevância social desta pesquisa reside no fato de abordar um tema tão caro a todos nós, educadores, psicólogos, sociólogos, pensadores e psicanalistas, ao abordar os problemas na aprendizagem na adolescência, pensando uma interação entre família e escola, com a finalidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afete o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos.

Minha necessidade, como investigadora, é estudar, propor e desenvolver novas abordagens pedagógicas para adolescentes, consciente da sua importância ante os dilemas postos por novas configurações familiares e a crise da escola como instituição educativa, em face do impacto das tecnologias educativas de comunicação, o que requer, por um lado, a lida com a dimensão afetiva e cognitiva dos processos de ensino-aprendizagem. A abordagem aqui utilizada está apoiada na reflexão posta por Holanda (2016), que aponta serem essas dúvidas e questionamentos cada vez mais recorrentes em nosso tempo contemporâneo sobre a relação família e escola.

Dessa forma, trata-se de uma pesquisa de natureza interdisciplinar pois recorre à Psicologia, Psicanálise, Pedagogia, Sociologia e História. Está atenta com mudanças em curso no âmbito da família e da escola, que exigem repensarmos o sentido mesmo de educação e de distúrbios de aprendizagem e sociabilidade.

Esta pesquisa tem aporte inicial na abordagem de João dos Santos, médico e psicopedagogo português, que desenvolveu seus estudos e práticas na segunda metade do século XX. Tenho me apropriado dos escritos de Santos (1981, 1983, 1984, 1989 e 1991), com base em estudo sobre a sua vida e obra elaborado pelas investigadoras Branco (2010) e Holanda (1998, 2014, 2016, 2017), que abordam o tratamento dado pelo autor a infância e adolescência, como um período de grande importância para o desenvolvimento psíquico, devido à dimensão afetiva dos indivíduos, no campo da saúde mental e da aprendizagem, no âmbito educação escolar e social.

O interesse em desenvolver uma investigação como doutoranda, docente de ensino superior e pesquisadora da Linha História e Educação Comparada do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), especificamente, no eixo Família, Educação e Sexualidade, observando a temática

supracitada, resulta das minhas vivências como profissional da área de saúde mental assim como da minha inserção no referido curso de doutorado, por meio do projeto de pesquisa guarda-chuva, intitulado “Laços familiares, constituição de sujeitos, políticas de educação e saúde em espaços escolares e sociais, segundo a abordagem de João dos Santos – um estudo em perspectiva comparada – Brasil e Portugal”. A partir dessa inserção, foi meu intuito realizar um levantamento e leitura dessa literatura, para ampliar a problemática em questão em termos de fronteiras sociais, a partir da Pedagogia Terapêutica desenvolvida por João dos Santos em sua obra escrita e como herança nas instituições de atendimento infanto-juvenil em Lisboa. São duas importantes dimensões que nos chamam atenção em sua abordagem: 1) a relevância da dimensão afetiva na educação de crianças que apresentem dificuldades no plano de suas sociabilidades; 2) a noção de que o papel da escola se estende por toda uma vida, e que remete à dimensão temporal de sua teorização, quando destaca os efeitos da educação escolar no futuro, pois esta terá o papel de matriz para desdobramentos de disposições e capacidades dos sujeitos por ela socializados (BRANCO, 2010)

O autor acima referido tem ligação com os estudos psicanalíticos e proximidade com Freud (1856-1939), Geisell (1907-1996), Piaget (1896-1980), Wallon (1869-1962) e Winnicott (1896-1971). Ele defende que a educação é tarefa de várias instituições, não se restringindo à família nuclear e à escola, porque depende de experiências obtidas junto à família alargada e outros laços sociais, como a escola; considera que: 1) as crianças têm necessidade de se modelar nos espelhos das águas tranquilas da natureza e da natureza dos homens; 2) elas precisam, antes de tudo, se sentir amadas e protegidas; 3) da rememoração da infância é que entendemos quem somos, pois nela estão as raízes do nosso ser e fonte dinâmica que ajuda não a repetir o passado, mas evoluir a partir do que dele trazemos de vivências (BRANCO, 2010).

Ao pensar a família alargada, Santos (1981) pensa as relações da criança, as relações de amizade, com as outras crianças, parentes – tios, tias, primos, primas e pessoas próximas da família – como amigos da família, Santos chama de “apoio da família alargada”; esse apoio é considerado por ele fundamental na constituição da subjetividade da criança e do seu mundo subjetivo.

João dos Santos, em sua obra *Neurose da Angústia* (1984), ele recomenda que se compreenda a adolescência como uma fase intensa, que envolve dilemas característicos da puberdade e da sexualidade, a exemplo da masturbação; essa opinião é partilhada por

inúmeros outros estudiosos, que entendem a adolescência como sendo um dos momentos mais conturbados na vida do ser humano. Aberastury e Knobel (1989) afirmam que as características da adolescência não devem ser vistas como sintomas, ou algo patológico, mas como características fundamentais de uma crise em uma fase decisiva do desenvolvimento humano. Esse momento tumultuado acaba sendo visto como normal, no sentido de sua regularidade, no tipo de organização social da chamada civilização ocidental.

Estudar a adolescência exige de nós, como pesquisadores e estudiosos, que olhemos o adolescente com um ser em desenvolvimento, mas já marcado por significativa experiência de vida, que lhe deixou marcas, desde a infância. O adolescente precisa ser compreendido como uma pessoa que foi criança e está trilhando um caminho para o mundo adulto sujeito a obstáculos, medos, encantamentos e incertezas.

Esse desenvolvimento envolve relações humanas e vínculos, interesses e valores. Trata-se de um ser em formação, a qual podemos melhor entender com a ajuda de questões postas pela filosofia de base existencialista. Sartre (1905-1980)¹ estabelece a seguinte diferença entre coisa e objeto: coisa não tem o valor do afeto, já o objeto tem esse valor pelo investimento feito por cada indivíduo nessa fase. Santos (1981) nos aponta o objeto como depositário afeto projetado sobre a coisa. Coisas se transformam em objetos, na medida em que se criam objetos de ligação entre os homens. O objeto é essa ligação. O objeto, nesse sentido, tem sempre o valor de um objeto de afeto. Não é um afeto apenas de emoções primitivas, mas a representação mental que intencionalmente deixa marcas que significam emoção, intensamente vivida, por meio do conhecimento.

Contemporâneo de tais questões do humanismo filosófico, João dos Santos afirma que, quando nós nos descobrimos solitários na vida, entendemos o sentido do grande segredo ou tesouro que cada um de nós guarda dentro de si; ou seja, ele afirma que “o segredo do homem é a sua própria infância” (BRANCO, 2010).

Por isso, ele apela para que as crianças sejam bem tratadas e compreendidas no aqui e no agora de suas vidas, o que fazemos quando as estimulamos a enriquecer o seu mundo interior com vivências que tornem “menos dura e menos só a hora da morte”

² Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um filósofo, pensador, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. Sartre adaptava sempre sua ação às suas ideias e o fazia sempre como ato político. Para Sartre, o homem é um tipo diferente de ser, pois pode pensar sobre a própria consciência e sobre o mundo ao seu redor.

(SANTOS, 1983). Ademais, sabemos que a adolescência é a fase em que se revive e se reedita a infância.

À guisa de fechamento deste tópico inicial, acrescento que a delimitação temática, teórica e metodológica da minha pesquisa tem na importância da abordagem qualitativa e psicossocial a principal justificativa de pesquisa, por acreditar que somente trilhando o caminho sensível da subjetividade é que chegarei a entender a problemática da adolescência, em condições de adotar uma postura mais propositiva e menos passiva ante os dilemas educacionais e sociais vividos hoje por adolescentes, os quais afetam suas identidades e sociabilidades, que podem favorecer ou criar obstáculos no futuro.

Como é sabido, o mundo atual está em ebulição, vivendo grandes mudanças de valores e estilos de vida, que afetam o desenvolvimento das crianças e adolescentes, dos adultos e idosos. Hoje lidamos com alguns problemas de relacionamento entre gerações, que envolvem quebra de valores, como respeito à autoridade de pais e professores; dificuldade de aceitar o ritmo tradicional da educação ofertada pela escola e a família definido em épocas anteriores à nossa. A problemática aqui descrita em linhas gerais se abre à busca de conhecimento aprofundado no campo da adolescência, para dela retirar, em fase posterior, elementos para constituição de um enfoque da educação capaz de intervenções nessa área, tão necessária numa época em que crescem as dificuldades de aprendizagem e sociabilidades em crianças e adolescentes que se encontram em fase escolar, pensando sobretudo no valor social da interação família e escola.

Pensar esta pesquisa, voltada para o estudo da adolescência, família e escola, exige um esforço para compreender os novos modelos familiares, formas outras de sociabilidades. Tal mudança causa impacto sobre a sociedade e a educação, modificando estruturas de relacionamento entre gerações, instituições e mentalidades. Surgem então algumas perguntas sobre o modo de construção de sociabilidades dos adolescentes: Quem é o adolescente tal como conhecemos no século XXI? Quais os problemas relacionados ao desenvolvimento cognitivo? Quais os dilemas relacionados ao desenvolvimento da personalidade e das relações sociais? Que fatores sociais contribuem para produzir adolescentes com problemas na aprendizagem e de sociabilidade? Que relações teriam as configurações das famílias e descompasso das escolas com a vida social – sacudida por novos valores e uso de novas tecnologias – com as dificuldades na aprendizagem e sociabilidade dos adolescentes? Existem questões sociais mais amplas associadas ao desenvolvimento de

dificuldades aprendizagem e sociabilidades? Quais os problemas de sociabilidade apresentados pelos adolescentes? Existe uma tendência à patologização dos adolescentes com dificuldades na aprendizagem e de sociabilidade? Os professores atuantes nas escolas de ensino básico e médio apresentam dificuldade em lidar com esses problemas? Qual é o papel da família na formação dos sujeitos e principalmente quando as crianças ou adolescentes apresentam dificuldades na aprendizagem e sociabilidade? Teria a família e/ou a escola hoje ainda autoridade e condições educacionais para identificar distúrbios de conduta dos adolescentes?

A abordagem de João dos Santos enfatiza a necessidade de aproximação entre família e escola para que a educação seja fortalecida (BRANCO, 2010). A sua atualidade consiste justamente em propor a ampliação dos sujeitos que entram nesse processo, em face da fragilidade crescente da família nuclear em cuidar de uma criança que não vive mais encerrada nos muros de casa e/ou da escola. Para o psicólogo português, que percebeu essas mudanças serem intensificadas a partir da segunda metade do século XX, educar crianças é uma tarefa de todas as instituições que configuram a sociedade onde elas vivem.

É comum a constatação de que as famílias, cada vez mais, pouco participam da educação de seus filhos no Ensino Fundamental e Médio, duas fases de extrema importância, devido ser a infância uma etapa basilar no processo de desenvolvimento psíquico; ausentam-se, pouco a pouco, dessa participação, sobretudo, na adolescência, da fase turbulenta em que o jovem se encontra, quando os pais se sentem incapazes de educá-lo, vendo a escola como a única responsável pelo “bom caminho” do filho. Sociólogos, psicólogos e educadores são unânimes hoje quanto à percepção de que a estrutura de família mudou (MOURA, 2013), deixando crianças e adolescentes sem a atenção e cuidados esperados do ponto de vista social.

O presente trabalho está dividido em 6 seções, além da introdução. No primeiro capítulo, intitulado, contornos metodológicos, se encontra a abordagem de pesquisa adotada, os constructos teóricos metodológicos da tese, atores ou sujeitos pesquisados, procedimentos usados para apreender e interpretar as evidências empíricas. Nos demais capítulos, trazemos a discussão teórica e os achados da pesquisa, em tópicos temáticos mais detalhados, que antecedem as conclusões a que chegamos

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as implicações da relação família e escola na vida com a aprendizagem e sociabilidade dos adolescentes na contemporaneidade no viés da pedagogia terapêutica de João dos Santos, a partir da escuta de falas de diversos sujeitos envolvidos nesse processo.

1.1.2 Objetivos específicos

- 1) Discutir a adolescência, a partir das dimensões afetiva e cognitiva dos sujeitos, no campo da saúde mental e da educação, a partir da Psicologia contemporânea;
- 2) Refletir sobre o papel da escola e dos professores junto aos adolescentes, diante dos problemas na aprendizagem e sociabilidades, nos dias atuais;
- 3) Analisar como as relações existentes entre novas configurações familiares e a crise conjuntural da escola interferem na aprendizagem e na sociabilidade de adolescentes;
- 4) Compreender a atualidade e alcance da perspectiva terapêutica de João dos Santos sobre a problemática em questão, no caso dos adolescentes.

A Tese – Defendo a tese de que as contribuições da teoria Santiana são de fundamental importância para compreendermos as complexas relações que se estabelecem entre família e escola no processo de aprendizagem e sociabilidade de adolescente na sociedade contemporânea, tendo em vista os diferentes fatores biopsicossociais presentes nesta etapa de desenvolvimento humano.

1.2 Referencial teórico-metodológico

Esta investigação tem por base um estudo bibliográfico e de campo para entender as aprendizagens e sociabilidades vividos na adolescência, no meio familiar e escolar cearense da atualidade.

Busquei conhecer o que a literatura científica oferece – na interface das áreas da sociologia, psicologia, psicanálise e educação – para dar resposta às questões postas nesta investigação, haja vista nosso estudo ter um enfoque interdisciplinar. Por ser um estudo sobre mudança social, envolve ainda uma dimensão de historicidade, o que exige alguma incursão no campo da História. Terei também o aporte do referencial teórico psicanalítico, privilegiando a teoria de João dos Santos. A revisão de literatura foi feita por meio da seleção de autores e obras de maior expressividade para nos subsidiar em termos conceituais e teóricos, metodológicos e epistemológicos. Tomei como balizas de estudo as seguintes categorias de análise: adolescência e família; aprendizagem e sociabilidade; pedagogia terapêutica.

A metodologia utilizada envolve, portanto, uma base bibliográfica e uma incursão empírica de cunho qualitativo. A base bibliográfica desta investigação desenvolveu-se a partir de textos publicados em livros, artigos, dissertações e teses. Trata-se também de uma pesquisa de campo, em que algumas orientações dadas por João dos Santos serão de grande importância para abordar a temática proposta e dela tirar indicações de ordem prática para uma proposta educativa que lide melhor com os dilemas da aprendizagem e sociabilidade, nas dimensões cognitiva, afetiva e social das crianças e adolescentes.

Para cobrir esse enfoque interdisciplinar, foi preciso compor uma lista de autores e livros, que podem ser encontrados nos comentários e análises ao longo deste estudo, assim como na bibliografia detalhada e referida ao final.

Para Dosse (2018) a transdisciplinaridade requer uma busca de aliança, seria a reunião de vários especialistas na tentativa de resolver um problema. Dessa forma, evita-se o apoio em garantias ilusórias que as disciplinas, quando separadamente consideradas, por vezes, carregam. “Permite problematizar objetos constituídos como obstáculos por uma ou outra disciplina, como obstáculo por causa dos seus limites intrínsecos” (DOSSE, 2018, p. 449).

Brandão (2008), a transdisciplinaridade é vista como o corte que atravessa os conhecimentos, impulsionado por algo que está além e aquém das disciplinas, pois a transdisciplinaridade não é nem especialista, nem generalista. Na verdade, situa-se entre esses dois polos, na oscilação de um ao outro e no seu intercâmbio e contágio.

Brandão (2008) aponta que a transdisciplinaridade não é uma super disciplina, um método *a priori* nem uma metodologia geral. Ela é mais um procedimento, uma atitude ou navegação entre as ilhas do saber, de forma contextualizada e referida a um problema específico e de interesse mútuo, ou seja: transporte e tradução. Brandão (2008) nos clarifica que o conceito de transdisciplinaridade, mesmo não sendo uma atitude, ainda é instável, que vem se formando e interagindo pouco a pouco a partir da interação dos saberes. Sendo assim, a transdisciplinaridade é uma interação uma abertura das disciplinas, tanto às outras disciplinas, quanto ao indisciplinado, conformando-se e contagiando-se reciprocamente.

Segundo Minayo (1994), ao se desenvolver uma proposta de investigação, ou até mesmo, no desenrolar das etapas de uma pesquisa, é que vamos reconhecer a conveniência e utilidade das fontes e dos métodos disponíveis, face ao tipo de informações que precisamos obter para cumprir os objetivos do trabalho proposto, posição defendida também por outros metodólogos.

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito das suas pesquisas como parte dos processos de construção do conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. (FLICK, 2009, p. 23).

Apresenta-se neste estudo de caráter qualitativo um vínculo epistemológico com as ciências sociais e a fenomenologia; a psicanálise está presente no que se refere à dimensão subjetiva da vida mental humana e infantil, em conformidade com aquele campo de saber, que é distinto da ciência, da medicina e da psicologia.

Para Minayo (1992), é no âmbito da subjetividade e do simbolismo, que se encontra a especificidade da abordagem qualitativa. A compreensão das relações humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente dos agrupamentos dos fenômenos, a partir de conceitos gerados por meio de experimentações. Para a citada autora, a pesquisa de base bibliográfica deve ser considerada em tudo aquilo que se faz e favorecer a escolha de um corpo de referências teóricas capaz de nos auxiliar na análise dos resultados.

A escolha da teoria de João dos Santos como abordagem central neste estudo se deu por meio do meu contato com estudos biográficos e bibliográficos disponíveis sobre o seu pensamento, a partir de textos e estudos dele já publicados em Portugal e no Brasil, experiência conduzida pela professora Patrícia Helena de Carvalho Holanda da Universidade Federal do Ceará, uma especialista no assunto, a quem estou vinculada em pesquisa guarda-chuva.

Buscamos conhecer o que oferece a literatura relativa a este estudo de natureza interdisciplinar, mas por sua vastidão, optamos por uma seleção de autores e obras de maior expressividade. Sabemos bem que a própria abordagem de discursos teóricos tem expressão qualitativa, porque realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, conteúdos e significados.

Para a realização do trabalho de campo, utilizamos a técnica da entrevista semiestruturada e observação. A observação, enquanto técnica, faz parte de estudos exploratórios, sendo baseada nos objetivos de pesquisa e num roteiro definido, que guiam o investigador na busca de ocorrências que interessam ao seu trabalho (MINAYO, 1992). Observamos somente durante as entrevistas dentro da escola.

Realizamos entrevistas com adolescentes, familiares e agentes da escola para colher desses atores sociais relatos sobre suas experiências, reflexões, sentimentos, modos de percepção e sensação, suas intuições, em questões tais como as seguintes: o que é adolescência para você? Quais seus sonhos? Você gosta da escola? Quais os desafios da escola?

a) O local da pesquisa

Para a recolha de dados, utilizei entrevista semiestruturada, como técnica de pesquisa. A escolha dos sujeitos recaiu sobre duas instituições escolares, sendo a primeira integrante da rede pública e a segunda da rede particular de ensino. Essas duas escolas foram escolhidas pelo fato de ambas se situarem na cidade de Fortaleza, e trabalharem com a aprendizagem dos adolescentes, e possuírem certas diferenças entre si: a escola pública é profissionalizante, enquanto a escola privada direciona-se para o exame vestibular e o ENEM. Trata-se, portanto, de espaços educacionais e sociais muito diferentes.

A escola pública, enquanto instituição de ensino profissionalizante e de ensino médio, tem vários projetos educativos, como projeto de nivelção de leitura, que envolve proporcionar um ambiente de leitura com o apoio das professoras tutoras do projeto; projeto de apadrinhamento dos alunos novatos, a partir do qual estes são recebidos pelos alunos veteranos, sendo auxiliados e acompanhados durante todo o primeiro ano deles na escola. As Escolas Estaduais de Educação Profissional – EEEP têm por missão promover uma integração da formação escolar de nível médio com uma habilitação profissional técnica por meio da educação acadêmica, propõe-se ainda a formar cidadãos para o mundo do trabalho e práticas e vivências em protagonismo juvenil.

Trabalhei também com o público de uma escola da rede privada de ensino da cidade de Fortaleza, pois trata-se de uma escola que ensina desde a educação infantil até o ensino médio; essa escola atua no ensino médio com um projeto voltado para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que abre as portas do ensino universitário, tendo também diversos outros projetos, entre eles: projetos para que os pais possam estar na escola, projetos de redação. A escola defende a missão de que é possível realizar sonhos, buscando-se um caminho para o torna-los realidade, pela aprovação no curso desejado. A cada dia, busca a instituição inovar, defendendo que é possível fazer melhor.

b) População da pesquisa

Tivemos um total de 18 entrevistas. Foram 9 participantes entrevistados na escola pública (dividido em 3 grupos, sendo de 3 familiares, 3 adolescentes e 3 profissionais da educação) e 9 participantes na escola privada (dividido em 3 grupos: 3 familiares, 3 adolescentes e 3 profissionais da educação). O critério da escolha dos sujeitos se deu, em primeiro lugar, em função de terem aceito participar da pesquisa em causa; antevendo a possibilidade de colher desses atores sociais relatos sobre suas experiências e reflexões sobre a problemática proposta nessa pesquisa.

Os adolescentes e suas características

1) O primeiro adolescente tem 15 anos, 1º ano do ensino médio, sexo masculino, estuda em escola privada, mora com a mãe e a irmã mais nova;

2) O segundo adolescente tem 15 anos, sexo masculino, 1º ano do ensino médio, estuda em escola privada, mora com o pai e a avó paterna;

3) A terceira adolescente, 15 anos, sexo feminino, 1º ano do ensino médio, estuda em escola privada, mora com o pai, a mãe e o irmão mais novo;

4) A quarta adolescente, 16 anos, sexo feminino, 2º ano do ensino médio e profissionalizante; ela estuda em escola pública, mora com a mãe, o padrasto e o irmão mais novo;

5) O adolescente quinto, 16 anos, sexo masculino, 2º ano do ensino médio e profissionalizante, estuda em escola pública, mora com o pai a mãe, dois irmãos, a tia e a avó;

6) O último adolescente tem 16 anos, sexo masculino, 2º ano do ensino médio, estuda em escola pública, mora com a mãe, o avô e avó.

Os familiares, dados gerais

1) A primeira entrevistada foi uma mãe, 39 anos, classe média, Terapeuta ocupacional, casada, mora com os dois filhos e o marido;

2) O segundo é um Pai, 60 anos, de classe média, professor universitário, divorciado, mora com o filho adolescente e a mãe.

3) A terceira entrevistada é Mãe, 40 anos, classe média, Psicóloga Clínica, separada, mora com os dois filhos;

4) A quarta é Avó, 67 anos, aposentada, a adolescente não mora com ela, apenas ajuda na educação dela;

5) O quinto é Pai, 41 anos, casado, mora com a esposa e dois filhos, trabalha no comércio;

6) A última entrevistada é Mãe, 40 anos, separada, trabalho de doméstica, mora com seus três filhos.

Os profissionais da educação, dados gerais

1) Coordenadora de escola particular da cidade de Fortaleza, Graduação em Gestão de Empresa e especialização em gestão escolar, trabalha com ensino médio;

2) Psicóloga da escola privada, graduada em Psicologia, especialização em tanatologia e saúde da família, atende ao público do ensino médio;

3) Professor de português, formado em Letras, tem especialização, trabalha com ensino médio;

4) Coordenadora da escola pública, formada em Letras, pela Universidade Federal e especialista na área também em produção de textos. Trabalha com ensino Médio e profissionalizante;

5) Professora de Inglês da escola pública, formada em Letras na área de Português/inglês, também é formada em Direito, tem Mestrado na mesma área. Trabalha como professora no ensino médio e profissionalizante;

6) Professor de Física da escola pública, licenciado em Física pelo o Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologias do Ceará (IFCE), atua no ensino médio e profissionalizante.

c) Entrevistas

Para Bauer e Gaskell (2002), o objetivo da entrevista é a compreensão do mundo dos entrevistados e de grupos sociais especificados. Essa é condição *sine qua non* da entrevista qualitativa. Utilizamos a entrevista semiestruturada, norteada pelos tópicos relevantes de cada questão. Segundo Duarte e Barros (2008), cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual as perguntas gerais originam questões específicas. A entrevista semiestruturada possui um roteiro matriz de temas (anexo), que dá uma certa estrutura comum que guia a pesquisadora, seguindo seus objetivos e abrindo de forma flexível para a possibilidade de novas perguntas que podem ser formuladas no andamento da pesquisa.

Tivemos o total de 18 entrevistas. A faixa etária de 12 a 18 anos para os adolescentes. Elaboramos um roteiro a partir do qual abordamos os principais tópicos de nossa pesquisa, quais sejam: adolescência, escola e família. O roteiro de entrevista tem 10 questões (anexo), destacando que elaboramos o roteiro com muito cuidado, e providenciamos antes uma aplicação piloto desse roteiro de entrevista.

As entrevistas foram feitas na sala de aula da escola mediante agendamento, cada entrevista teve duração em média de 30 minutos. Os adolescentes e familiares entrevistados foram sugeridos pela escola, atendendo ainda a sua vontade de participar do presente estudo. De início, entramos em contato com a gestão da escola, que nos direcionou a coordenadores, professores e psicóloga da escola para realizarmos as entrevistas; assim como também para fomos direcionadas por essas autoridades escolares aos adolescentes e seus familiares. Seguimos um roteiro de entrevista comum e aberto, realizamos todos os esclarecimentos quanto à natureza da pesquisa e solicitamos permissão para gravação de áudio, para posterior transcrição das entrevistas e análise de dados. A aplicação das entrevistas só foi realizada após aprovação por parte do Conselho de Ética da Pesquisa Social da UFC.

Para Minayo (1992), a entrevista semiestruturada segue uma relação com tópicos relevantes relacionados a cada questão, com base em roteiro matriz de temas, que oferece certa estrutura, abrindo também para novos temas. Houve aqui o cuidado com a tarefa metodológica de delimitação qualitativa de falas e discursos, para alcançar uma classificação temática mais atenta ao revelado na empiria, que tornou possível indicar a interação entre sujeitos e realidade social.

d) Análise das evidências empíricas

Adotamos a análise qualitativa dos dados que se configura por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, ligadas ao contexto em que estão inseridas e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, dessa forma traz-se à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, pois um trabalho de natureza qualitativa não tem a ambição de atingir o limiar da representatividade (FERNANDES, 1991).

Entendemos que depois das entrevistas feitas, gravadas e transcritas, o pesquisador tem três diretrizes: 1) as questões vindas do seu problema de pesquisa; 2) as questões da abordagem conceitual que adere; 3) a própria realidade sob estudo.

O momento de sistematização ocorre em várias direções: das questões para a realidade, da realidade para abordagem conceitual, da literatura para os dados, fazendo o cruzamento até que a análise alcance pontos de “desenho significativo de um quadro”, com várias faces, mas sendo possível visões compreensíveis. (ALVES; SILVA, 1992, p. 4).

Os entrevistados foram esclarecidos da pesquisa, precisando se enquadrar nos critérios desta, assim como também assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso de menor de idade, os pais ou responsáveis também assinaram o TCLE. O áudio das entrevistas foi gravado e depois transcrito para posterior análise dos dados. As evidências colhidas receberam análise qualitativa, atenta ao conteúdo dos discursos, em sintonia com os objetivos traçados previamente.

Ainda foram convidados a participar da investigação, professores e alunos que atendiam aos seguintes critérios:

- a) assinar o TCLE, como participante da pesquisa ou responsável;
- b) querer participar da investigação;
- c) apresentar saber lidar (educadores) e viver (educandos) dificuldades na aprendizagem e socialização.

A partir dos contatos mais diretos com o campo de pesquisa e com o decorrer da aproximação entre pesquisador e participantes, foi definida a quantidade de pessoas colaboradoras, escolha esta, subordinada à dimensão qualitativa.

e) Aspectos éticos

De acordo com a Resolução Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/12: considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. O dano eventual poderá ser imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade. Não obstante os riscos potenciais, as pesquisas envolvendo seres humanos serão admissíveis quando:

- a) oferecerem elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afete o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos;
- b) o risco se justifique pela importância do benefício esperado.

Nossa pesquisa envolve como risco: a possibilidade de constrangimento ao responder as perguntas da entrevista; desconforto; estresse; cansaço ao responder às perguntas.

O projeto de pesquisa, após a sua primeira qualificação, ocorrida com um ano e meio de curso, foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFC, atendendo assim à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Este projeto de investigação obteve aprovação do comitê de Ética com número de parecer 3.066.365.

2 COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA E O ADOLESCENTE NA SOCIEDADE E NA FAMÍLIA

Esta seção relaciona-se com o objetivo principal da pesquisa: entender a adolescência e o adolescente na sociedade. A adolescência é um período de grande importância para o desenvolvimento psíquico e social, devido à dimensão afetiva e cognitiva dos indivíduos, no campo da saúde mental e da educação, a partir da Psicologia contemporânea. Buscamos também compreender o adolescente em sociedade e seus modos de sociabilidades. Tendo também como objetivo principal o intuito de responder as questões vinculadas à categoria estudada família, pois à instituição família tem passado por diversas transformações ao longo do tempo histórico, sofrendo os impactos das modificações socioeconômicas tão almejadas pelo capital monopolistas. Ao tratarmos de família, falamos de uma estrutura que contém em si a esfera da cultura e a esfera da natureza.

2.1 A adolescência é um fenômeno social desde que existe

O conceito de adolescência nasce a partir do impacto causado pela Revolução Francesa, no final do século XVIII e ganha fundamentos médicos no século XX. Mas o que havia antes disso? Uma espécie de “ausência de adolescência”?

Historicamente, desde a Antiguidade, houve uma fase da vida chamada de juventude e um problema da juventude (LEVI; SCHMITT, 1996). Os gregos e muitas outras civilizações mediterrâneas antigas lidavam com a questão da passagem pubertária, por meio do recrutamento militar (a efebria) enquanto que, com as meninas, os ritos matrimônios tinham a função de rito de passagem.

Na Roma Antiga, o início da idade adulta tem seu marco pelo dia da tomada da toga viril, aos 17 anos, e por uma peregrinação ao Capitólio. A formação da juventude apresentava todas as características de uma formação política. Então os ritos de passagem e a organização social dos adolescentes resolviam para essas sociedades a questão da adolescência (DELAROCHE, 2008). Nas sociedades tradicionais, os ritos de passagem são marcos importantes, reguladores que ajudam na transição do adolescente para a vida adulta.

Para Delaroché (2008), no que se refere à Europa, é provável que, nas sociedades medievais, até o século XVII, tenham existido as organizações dos adolescentes. No entanto,

no século XIX, tivemos a Revolução Francesa, que é entendida em si mesma como uma revolução da juventude.

A Revolução Francesa foi uma revolução da juventude, juventude que se tornaria uma ameaça para o poder político do século XIX – uma vez que o sistema corporativo do Antigo Regime já não estava presente para arregimentá-la e a urbanização que acompanhou o desenvolvimento industrial desorganizava sua distribuição no espaço. Daí a urgência em retardar o momento em que os jovens poderão assumir as responsabilidades políticas e sociais[...]. Desde seu surgimento, a adolescência é, portanto, perigosa. (DELAROCHE, 2008, p. 4).

Não sendo possível recuperar essa longa história, em face de sua complexidade, limitei-me a rastrear alguns significados históricos mais gerais de juventude, de modo breve e genealógico. Vale ressaltar que o conceito de juventude está para a sociologia, como o de adolescente estaria para a psicologia, pois ambos se referem a uma fase da vida que se antecede o ser adulto. Para compreendermos o conceito de adolescência na contemporaneidade, por sua vez, precisamos levar em conta no mínimo, três aspectos: o sociológico, o psicológico e o biológico. Dessa maneira, ora a adolescência é assimilada à juventude, ora é considerada um fenômeno individual cuja demarcação é diferenciada, ora as teorizações médicas a chamam de puberdade. Para a psicanálise, puberdade e adolescência são sinônimos. Essa discussão está na obra de Freud intitulada “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, publicado em 1905 e modificada em 1924.

A literatura consultada indica que, no mundo contemporâneo, considerado imediatista, consumista, individualista e narcísica, é quase completa ausência de ritos de passagem para os adolescentes, situação que se agrava e é amenizada pelos “rituais dos consultórios psiquiátricos”, numa lista imensa de categorias nosográficas e de incontáveis rótulos e nomeações de neuroses e outras doenças psíquicas.

2.2 Adolescência e os ritos de passagem

Platão (Atenas 428/427 – Atenas, 348/347 a.C.), o filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, acreditava na dualidade corpo-alma, o pensamento racional e crítico era ausente na criança, e só iria surgir no final da infância, levando-os a patamares mais elevados de desenvolvimento da alma, e após muito tempo de ensinamentos e de educação eram considerados cidadãos.

Na Grécia antiga, os rapazes passavam por um longo período de iniciação, período esse que os preparava para ser um futuro cidadão. Existiam dois tipos de iniciação na era clássica e helenística de Atenas. A primeira consistia em apresentar o jovem à pátria paterna, enquanto a segunda era a apresentação do jovem ao serviço militar, a efebria. As duas tinham muita importância, e era fundamental ao jovem passar pelas duas.

Para Aristóteles (384 a.C. – Atenas, 322 a.C.), os jovens são levados por seus impulsos, principalmente os sexuais, são apaixonados, são volúveis, têm desejos transitórios, levam tudo ao extremo, sejam sentimentos de amor ou ódio, os jovens acham que sabem de tudo.

Na Idade Média (séculos V a XV), crianças e adolescente não tinham nenhum status especial, e logo que a criança era desmamada, por volta dos 6 anos, iria fazer parte do mundo dos adultos em vários aspectos, no âmbito do trabalho, lazer, eram vistos como adultos em miniatura, e a educação era sob o contexto cristão e visava à repressão dos impulsos do pecado para encontrar a salvação.

O conceito de adolescência pode ser datado, pois os estudiosos o situam como tendo nascido com a Revolução Francesa. Ele surge com mais nitidez no século XIX e, no século XX, ganha fundamentos médicos. Apenas no século XX, a adolescência passa ser estudada e reconhecida, social e amplamente, como um período específico do desenvolvimento humano.

É comum nos estudos sobre adolescência dizerem que, nas sociedades ditas primitivas, a adolescência não existia, enquanto tal, pois ao invés disso era substituída pelos ritos de iniciação, antecedidos de um período preparatório de reclusão dos meninos, quando aprendiam sobre o significado dos costumes e crenças, adquiriam competências e recebiam a herança cultural. Os ritos são meios de apresentação social dos mais novos, compreendidos por alguns estudiosos como saudáveis, do ponto de vista psíquico e da interação social com o meio tradicional, por serem partilhados. Os meios empregados nessa prática agem por deslocamento simbólico:

Os meios empregados agem por deslocamentos simbólicos: citemos a perfuração de orelhas nos povos Manus (arquipélago de Almirantado) estudados por Marguerite Mead, a absorção de esperma de seus amigos virgens pelo jovem Baruya (Golfo de Papauásia), retratado por Maurice Godlier. Mas, mesmo nessas sociedades, a organização dos adolescentes pode substituir os ritos. É por isso que não existe nenhum rito de iniciação entre trombriandeses (Nova Guiné), estudados por Malinowski. Nessa sociedade matriarcal em que o tio por parte da mãe desempenha

o papel de pai, os adolescentes do sexo masculino deixam a casa dos pais para morar numa casa coletiva, o bukumatula, onde encontram suas bem-amadas. (DELAROCHE, 2008, p. 3).

Nas sociedades tradicionais, os ritos têm um caráter de iniciação e, de forma geral, são guiados ou ensinados por alguém mais velho, mais sábio. Entre os primitivos, a iniciação, para que fossem abertas as portas da vida, dava-se em torno da morte, tanto simbólica quanto literal. Em tempos passados, os meninos iniciados precisavam, de certa forma, morrer simbolicamente, em ciclos de morte e renascimento, representando a renovação de algo: o menino morre para que o homem possa viver. Por exemplo, é muito comum em tribos africanas o rito da circuncisão de meninos. Esses ritos envolvem não apenas a transição das dependências da infância para a autossuficiência da idade adulta, mas também têm a função da transmissão de valores, como a qualidade e o caráter da cidadania, e as atitudes e as crenças que ligam a pessoa aos seus deuses, à sociedade e a si mesma (HOLLIS, 2008).

No momento da iniciação acontece a “morte do ego”, segundo entendimento de cunho mais psicológico. Falamos aqui de um estágio de desenvolvimento que é concluído, ou seja, um aspecto mais antigo da pessoa dá passagem a uma versão nova e ampliada. Muitos modelos de ritos de passagem falam da morte do ego para o renascimento desse sujeito, um novo homem nasce. Os Ritos de iniciação dos primitivos tinham essa função para os jovens. Hoje em dia, os ritos desapareceram, existe uma ânsia pela morte simbólica saudável em muitos adolescentes. Eles anseiam por ela, mas somos descuidados, como guias, em lhes fornecer uma passagem segura até ela. Como afirma Meade (2006), “Ao invés de passar por pequenas mortes simbólicas, os jovens ajudarão a queimar as vilas e as cidades...”.

[...] a ideia da passagem é essencial, pois todas as passagens implicam o fim de algo, algum tipo de morte, e o início de algo, algum tipo de nascimento. Somente a morte é estática; o princípio da vida é a mudança, e temos de passar por muitas mortes e renascimentos para levarmos uma vida significativa. (HOLLIS, 1995).

Os adolescentes/jovens têm um impulso para a sua morte simbólica como crianças, para renascerem de si mesmos modificados, como adultos. Compreendermos que essa busca se dá na forma como são levados a assumir os mais diversos riscos para testarem a si mesmos. Se não oferecemos estrutura e espaço para tais mortes simbólicas e propensões a correr os riscos precisos, os adolescentes continuarão a perseguir fatores arquetípicos inconscientes embutidos neles há muito tempo. Sem um guia seguro, que ilumine nessa jornada, eles serão forçados a fazer do jeito deles, irão cair muitas vezes em caminhos de

profundo desalento para todos. Caminhos trágicos, muitas vezes sem retorno e sem renascimentos.

O resgate dos ritos se faz preciso na vivência e no valor que se dá as mudanças e etapas de vida, isso auxiliaria para que as dificuldades sejam vistas e experienciadas mais positivamente pelos jovens, de forma mais rica em vez de serem vistas como assustadoras e perigosas. Passar pelas provas da vida é uma tarefa para o nosso herói interno, e cada um de nós tem a sua jornada do herói. O mito do herói é um tema que se repete em várias histórias que encontramos em diferentes culturas desde os tempos mais remotos, tempos imemoriais. Ele representa a transição psíquica que fazemos entre uma fase de nossas vidas e a fase seguinte.

Os rituais de iniciação tinham valor educativo: em primeiro lugar, tinham um valor moral: aprende-se a suportar a dor, a passar por momentos difíceis; possuem um valor social e político: o menino aprende a obediência aos mais velhos, aprende a suprir as necessidades de suas famílias e a servir aos idosos; possuem um valor religioso, evidenciado por ser o totem o centro do culto nas cerimônias; o totem é considerado o aspecto mítico da tribo; carrega em si um valor prático: os jovens aprendem a caçar animais, preparar o fogo e preparar alimentos.

Os momentos de transição continuam a acontecer na vida de cada ser humano, percebe-se que no mundo moderno, em oposição ao que foi aqui referido das tradições ritualísticas tribais, não se tem dado o devido valor e atenção a essas fases do desenvolvimento humano, principalmente os adolescentes, os jovens em geral, não estão conseguindo simbolizar essas etapas, ou seja, estão perdidos, sem compreenderem o sentido de cada acontecimento, quantas vezes iludidos com possibilidades de consumo e/ou de mera pertença a grupos de idade.

2.3 Juventude por João dos Santos

João dos Santos tem importante contribuição no estudo da psicologia da criança e do adolescente em Portugal, percebe que a adolescência vem mudando muito, desde a segunda metade do século passado, tendo muitas conotações, que perfazem aquarelas de matizes variados, enquanto possibilidades de ser e vir-a-ser. Ele percebe que o jovem dos anos 1970 e 1980, parecia estar cada vez mais autônomo (o que aumentaria, segundo ele, em

intensidade, a possibilidade da experiência de desarrumar-se, de se perturbar, de desviar da conduta “normal do ponto de vista do adulto). Os adolescentes estão ligados como “classes” ou grupos diferenciados e de certa forma à parte da sociedade. Para os sociólogos daquele período, surge então uma nova “classe” chamada *juventude*:

É o problema dos jovens que sempre tiveram, no nosso tempo, e nos tempos de hoje, possibilidade de se desarrumar, de se perturbar, de se desviar de uma conduta “normal” no ponto de vista dos adultos. Houve sempre problemas de conduta dos adolescentes e problemas de ordem emocional. Hoje as coisas têm uma outra intensidade, porque os adolescentes se tornam mais precocemente autônomos e estão ligados como “classe”. Há uma nova classe social, dizem os sociólogos: a juventude. A juventude compensa o desaparecimento da família tradicional que não existe mais e nunca mais existirá, com um pai, mãe e uns quantos parentes colaterais envolventes e que serviam de modelos; à volta da família havia amigos e havia um bairro e até uma escola, “mesmo que fosse” a escola da “rua”... ou a do trabalho... e nada se passava no anonimato como hoje acontece nas grandes urbes. (SANTOS, JOÃO DOS ENSAIOS SOBRE EDUCAÇÃO - I: A CRIANÇA QUEM É? (LOCAIS DO KINDLE 1161-1167).

Nessa circunstância de mudança social, Santos (1981) nos aponta para a tendência de que os pais percam pouco a pouco o lugar de referência diante dos seus filhos, até porque não têm tempo para isso, estando sempre acelerados, ocupados com a vida profissional. Os jovens vão compensando essa “ausência materna e paterna” no “bando de jovens”. De forma contraditória, o jovem é extremamente vulnerável, quando está sozinho, mas junto a outros da mesma faixa etária pode se sentir forte.

Assim como o adolescente renega sua infância, o adulto renega sua adolescência, aponta. Para Santos (1981), os jovens dessa época estão mais abertos aos serviços de psicoterapia e psiquiatria. Contudo, mesmo quando existem profissionais com essa competência da empatia, nem todos eles têm essa capacidade de empatia com o adolescente, ou seja, a capacidade ou disposição de compreender o adolescente. Ele constatava que não eram muitas as instituições de saúde mental ou os profissionais da psicologia dedicados à adolescência, embora a adolescência se configurasse, desde então, como um “problema”, pela angústia, pela insegurança e pelo resíduo conflitual advindo dessa situação, em um mundo cada vez mais obscuro e opressor, onde o futuro é cheio de incertezas.

Na obra *Neurose da angústia* (Santos, 1984), o autor João dos Santos mostra que compreende a adolescência como uma fase intensa, passando pela puberdade e a masturbação. Dessa feita, o adolescente feliz, sem conflitos e perturbações, é aquele que se submete e se adapta ao status quo, tornando-se geralmente um adulto estagnado e sem progresso pessoal.

Adolescente conflituoso, convivendo com seus paradoxos e angústias, seria o adolescente infeliz, aquele que toma consciência da sua pessoa, do seu valor, de alguma forma angustiado, mas em crescimento, afinal não há processo de ampliação da consciência sem a dor.

Muitas pessoas confundem esse estado com crise e estados de diversos transtornos, levando quase sempre à medicalização da juventude.

Por isso, João dos Santos (1981) fala da importância do encontro dos jovens com a chamada literatura crítica ou maldita, para espantar seus medos lendo histórias aterrorizadoras. Em recomendações assim Santos (1981) mostra uma capacidade de afeto e aproximação para com a juventude, pois entende que essa leitura atrai os jovens porque contém seus conflitos, dramas, desejos; assim, o jovem descobre nesses relatos qualquer coisa que fale de si mesmo, de paixão, de agressividade, expressão de sexualidade, expressão de erotismo e os tornam mais consciência de si mesmo. Para falar dessa literatura, ele toma o exemplo dele mesmo quando jovem, momento em que se aproximou da literatura de Eça de Queiroz. (SANTOS, 1981)

2.4 Adolescência: uma fase da vida

A adolescência é uma fase da vida que, nos últimos 60/70 anos, tem despertado grande e crescente interesse e assumido significativa importância para estudos e pesquisas nas diversas áreas do saber humano, entre elas, a Psicanálise, a Psicologia, a Educação, a Enfermagem, a Medicina, a História, a Antropologia e a Sociologia. Podemos, portanto, falar em estudos e olhares transdisciplinares sobre adolescência. O adolescente passa por diversas mudanças nessa fase da vida, como a puberdade, que é a fase inicial da adolescência, caracterizada pelas transformações físicas e biológicas no corpo dos jovens. Trata-se de uma fase marcada por importantes metamorfoses de comportamento, corporais e hormonais, com consequências importantes no desenvolvimento psíquico e no futuro existencial da pessoa.

É comum nessa fase a busca da liberdade de expressão e de sentimentos mais intensos, contestatórios e mesmo perigosos. Os adolescentes buscam grupos de amigos que tenham os mesmos interesses, almejando uma identificação menos conflitiva do que a relação com os pais. Nessa etapa, é comum o jovem tentar se afastar da família, pois essa já não lhes satisfaz em relação aos interesses sociais, nem as suas próprias motivações interiores.

A infância apresenta-se aos adolescentes como uma fase superada, a preparação para idade adulta como conflitada e cheia de incertezas. O desenvolvimento do adolescente sofre por isso influências de sua cultura e subcultura, da família e dos companheiros, sendo fator de mais força para determinar seu comportamento, a pressão dos grupos de pares.

Adolescência é palavra oriunda do latim *adolescere*; *ad*: para, em direção a, e *olescere*: forma incoativa de *olere*, crescer. É o período do crescimento humano, usualmente situado entre o início da puberdade e o estabelecimento da maturidade adulta. Em termos de desenvolvimento, o período caracteriza-se pela transição do estágio infantil para o estágio adulto de inúmeras funções incluindo as sexuais, após um interregno mais ou menos prolongado a que se dá o nome de período de latência. A adolescência inclui não só mudanças pubertais no corpo, mas também o desenvolvimento das capacidades intelectuais, interesses, atitudes e ajustamentos.

Os limites convencionais para adolescência são as idades de 12-21 anos para as meninas e 13-22 para os rapazes. O prolongamento do período adolescente para o início da vida adulta e o termo juventude também se tornaram de uso comum nas ciências da saúde, na faixa etária de 15 a 24 anos (GAUER; DAVOGLIO; VASCONCELLOS, 2012). Pode haver variação dessas idades, dependendo da situação conflitual e do meio em que vive o adolescente, chegando a casos extremos (de guerras e de estresse de grande violência) podendo ser encurtado esse período, havendo amadurecimento mais rápido, geralmente com traumas duradouros. Família, cultura, classe social, meio-ambiente, economia e mesmo os períodos históricos (mais ou menos intensos) terminam sendo fatores importantes no desenvolvimento do adolescente. Vale salientar que a classificação de adolescência por faixa etária tem sido revista, considerando-se os estudos de natureza sociocultural da atualidade, baseados em critérios referentes aos processos sociais em curso. A contemporaneidade tem isso muito bem marcado, ou seja, a preocupação com a atualização dos conceitos e visões de sociedade com que opera.

Nessa fase da vida, transformações se dão em todos os níveis, o que exigirá do adolescente um grande esforço de organização e de reorganização, reestruturação e adaptação, tratando-se de um momento crucial de toda a sua existência. Para Macedo (2009), temas como rupturas, transformações, reivindicações, solidão, desafios, projetos, sonhos, angústias, alegrias, descobertas e ressignificações se fazem presentes nessa fase.

Temos uma corrente que estuda a adolescência ligada ao contexto histórico e socioeconômico. A adolescência, relacionada com o contexto socioeconômico e cultural, é reconhecida como história social. De acordo com Savage (2009), a adolescência, tal como a conhecemos hoje, é uma invenção pós-Segunda Guerra Mundial.

Para o autor, as primeiras tentativas significativas de pensar e definir a juventude datam do século XIX. Savage (2009) faz uma análise da reverberação da Revolução Industrial, das duas Grandes Guerras e da Grande Depressão sobre os jovens da Grã-Bretanha, Alemanha, Estados Unidos e França. Esses jovens começaram a se fazer ouvir no século XIX, por meio da arte, da mudança de comportamento e da quebra de paradigmas, chegando a ser constatada uma “explosão da juventude” ao longo do século XX. Segundo esse autor, o jovem tinha a combinação psíquica perfeita para a época: vivia no agora, buscava prazer, era faminto por produtos de consumo e representava a nova sociedade global (globalizada), onde a inclusão social seria fornecida pelo poder de compra.

Mais recentemente, Bauman (2013) discute qual o papel da educação num mundo em que não há mais visão clara de futuro, numa modernidade líquida, globalizada, num mundo aonde os valores de consumo clamam tão alto, refletindo assim sobre o papel do jovem no novo paradigma social.

Desse modo, em meio a tanta teorização, percebemos que a adolescência é hoje compreendida como categoria construída historicamente, tendo, portanto, múltiplas emergências, abordagens e críticas. Assim, segundo o conceito contemporâneo, a adolescência é uma realidade histórica relativamente recente e representa o resultado do prolongamento entre a maturidade biológica e a imposição ao jovem para assumir papéis sociais como adulto.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é visto como um marco histórico importante no Brasil, criado após a promulgação da Constituição da República de 1988, consolidando as mudanças no modo pela qual o Estado se relaciona com a família, a criança e o adolescente. Trata-se de um conjunto de normas que têm como objetivo a proteção integral da criança e do adolescente na sociedade em que ele vive. É o marco legal e regulatório dos direitos humanos de crianças e adolescentes. É importante apontar que os aspectos sócio-econômicos e políticos têm interferido de maneira importante neste aspecto. Para as classes privilegiadas econômica e politicamente, existe a defesa da preservação do adolescente, já

para classe popular, resta a intolerância, e até mesmo a indicação de sua eliminação, baseada no pressuposto de sua ligação com a criminalidade. Os dados sobre a mortalidade violenta da juventude pobre e favelada no Brasil são evidências da gravidade dessa problemática, que tem merecido a atenção de especialistas de várias áreas do conhecimento, que vão do campo dos direitos humanos à sociologia da violência.

Segundo a regulação em vigor, o adolescente é considerado um cidadão entre 12 e 17 anos e 11 meses, sendo por isto não incluído como autor de ato criminal, mas sim na categoria de autoria de ato infracional. Dessa forma, as crianças e os adolescentes estão inimputáveis, no que se refere às normas do código penal aplicáveis ao cidadão. Essa perspectiva se deve à reflexão de que a criança e o adolescente estão em desenvolvimento biológico, psíquico e social, não tendo ainda a maturidade para responder penalmente por um crime, em todas suas consequências. Nesse sentido, as crianças e adolescentes estão submetidos a outras medidas restritivas e socioeducativas da Legislação Especial Estatuto da Criança e do Adolescente.

Existe outra corrente de pensamento, a matriz biologista, adotada na área da Saúde, que analisa outros aspectos também importantes na abordagem da infância e da adolescência. Na atualidade, a adolescência/juventude é tomada como um sujeito importante da Saúde Pública. Essa matriz é denominada como paradigma biomédico ou médico/biológico. Segundo tal corrente de pensamento, essa fase do desenvolvimento humano, marcada por transformações biológicas, ligadas à puberdade, vai além das esferas psicológica e social em direção à maturidade biológica, psíquica e social (PERES; ROSEMBU, 1998).

Para a Psicanálise, a adolescência é um momento de extrema importância na vida do ser humano, sendo um período paradoxal e conflituoso, muitas vezes incompreendido, ocasionando a medicalização da juventude como já havíamos pontuado, constituindo situação problemática e, muitas vezes eticamente condenável, diante dos interesses financeiros dos laboratórios farmacêuticos.

A adolescência se mostra como uma fase importante de todo um processo de desprendimento dos indivíduos. Na perspectiva da psicanálise, quando a maturidade genital encoraja para o relacionamento com outro sexo, é também possível, em casos mais raros, a consumação do incesto. A adolescência define o papel do procriador, e se tudo correr bem e

ele escapar do incesto, o adolescente vai iniciar a busca do objeto de amor no mundo, o que terá êxito somente com o desprendimento interno dos pais aí sim, o adolescente começa a descoberta do namoro / parceira do par (ABERASTURY, 1983).

Ariés (1978) considera que o aumento da escolaridade é um outro fator significativo na determinação da adolescência como etapa de desenvolvimento. Já para Calligaris (2000), a adolescência torna-se mítica, quando compreendida como um dado natural, designando normas de funcionamento e regras de expressão. Calligaris (2000) aponta que a adolescência é a óptica pela qual os adultos olham os adolescentes e pela qual os próprios adolescentes se olham e se observam. O autor defende que a adolescência tem se tornado uma das formações culturais mais poderosas de nossa época, portadora que é da possibilidade de futuro de toda e qualquer sociedade.

2.5 O corpo adolescente

É importante destacar que, quando falamos do adolescente, estamos falando também do nascimento da sexualidade adolescente, quando os caracteres sexuais se apresentam nas meninas primeiro – são precoces e, depois, nos meninos. Primeiro, aparecem os seios, logo depois os pelos pubianos e a menstruação; nos meninos, o primeiro caractere é o pelo pubiano, a partir daí, começa também o aumento dos órgãos genitais, depois o pelo facial. Estamos aqui falando também de um processo psicológico do luto pelo corpo e pela identidade infantis, luto esse de elaboração lenta e dolorosa, pois também se trata do luto pela perda da relação com os pais da infância. Muitas vezes essas modificações do corpo são vividas com ansiedade (ABERASTURY, 1983).

São muitas as modificações que levam o adolescente, inúmeras vezes, em seu processo de elaboração de necessidades, a uma retirada para um abrigo íntimo, dentro de si mesmo, para poder elaborar todas essas questões, fazer as pazes com seu passado e, ao mesmo tempo, encontrar força para olhar/firmar o futuro. É esse um processo que vai exigir do adolescente a construção de uma nova identidade, que vai se construindo nos planos inconscientes e consciente. O que se sabe é que pressões internas e externas não auxiliam nesse processo, pois todo luto exige tempo de elaboração, sendo necessário um olhar cuidadoso que envolve diferentes áreas do conhecimento, como a Psicologia e a Sociologia, a Educação e o Direito.

Aberastury nos aponta que a negação do sofrimento seria uma das patologias mais graves na adolescência, e dela decorrem crises de rebeldia, atitudes antissociais e autodestrutivas, iniciação precoce da vida sexual, tratando-se de condutas que mascaram a angústia intensa diante das incertezas (ABERASTURY, 1983).

Nesse período, a masturbação tem um papel fundamental para o estabelecimento da primazia genital na adolescência, na verdade ajuda de duas formas: ajuda o adolescente a aceitar seu sexo e, por outro lado, o ajuda contra a tendência de consumir o incesto. Dessa forma, na masturbação adolescente, a fantasia da cena primária se soma à fantasia do incesto – que agora na adolescência pode ser consumado.

A masturbação teria então a função também de ajudar o EGO a se organizar em torno da primazia genital; se o adolescente conseguir passar por essa prova, terá uma feliz resolução de conflito pela perda do corpo infantil e da identidade infantil. Portanto, a masturbação pode ser vista como um momento de prova, o aparecimento da menstruação na menina e do sêmen no menino é o ponto de partida para apropriação desse novo corpo, sabendo que posteriormente esse esquema corporal vai tendo novos papéis como na procriação (ABERASTURY, 1983).

Quanto à conduta do adolescente, Aberastury (1983) fala de comportamentos fóbicos e contra-fóbicos face à exploração do mundo, como trancar-se no quarto, ter inércia total, aparente isolamento do mundo exterior, até mesmo evitar ir à escola. Podemos também falar que, diante da angústia das mudanças corporais e de identidade, o adolescente pode se apresentar como onipotente, provocador, desafiador – são essas formas que ele encontra para negar a dor de ter que se desfazer da fase infantil.

2.6 Sexualidade na adolescência

Sabemos que a adolescência é uma etapa da vida em que se dá uma erupção de mudanças corporais e psíquicas. A puberdade é a força de impulso da adolescência, assim a chegada das pulsões sexuais associadas a idade não significa início da sexualidade, dado que esta já se manifesta durante a infância, só que na adolescência não é mais a mesma sexualidade. Freud preocupou-se a propósito da origem e dos destinos da pulsão sexual.

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal e definitiva. Até esse momento a pulsão sexual

era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. [...] Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. Posto que o novo alvo sexual atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito. (FREUD, 1996, p. 196).

A dinâmica da puberdade age também na orientação sexual. Na maioria dos casos, as fantasias sexuais irão para o sexo oposto, mas há casos em que as mesmas se dirigem para o mesmo sexo. Na sociedade moderna, o jovem tem o direito inalienável de dispor de seu próprio corpo, há de se ter o respeito de seu livre arbítrio em matéria de sexualidade, embora isso não exclua a orientação e a educação. Trata-se de um desafio até os dias de hoje. Senão, vejamos os desafios postos às escolas quanto à homofobia. O estudo de Abramovay, Castro e Waiselfisz (2015) intitulado “Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?”, realizado a partir de uma pesquisa de 2013, ouviu mais de 8.300 jovens em todo o País. O estudo apontou que cerca de 20% dos alunos ouvidos afirmam que não queriam ter colegas de classe homossexuais. O citado estudo nos mostra a real necessidade de ações que trabalhem a temática da diversidade e do combate ao preconceito.

Os adolescentes vivem níveis diferentes de maturidade sexual (CLOUTIER; DRAEAU, 2012). A adolescência e sua sexualidade, vista em uma perspectiva histórica, sofre diversas modificações ao longo da história. Percebe-se que, na história antiga, a sexualidade do adolescente foi amplamente admitida. As primeiras doutrinas cristãs eram, de certo modo, bastante liberais quanto à sexualidade. Somente na Europa do século XIV é que o cristianismo estabeleceu regras e controle sobre a sexualidade adolescente. Percebe-se, nos estudos dos escritos sobre a sexualidade adolescente, uma preocupação constante – o tratamento desigual dos adolescentes em função de seu sexo e classe social. Existem países onde ainda hoje a prostituição de menores é amplamente difundida. Dessa forma, a desigualdade econômica é um fator muito importante a ser considerado em estudos sobre essa categoria etária. (CLOUTIER; DRAEAU, 2012).

Os estudos consultados apontam que a sexualidade do adolescente também é social e cultural, e não somente física. Há uma mudança na modernidade a respeito dos discursos e atitudes quanto à sexualidade adolescente, senão vejamos:

Existem quatro fenômenos sociais que contribuíram mais do que tudo para modificar as atitudes e discursos a respeito do comportamento sexual dos adolescentes: 1) O surgimento do mercado de métodos anticoncepcionais seguros, que permitiu separar a atividade sexual e a função reprodutora; 2) O fim da convicção de que a virgindade seria um valor simbólico central para a qualidade do casamento; 3) a proliferação de

união livres; 4) A fragilização considerável da instituição família por causa das rupturas conjugais. (CLOUTIER; DRAEU, 2012: p. 144).

Sabemos ser a masturbação o comportamento mais difundido e frequente na adolescência. Diversos mitos permeiam essa sexualidade adolescente, desde ser uma fase marcada por profundos tumultos na vida pessoal, até o mito da precocidade sexual nos dias atuais. Existem diversos fatores que influenciam a sexualidade do jovem, havendo quem diga que um bom diálogo pais/jovem pode exercer muita influência, assim como os amigos/grupos de pares, a televisão, os meios eletrônicos (a *internet* possibilitou o acesso rápido e fácil a conteúdos sexuais explícitos).

2.7 Educação sexual: um olhar santiano

João dos Santos (1991), ao falar sobre educação sexual na infância e adolescência, aponta que a educação na escola pode ser vista como uma educação para ingenuidade e para estupidez afetiva, ou “estupidez neurótica”, como dizem os psicanalistas.

O autor explica sexualidade e educação sexual por meio de uma forma de contar histórias, e traz a metáfora do caracol. Para o autor, os caracóis são ingênuos e estúpidos porque eles não têm sexo, pois, sendo hermafroditas, neles o sexo termina se anulando. João dos Santos nos diz: “os caracóis não fazem amor, não têm malícia [...] é terrível um bicho sem malícia. É assim uma espécie de ser imaginariamente estúpida” (SANTOS, 1991, p. 135).

Carvalho e Branco (2010, p. 229) nos esclarecem o pensamento João dos Santos sobre a necessidade de um esforço coletivo para a tarefa importantíssima de educar os jovens para a tomada de consciência da importância de encarar com seriedade o amor e a sexualidade, para que, ao nascer uma criança, ela não seja fruto de um mero acidente, para que o pai e/ou a mãe não se distanciem dela física e emocionalmente.

Essa educação para a ingenuidade faz com que crianças e adolescentes tenham uma verdadeira ausência de fantasias, que resulta numa ignorância da malícia/segundas intenções tão presentes nas relações interpessoais. Todo educador sabe que se deve estimular a capacidade imaginativa e de fantasia da criança. E dos adolescentes também com palavras e ideias. Estimula-se a fantasia, portanto, a inteligência. Faz-se necessário por parte do profissional sensibilidade e competências sócio emocionais. Um olhar que dê conta dos aspectos relacionados à cognição e ao afeto, nas relações sociais estabelecidas pelos

adolescentes. É importante ressaltar que o atual contexto brasileiro é marcado por uma tensão relativa à educação sexual, pois enquanto uns setores a defendem, outros a perseguem, em razão de uma postura mais conservadora que considera desnecessária a atuação da educação escolar nessa esfera. Diante desse quadro, é importante pensar nosso papel como educadores, sabendo que somos regulados pela legislação e submetidos a fortes pressões sociais.

Santos (1991) aponta que é muito mais importante saber dessas fantasias do que saber o que são os órgãos reprodutores. Nos manuais de educação sexual, ao se falar de masturbação, descrevem-se diversas técnicas e maneiras e instrumentos para a prática da masturbação, tratando-se dessa forma de uma verdadeira ignorância do que seja masturbação. “Masturbação não é manipulação ou estímulo dos órgãos genitais; masturbação é esse estímulo acompanhado de fantasias” (SANTOS, 1991, p. 136). O autor nos diz que ainda bem que os jovens não seguem esse tipo de orientação e exercitam a sua imaginação.

Santos afirma que a nossa educação sexual nas escolas cria caracóis e nos coloca um desafio, – o de fazer uma educação sexual aos jovens para os tornar inteligentes e imaginativos. Não se pode colocar barreiras intransponíveis, mas um tanto suficiente de barreira que permita a auto-repressão dos impulsos e que permitam simultaneamente que a imaginação funcione. A ausência de fantasias resulta em ignorância, Santos aponta que os jovens falsamente ingênuos são os que mais facilmente se tornam coisas para fazer amor. Por exemplo: a mulher objeto. “A ingenuidade é uma espécie de hermafroditismo do espírito” (SANTOS, 1991, p. 136). Vale ressaltar que há processos presentes na sociedade contemporânea de adultização das crianças, um fenômeno preocupante que tem tensionado essa construção.

Finalizamos este tópico, apontando que é preciso ter claro que a criança já tem sexualidade, como apontamos anteriormente na revisão teórica deste estudo, quando a mãe dá o peito para o bebê, o pai entra na relação, a criança ao se relacionar com ambos; a criança constrói inúmeras fantasias, estando essa educação na base da criatividade, de forma que toda educação para Santos é de origem sexual. O ser cria-se a partir de uma célula masculina e feminina. A pessoa forma-se na relação com a figura de um pai e uma mãe, saindo dessa triangulação a individuação capaz de fazê-la pouco a pouco reconhecer-se como um ser portador de autonomia.

2.8 Ambivalência dos pais

Uma verdade é que a adolescência é difícil para filhos e para aqueles que com eles convivem. Os pais passam por um processo de desprendimento de um filho criança para uma relação com um filho que está crescendo, em verdade, um adulto que se constrói em meio à profunda angústia. Agora esses pais já não são os heróis da criança, mas têm que se adaptar a um novo lugar, qual seja, de humanos, demasiadamente humanos, com fraquezas, inseguranças e incertezas.

Esses pais vão começar uma relação cheia de ambivalência e, muitas vezes, de críticas. Veem-se diante de suas angústias também existenciais, causadas por fatores como envelhecimento, solidão, o paradoxo vida-morte, pois os pais estão também vivendo seus conflitos e, de certa forma, revisitando suas questões parentais, que envolvem a sua própria adolescência e suas resoluções. O filho aqui é a testemunha tanto do fracasso, quanto da realização. Na verdade, como aponta Aberastury (1983), o verdadeiro drama edípico se instala na adolescência. Com as mudanças corporais, o adolescente se define com o papel de procriador, e o filho agora se torna duplamente rival, se torna um competidor real e sério na situação incestuosa, que pode assumir a paternidade. Eis o que esse autor considera o verdadeiro drama edípico.

Estamos aqui também falando da ambivalência e a resistência dos pais e da sociedade em aceitar o processo de crescimento do adolescente. Esse processo leva o adolescente a abandonar o corpo infantil, construir uma identidade adulta e a se prender em uma ideologia para enfrentar o mundo. É sim difícil para pais e filhos, mas não devemos deixar de lado sua criatividade e felicidade, que também são características da adolescência (ABERASTURY, 1983).

Os conflitos vivenciados por pais e os seus filhos adolescentes decorrem muitas vezes dessa dificuldade de deixar que o adolescente elabore por ele mesmo os lutos necessários, por dificuldades suas de lidar com o crescimento do mesmo. É comum os pais terem dificuldades de aceitar o crescimento do filho, ou seja, lidar com desprendimentos nos dois processos, dos filhos e dos pais. Ou os pais reprimem toda tentativa de autonomia, como escolher o que comer, o que vestir, o melhor para estudar, ou dão ao adolescente uma imensa liberdade que o adolescente vive como abandono. São as dualidades liberdade-repressão; dependência/independência, aceita o crescimento/nega o crescimento.

2.8.1 O desenvolvimento da inteligência na adolescência

O rápido crescimento do corpo com suas alterações, como a maturação sexual, não é o único fenômeno que marca a adolescência, pois a atividade mental também passa por uma significativa reestruturação. Por exemplo, o adolescente já consegue compreender noções complexas como correlação, probabilidade, proporção entre outros conceitos, ele é capaz de refletir sobre conceitos e pensar em seus pensamentos, esse também é um fenômeno novo para ele.

Na adolescência, então, as transformações cognitivas fazem parte do centro evolutivo da experiência da vida. O pensamento é parte fundamental da vida subjetiva do sujeito. A adolescência é o momento em que aumenta a capacidade de estabelecer relações mentais, traz consigo uma profunda transformação do aparelho mental, que vai modificando o conjunto de experiências subjetivas, trazendo novos horizontes ao adolescente. Ele vive novos aspectos da vida influenciados pelo desenvolvimento cognitivo, por exemplo: atividade afetiva, personalidade social, pensamento lógico, autoimagem, entre outros (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012).

Considerada a importância da dimensão cognitiva no desenvolvimento psíquico dos indivíduos, vale a pena entender como se dá sua psicogênese em sua relação com os estímulos do meio social.

2.8.2 O desenvolvimento cognitivo no olhar de Piaget

Para Piaget (1896-1980), a inteligência humana diz respeito a uma forma de adaptação, sendo uma ampliação dos mecanismos de adaptação biológicos. A função da inteligência é organizar a realidade em estruturas que culminam no raciocínio formal do adolescente e do adulto. No que tange ao desenvolvimento da inteligência, Piaget continua a principal referência na contemporaneidade. Piaget dividiu o desenvolvimento em períodos/estágios, cada estágio se caracteriza por uma organização própria, numa estrutura funcional específica, cada novo estágio vai dando origem a uma reorganização das estruturas anteriores da mente, cada um com suas características cognitivas. Os estágios são os seguintes:

- a) inteligência sensório-motora: de 0 a 2 anos;
- b) inteligência simbólica e intuitiva (Período Pré-operatório): de 2 a 7 anos;
- c) inteligência operatório-concreta: de 7 a 12 anos;
- d) inteligência operatório formal: de 12 anos até a idade adulta.

Figura 1 – Estágios do desenvolvimento

Estágio	Idade aproximada	Capacidades
Sensório-motor	0 a 2 anos	Conhecimento do mundo baseado nos sentidos e habilidades motoras. No final do período, emprega representações mentais
Pensamento pré-operatório	2 a 6 anos	Uso de símbolos, palavras, números para representar aspectos do mundo. Relaciona-se apenas por meio de sua perspectiva individual. O mundo é fruto da percepção imediata
Pensamento operatório-concreto	7 a 11 anos	Aplicação de operações lógicas a experiências centradas no aqui agora. Início da verificação das operações mentais, revertendo-as e atendendo a mais de um aspecto
Pensamento operatório-formal	Adolescência em diante	Pensamento abstrato, especulação sobre situações hipotéticas, raciocínio dedutivo. Planejamento, imaginação

Fonte: Piaget (1967)

Compreendidos esses estágios, vamos nos deter na inteligência operatório formal, haja vista o foco de nosso trabalho. A adolescência traz consigo uma reorganização do aparelho conceitual. Por volta dos 12 anos, o pensamento hipotético-dedutivo vem à tona, o que permite que o adolescente elabore hipóteses diante das situações que lhe aparecem, e teste de modo sistemático a autenticidade delas, para, no final, então tomar uma decisão. O pensamento formal permite estabelecer relações entre o real e o possível (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012). O adolescente traz em si a capacidade de abandonar o concreto e de ter acesso ao abstrato, a hipótese e a dedução, então ele pode planejar atividades, estabelecer estratégias, ver as chances de dar certo e errado, para tirar suas conclusões.

O pensamento formal é uma das aquisições mais importantes da adolescência, ela dá acesso a uma ampliação do universo mental. Vejamos então algumas características do pensamento formal:

- a) ele é hipotético dedutivo;
- b) ele é capaz de funcionar em um nível abstrato, portanto ele é independente do conteúdo;
- c) permite resolver problemas multidimensionais (por exemplo, tempo, distância percorrida e aceleração);
- d) também é possível a operação a partir de operações (execução de operações de segundo grau).

Quanto a sua estrutura, o pensamento formal, no adolescente, eleva-se a partir de duas estruturas de conjunto 1) sistema combinatório ou lógica de preposições, por exemplo ele consegue trabalhar com combinatórias. 2) o grupo INRC que acrescenta dimensões que tornam o pensamento abstrato mais versátil e eficaz para tratar informações e resolver problemas, corresponde as esferas de organização da mente: identidade, negação, inversão, reciprocidade, correlatividade e reversibilidade (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012).

2.8.3 A metacognição

Estuda-se também a evolução do raciocínio adolescente relacionado a objetos de seu universo pessoal e social, isto é, a capacidade do adolescente de “pensar em seus pensamentos”, a isso chamamos metacognição. Essas tendências são beneficiadas pela tendência a introspecção da adolescência, uma grande parte dos adolescentes sente necessidade de introspecção que são reflexões sobre suas próprias experiências, sobre sua intimidade, seus sentimentos\emoções, sendo assim, eles ficam refletindo, tentando compreender o seu mundo interno e o mundo que os cerca, as relações sociais (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012). São as chamadas experiências metacognitivas:

As experiências meta cognitivas prendem-se com o foro afetivo e consistem em impressões ou percepções conscientes que podem ocorrer antes, durante ou após a realização de uma tarefa. Geralmente, relacionam-se com a percepção do grau de sucesso que se está a ter e ocorrem em situações que estimulam o pensar cuidadoso e altamente consciente, fornecendo oportunidades para pensamentos e sentimentos acerca do próprio pensamento. (RIBEIRO, 2003, p. 111).

Hoje se reconhece a importância da metacognição no processo de aprendizagem. O adolescente consegue pensar de forma abstrata, consegue não somente tirar regras, mas, a partir de suas experiências e observações, também refletir sobre suas próprias regras. Ele desenvolve uma reflexão sobre a sua mente, uma consciência de sua própria atividade mental.

Essa consciência tem várias repercussões, entre elas, compreensão dos outros, comunicação, atenção, memória.

Dessa forma, podemos pensar em como a escola pode auxiliar no desenvolvimento do adolescente e a estimular a metacognição. Cabe ao professor, nesse estágio do desenvolvimento, trazer para sala de aula as situações abertas de investigação, as resoluções de problemas complexos, sendo o adolescente chamado a escolher entre várias alternativas e a propiciar uma reflexão sobre as consequências dessas escolhas. Dessa forma, a eficácia da aprendizagem depende também da aquisição de estratégias cognitivas e metacognitivas, que possam possibilitar a esse estudante planejar e monitorar o seu desempenho escolar (RIBEIRO, 2003). Percebe-se que, atualmente, a reflexão sobre esse assunto é um desafio constante. Isto porque o modo como as escolas se organizam chega a ser desumanizante, não havendo espaço para sensibilidade, diálogo. Os jovens são, cotidianamente, tensionados a buscar resultados cada vez melhores e, dessa forma, vão sendo violentados pedagógica e psicologicamente.

2.9 O adolescente na sociedade

A adolescência traz consigo fatores individuais, culturais, social e históricos. Normalmente fala-se do exercício da liberdade. O adolescente inicia sua entrada no mundo adulto, o que exigirá dele a busca de uma ideologia para enfrentar o futuro.

Na resolução de problemas que envolvem valores éticos, intelectuais e afetivos, o adolescente ganha capacidade de lutar pelos seus ideais e de dialogar, começa a compreender a realidade que está diante de si, com exercícios de reflexão e probabilidades, projetos para o futuro, ideais, projetos de independência, sendo esse período vivido de forma ambígua, ora nostalgia e dependência, ora de necessidade de lutar por sua independência. Ora quer a presença dos pais e, muitas vezes, comumente, exclui o contato com os pais.

Os pais e mesmo a sociedade geralmente apelam para meios por demais rígidos como forma de coerção da liberdade da juventude. Na verdade, falamos do adolescente em crise numa sociedade em crise. Vejamos, por exemplo, os movimentos estudantis, muitas vezes vistos como rebeldia da juventude, mas que podem ser compreendidos como uma forma encontrada para a inserção do adolescente no mundo adulto, cheio de tensões e perturbações (ABERASTURY, 1983).

O normal é que os adolescentes, num estrato social que chamamos “juventude”, possam participar da sociedade com suas inquietações, sonhos, insubmissões e angústias. Talvez seja essa a essência da própria adolescência. João dos Santos esclarece:

Por que acusar os adolescentes de não serem como nós, se todo o envolvimento se modificou radicalmente, e se todos sabemos que nas famílias de hoje há poucas pessoas capazes de estar dez minutos com os filhos para conversar sobre qualquer coisa que não seja dos resultados escolares?! Os pais querem sobretudo que os filhos sejam profissionalmente eficientes, capazes de ganhar a vida, o que é importante, mas não é tudo. O jovem, individualmente, é talvez mais fraco do que era no nosso tempo, mas é coletivamente mais forte! (SANTOS, 1981, p. 1175-1177).

Percebe-se que existe um ideal cultural na contemporaneidade centrado na adolescência, como melhor fase da vida. Existe um olhar idealizado da nossa sociedade voltado, nos dias atuais, para a adolescência, no sentido de uma verdadeira idolatria ao ser jovem. Trata-se de uma visão sociocultural resultante da cultura do consumo excessivo e da hipervalorização da liberdade individual. (ROCHA; GARCIA, 2008)

2.10 A cognição social

A cognição social é um dos aspectos mais interessantes dos estudos nessa área. Trata-se de um aspecto importante da atividade intelectual, que se modifica entre 12 e 18 anos. Estamos falando aqui da compreensão do ponto de vista dos outros, dos seus sentimentos, pensamentos, intenções e atitudes.

O adolescente tem consigo um conjunto de ferramentas de compreensão social, ele é capaz de pensar no que as outras pessoas sentem e pensam e querem. A compreensão social do adolescente lhe permite integrar as suas próprias perspectivas com as dos outros. Ele pode nessa fase compreender que seu ponto de vista difere do outro, levando em conta essas divergências de interpretações, sua avaliação depende menos da aparência como na criança, e começa a perceber as motivações.

Sabe-se, no que tange à cognição social, que as influências afetivas e culturais provocam maiores divergências de uma pessoa para outra. Tal ganho, as inferências sociais, e os progressos nesse âmbito são muito importantes, pois, junto com o desenvolvimento da atividade mental, auxiliam o adolescente na adaptação social, auxiliando-o a compreender o universo social em torno de si (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012).

A cognição social está diretamente ligada aos modos como convivemos em sociedade. Precisamos de acordos de convivência para que haja a civilização/sociedade, o social impõe regras de convivência. Alguns não conseguem lidar bem com tais regras, muitas vezes violam direitos e deveres da demais pessoas, ou do Estado, como ocorre em casos de depredação do patrimônio público, os mais diversos desvios de condutas também entram aqui como um certo déficit na cognição social.

A sociedade contemporânea em desenvolvimento acelerado altera a estrutura comunitária. Nesta nossa sociedade ocidental, dois aspectos estão, entre outros, a modificar-se de forma muito rápida: a organização dos microgrupos, em particular da família, que formar grupos ou famílias de adolescentes que substituam os dos pais demasiado ocupados e demitidos. Os gênios nos tempos antigos aparecem mais individualmente, hoje, a genialidade é coletiva, está na juventude, mas muitas vezes perde-se numa marginalidade improdutiva, por falta de aceitação da sociedade dos adultos. (SANTOS, s/d, p. 1577-1590).

Quanto aos aspectos psicossociais na infância, a família e, depois, a escola são os principais grupos sociais da criança, provendo-a de garantias para suas necessidades. Na adolescência, a situação muda, pois a família, a escola e outras instituições sociais não

formam essas garantias e necessidades, ao contrário exigem do adolescente uma série de comportamentos, atitudes, posicionamentos de quem está aprendendo a ser adulto.

2.11 Sociabilidades: problemática da tecnologia da informação, comunicação, cultura midiática e audiovisual na era hipermoderna

Iniciamos nossas reflexões aqui trazendo o fato de que, no decurso da segunda metade do século XX, abriu-se um novo capítulo da história da comunicação, das imagens, do ecrã (da tela) e, portanto, do cinema: a TV e posteriormente os computadores portáteis. Lipovetsky e Serroy (2007) nos auxiliam nas reflexões sobre os ecrãs globais, compreendendo que a época hipermoderna é contemporânea de uma verdadeira inflação de ecrãs, que sufoca a sociedade de símbolos, de informações, de sons, de narrativas e de ideologias, sobretudo com o conformismo do consumo. Eles afirmam que a televisão é o primeiro grande vetor dessa transformação. A televisão trata-se de um bem doméstico e um fenômeno social de massas, essa democratização seguiu com novos e variados equipamentos; senão, vejamos: computadores pessoais laptop, Smartphones – celulares de múltiplas funções, ebooks, tablets, jogos interativos etc.

O ecrã televisivo (a recepção de imagens em domicílio, dando lugar a comentários, a atenção do espectador é distraída e flutuante) opera uma profunda ruptura com o cinema (a recepção de imagens se dá em lugares coletivos/públicos, o cinema suscita silêncio, o cinema monopoliza toda a atenção do público).

Nesse contexto, a televisão aparece cada vez mais como vetor para criação de estrelas e VIPs (*Very Important Person*), uma máquina de projetar ídolos, que todos os segmentos da sociedade, quem vestir-se igual, se igual física e mentalmente, viver os mesmos dramas, numa verdadeira espetacularização da vida. Se, por um lado, o pequeno ecrã acaba com a magia do grande ecrã cinema, por outro recupera sonhos e mitos por intermédio de um desfile permanente de famosos, estrelas de TV e ídolos. Crianças e adolescentes, jovens e adultos de hoje permanecem ligados, por via dos seus equipamentos eletrônicos, dos seus celulares, seus computadores (*internet*), seus *tablets*, que oferecem um conjunto de ecrãs, com imensa oferta de imagens, de sons, de símbolos, de narrativas e de entretenimentos.

Estamos numa sociedade cada vez mais informatizada, interconectada, informacional, vivendo conectados na *internet*. Estando no centro de uma rede cuja extensão

marca os atos da vida cotidiana e os modos de subjetivação. Uma rede sob controle das grandes corporações financeiras e da “indústria de consciência”. Nunca o homem dispôs de tantos ecrãs para ver o mundo e viver sua própria vida, num ciclo de realidades esquizofrênicas e de virtualidades alienadas. E sabe-se que as proezas da tecnologia *high-tech* tendem a expandir-se e acelerar cada vez mais, aumentando por sua vez o controle sobre a liberdade do homem e a sua livre expressão, embora, de forma contraditória, essa novas tecnologia ofereçam também o fascínio do individualismo narcísico e da afirmação egóica nas redes sociais. Vivemos uma era em que um número cada vez maior de indivíduos ter acesso aos meios de comunicação de forma hiperindividualista, segundo os seus gostos, seus humores, seus tempos próprios. Claro que a lógica do espetáculo prossegue e até se amplifica o grau de alienação. Sabemos que a evolução tecnológica é um fato social, e que ela é subjetiva, interferindo nos modos de subjetivação. Estando presente na realidade das famílias e escola. Senão vejamos a fala dos entrevistados,

Sabemos que, nos tempos atuais, as tecnologias interferem nas relações juvenis, as tecnologias são incorporadas pela juventude. Influenciam na construção de suas identidades, nas sociabilidades, nos modos de aprendizagem, inclusive no senso de pertencimento coletivo (SOUSA, 2015). Diante disso tudo, podemos dizer que a escola é uma instituição que está em crise. Os aparatos da hiperconexão, com seus aparelhos móveis de comunicação e informação, os computadores de mão e os telefones celulares, todos com acesso à internet se inserem nos corpos e subjetividades de crianças, adolescentes e jovens. De acordo com SIBILIA (2012), essa mudança radical contemporânea está afetando em muito o funcionamento da escola, fazendo crescer, dessa forma, a inconformidade dos jovens dentro desse espaço. Os alunos se sentem cada vez mais entediados, entre as paredes dos colégios, que continuam a discipliná-los. Fora dos muros do colégio as redes de relações no campo das interconexões, ligados à internet aumentam significativamente. Desafio posto à escola, que cada vez se percebe mais enfraquecida e deteriorada, em tempos de dispersão e falta de atenção dos alunos. As aprendizagens e sociabilidades dos jovens estão ligadas à evolução das tecnologias de comunicação e informação, principalmente a *internet*. Hoje o *facebook* reina entre as redes sociais que os jovens utilizam, pois é a maior em número de usuários ativos, sendo os mais jovens uma boa parcela desse contingente.

Vale salientar que individualização não é reclusão. Sobre isso, Lipovetsky e Serroy (2007) nos apontam duas visões diametralmente opostas do cibernundo: a primeira se exprime pelo entusiasmo dos que zelam pelo imediatismo, da velocidade, e da interatividade

tornadas possíveis pela comunicação hipertecnológica; e outra visão, em que é considerado ser o culto da *internet* uma ameaça para o vínculo social, na medida em que com o ciberespaço, os indivíduos se comunicam entre si, mas nunca se encontram.

É possível pensar uma educação escolar e familiar que venha ao encontro do que o aluno de hoje necessita, diante de todos esses desafios sociais e ofertas tecnológicas, o que exige compreender a complexidade do campo da educação em geral, de maneira a que possamos, ao captar a dinâmica contemporânea, vislumbrar horizontes mais criativos e propositivos de investigação na atuação como psicólogos e educadores.

2.12 Os filhos órfãos na sociedade contemporânea

No mundo contemporâneo, é comum o termo “sociedade dos filhos órfãos”, tratando-se de crianças e adolescentes abandonados. Um tipo diferente de abandono, a maioria tem pais, convivem com eles, numa sociedade que tem passado por uma transição dos modelos de família. São abandonados funcionais, estão cercados de adultos que estão no mundo e na vida se comportando como eles – pessoas que se negam a maturidade, e podem até ter uma vida pública respeitada, são adultos com dificuldade de lidar com as questões do tempo, maturidade, envelhecimento, têm dificuldades enormes de criar os próprios filhos, geri-los na vida e serem guias para eles fazerem suas travessias.

Adultos que fogem de todas as formas para não exercerem essa função: comem, trabalham, drogam-se, tudo para não abandonar a própria adolescência e encontrar o sentido único e intransferível de suas próprias vidas. A consequência disso pode ser vista como um número enorme de “filhos órfãos” em nossa sociedade (SINAY, 2012).

Há nesses adultos grandes fantasmas do inconsciente que vêm à tona: medo, insegurança, negligência, desamparo, o que os leva a buscar soluções fáceis para criar e educar os próprios filhos, desde exercícios espirituais importados que prometem a felicidade, até todas as formas de terapias novas e rápidas como forma de não aprofundar a questão tão urgente e necessária de olhar e encarar as próprias questões (inclusive de sua própria infância e adolescência) para poder cuidar, educar outro ser. A indústria dos livros, dos cursos e dos DVDs de autoajuda não pode resolver essa questão dos pais, nem os leva a uma mudança qualitativa na relação com os filhos, que, muitas vezes, apenas exigem presença e amor.

Os filhos da orfandade estão sendo criados com o alimento de todo lixo da indústria cultural ocidental, qual seja, o comércio inescrupuloso vigente em nosso tempo, com todo o trabalho de marketing para o público infanto-juvenil, todo tipo de manipulação ideológica, pelos novos ecrãs, qual seja *internet*. Sufocados estão por todos os lixos cibernéticos e todas as espécies de mídias sociais, geralmente produtoras de uma tecnologia vazia de sentido, despejando uma série de banalidades e subestimando a mente dos jovens.

Existem, porém, os intelectuais da contemporaneidade que são mais otimistas. De acordo com Lévy (1999, p. 16), “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem”. Lévy ressalta ainda que é importante que permaneçamos abertos e receptivos em relação às redes digitais, apontando que entende que nem tudo que é feito na internet é bom. Segundo ainda o autor, o mais importante é reconhecer as “mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes, segundo ele, de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista” (LÉVY, 1999, p. 17). Senão vejamos,

Meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. Aqueles que denunciam a cibercultura hoje têm uma estranha semelhança com aqueles que desprezavam o rock nos anos 50 ou 60. O rock era angloamericano, e tornou-se uma indústria. Isso não o impediu, contudo, de ser o porta voz das aspirações de uma enorme parcela da juventude mundial. (LÉVY, 1999, p. 16)

Apontamos também que muitos jovens da atualidade estão sendo criados ou educados pela televisão, pelos *fast foods*, pelos comerciantes da educação, com seus experimentos pedagógicos vendidos como “modernos” e “avançados”. Por outro lado, os chamados “filhos da orfandade” estão sendo educados pelos traficantes de drogas, pelos consultórios lotados de psicólogos e psiquiatras e pelo enorme processo de medicalização da infância e da adolescência; ou seja, estão sendo educados pelos psicofármacos (SINAY,

2012). No seu conjunto, os jovens de hoje são educados por valores como consumismo exacerbado e relações líquidas, na conceituação de Bauman (2001).

Ao falar de orfandade, Synay (2012) não está falando apenas das crianças abandonadas, as marginalizadas, mas também de pais ausentes, por inúmeros motivos: dificuldades em abandonar a própria adolescência, dar-se conta do paraíso perdido da infância; dificuldades em lidar com a “castração”; portanto, são incapazes de “castrar” seus próprios filhos, ou seja, medo de geri-los e educá-los, dar-lhes limites e falar-lhes “não!” Tais limites funcionariam como ações estruturantes na educação das crianças e jovens.

Sigmund Freud há tempos conceituou como complexo de castração, o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança, quando ela percebe a diferença anatômica entre os sexos. Segundo ROUDINESCO e PLON (1998), em conceituação posta no Dicionário de Psicanálise, temos:

[...] como indicam Jean Laplanche e Jean Bertrand Pontalis, para que o complexo de castração continue a ser pensado na categoria da fantasia*, quando se trata da ameaça, e na do originário, quando se trata da articulação com o Édipo. O complexo de castração, sublinham os mesmos autores, deve também “ser referido à ordem cultural”, com o que isso implica em termos da proibição. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 106).

Portanto, a maternidade e paternidade, quando não se tornam um exercício responsável e reflexivo e de amadurecimento para todos os envolvidos nessa função, acabam sendo vistos como eventos biológicos; ou seja, uma experiência que se baseia somente na procriação, e não pelo respeito à vida criada e à responsabilidade de cada sujeito para com a humanidade da qual fazemos parte. Transformar esse evento biológico na experiência significativa e plena de sentido de educar um filho, de auxiliar no aperfeiçoamento de uma vida humana é um processo que exige uma consciência desperta, que requer um exercício diário e consciente, que requer compromisso e amor (SINAY, 2012). A esse respeito, assim pensa João dos Santos:

A Sociedade está em evolução acelerada e é urgente que os pais se apercebam se caminhamos para luz e progresso ou se nos dirigimos para o abismo. A sociedade transforma-se, a família modifica-se e os pais perderam muita espontaneidade e instintividade na atuação na chamada ‘arte de educar’. A educação foi desde a pré-história tarefa coletiva das comunidades, mas sempre com base num fazer e mostrar-se a fazer, o que origina os modelos educativos. Os modelos atuais são cada vez mais teóricos e abstratamente teóricos [...] não se pode educar apenas através de normas, regulamentos e receitas emitidas pelas enfermeiras, assistentes sociais, médicos e professores... A educação ou é a transmissão de algo que existe realmente em nós ou não é educação. (SANTOS, 1989).

Sabe-se que adolescentes precisam, para um bom desenvolvimento, de uma boa dose de afeto, de pais ativos e firmes nessa tarefa de educar e atuar como guias na travessia da difícil jornada chamada vida. No entanto, mães e pais com dificuldades em lidar com suas próprias questões ligadas à “castração”, limites e autoridade têm dificuldades de exercer tal função com os próprios filhos. Muitas vezes, os pais, por terem medo, insegurança de educá-los, transferem essa tarefa para todas as outras instituições possíveis, para a *internet*, para o consumismo, a vaidade, muitas vezes, a saída pode ser transformar esse filho num troféu de que o narcisismo desse pai e dessa mãe precisa.

O que se percebe na sociedade contemporânea é, portanto, a triste realidade destrutiva e de tamanho desalento do número cada vez mais crescente de filhos órfãos. O que nos faz pensar que o tempo histórico em que vivemos e a cultura em que estamos imersos nos clarificam o contexto social do qual estamos falando. Aquilo que Bauman (2001) chama de modernidade líquida, na sociedade em que vivemos, pautada por relações líquidas, uma cultura das tecnologias vazias, que leva à cultura da banalidade, do consumismo desenfreado; trata-se de uma sociedade narcísica, hedonista, cruel, submetida à ideologia do capitalismo liberal, cultura da fugacidade, do prazer fugaz, das mídias sociais com sua tecnologia de inúmeras conexões, mas de pouca comunicação; tudo isso envolve uma cultura do poder, cultura do prazer desenfreado, dificuldade de lidar com liberdade, sociedade das drogas, sociedade do desencanto, da destruição, da desintegração (SINAY, 2012).

2.13 Delinquência juvenil

A delinquência juvenil refere-se aos atos criminosos cometidos por crianças e adolescentes. É comum em diversos países punições e procedimentos legais diferenciados para quem comete crime e é maior de idade e os delinquentes juvenis. A delinquência juvenil é um fenômeno de forte problematização social e política. Para compreensão do conceito, termos que ter em mente o conceito de “subcultura”. Ao lado de uma cultura nacional, oficial, com ideais morais e normas de conduta elementares, existe uma “subcultura”, como que uma parte do todo, formando a sociedade marginal, que mostra outro sistema de valores à margem da cultura geral/oficial e na qual a delinquência encontra o seu campo de ação. O termo delinquência juvenil foi usado pela primeira vez na Inglaterra, em 1815, por ocasião do julgamento de cinco meninos, na faixa etária de 8 a 12 anos de idade.

Para Luzes (2010), o problema da delinquência juvenil tem tomado cada vez mais maior importância na contemporaneidade como centro das reflexões e debates, haja vista ser um dos problemas mais preocupantes da atualidade em todo mundo. Toda nação que pensa no futuro se preocupa com essas questões. Essas reflexões se somam à preocupação de como erradicar as causas dos distúrbios e das crises mais acentuadas, como melhorar o bem-estar social da criança e do adolescente, como determinar medidas de prevenção, como tratar essa importante parcela da população, de modo a incluí-la no processo social estabelecido.

O termo delinquência tem vários sentidos, mas, nas práticas, trabalha-se mais com o sentido jurídico do ato delituoso e com o sentido psicológico. A Teoria Psicanalítica reconhece que existem jovens que sofrem da delinquência patológica, indivíduos que transgridem a lei não por escolha racional, mas por extrema desorganização psíquica. Haveria assim uma falência da função paterna. Essa criança/adolescente, não encontrando limites em si mesma, não é capaz de enxergar o outro. No sentido jurídico, a delinquência consiste em atos que infringem as regras de condutas normatizadas em uma sociedade.

Tem crescido cada vez mais o interesse de pesquisadores na área de situações de violência envolvendo adolescentes, considerando estes como comportamentos antissociais, violentos e criminosos (GAUER; VASCONCELOS; DAVOGLIO, 2012). Entre as causas da delinquência juvenil, os estudos apontam os seguintes: afastamento escolar; convívio com pais alcoólicos ou dependentes químicos; afastamento familiar; exclusão do jovem por meio da privação de bens e/ou serviços, riquezas, benefícios ou oportunidades; problemas escolares (aprendizagem e/ou comportamento); dependência de jogos eletrônicos e *internet*; disposição a problemas psicopatológicos; questões de ordem socioeconômica; divórcio dos pais; uso/abuso de drogas, entre outros.

O sociólogo Anthony Giddens (2001) define desvio como uma não conformidade com um conjunto de normas que são aceitas por um número significativo de pessoas em uma sociedade. Aponta que,

[...] a criminalidade juvenil está geralmente associada a atividades que, estritamente falando, não são crimes. O comportamento antissocial, as subculturas e o inconformismo nos jovens, tudo isso, pode ser visto como delinquência, mas não constitui de facto uma conduta criminosa. (GIDDENS, 2001, p. 233).

O comportamento desviante não pode ser associado apenas aos que cometem crimes. Faz-se necessário não generalizar todo comportamento desviante como criminoso. É

de extrema importância pensarmos essas diferenças, ao observamos as complicações e as vulnerabilidades inerentes ao mundo dos jovens.

Negreiros (2015) aponta que hoje é consenso reconhecer que as intervenções na área da Delinquência Juvenil exigem a observação de um conjunto de requisitos, como a avaliação do comportamento antissocial do adolescente feita em consonância com suas características e diferentes formas de expressão.

Para Santos (1981), uma das formas de se prevenir a delinquência juvenil seria a melhoria das condições de vida da população, tornando-se necessária uma política de proteção, principalmente para as famílias mais numerosas (mães com vários filhos) e por isso, segundo índices, mais vulneráveis, passando por serviços de proteção nas maternidades voltadas ao vínculo mãe-bebê até as políticas de higiene, saúde e educação geral. Percebe-se claramente que a vida nos grandes centros urbanos é dispersiva e perturbadora para crianças e jovens.

No Brasil, dados podem ser visualizados sobre a participação de jovens das periferias urbanas em situação de vulnerabilidade social, que são assunto cotidiano de comissões parlamentares, crônica policial e indicadores demográficos do próprio IBGE. Em matéria do jornal *Folha de São Paulo*, de 5 de junho de 2018, dados sobre essa violência sobre os jovens de classes sociais desvalidas são apresentados com base em levantamento demográfico oficial do Atlas da Violência 2018 do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública).

Segundo esse levantamento, jovens de 15 a 29 anos foram vítimas de homicídio, entre 2006 e 2016, apontando um crescimento de 23 por cento, fazendo um total de 33.590 vítimas. (Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/assassinato-de-jovens-cresce-e-pais-tem-325-mil-vitimas-em-11-anos.shtml>. Acesso em: 1º jun. 2019). Há dados mais atuais sobre essas ocorrências, relativos aos 3 últimos anos, que mostram a gravidade dessa situação da juventude pobre brasileira. Essa violência é causada por envolvimento em tráfico de drogas, pois os traficantes seduzem até crianças para esse comércio ilegal, submetendo-as a forte controle que pode levar à sua eliminação; as perseguições policiais também causam mortes todos os dias nessa faixa de idade, famílias vulneráveis e classe social pobre. Essa realidade adentra a escola pública, causando também um ambiente de violência que atinge, por vezes, professores, alunos e funcionários. Contudo, o recorte deste estudo não contempla,

lamentavelmente, esse fenômeno, em função dos objetivos aqui estabelecidos, uma temática que poderá vir a ser, inclusive, a sua continuidade, pois temos a pretensão de continuar aprofundando estudos sobre a adolescência no Brasil, em suas diferentes situações, segundo a classe social dos envolvidos.

2.14 Olhar a adolescência com outros olhos

Como já foi explicitado, a adolescência é uma fase marcada por diversas transformações de comportamento, corporais e hormonais, que, muitas vezes, acontecem no bojo de uma intensa crise social e existencial. O adolescente passa por diversas mudanças nessa fase da vida, entre elas, a *puberdade*, fase inicial da adolescência, caracterizada pelas transformações físicas e biológicas no corpo dos jovens. São também de grande relevância os conflitos gerados pela não aceitação dos modelos comportamentais e sociais impostos pela sociedade dominante, podendo também, ao mesmo tempo, haver uma assimilação acrítica de padrões de conduta.

Ao tratarmos o tema “juventude”, estamos a tratar de um tema sociológico que mexe com muitos sujeitos, com angústias e crises profundas, gerando os mais diversos pensamentos e emoções quando em contato com o nosso objeto de estudo – o ser humano particular – representado por um adolescente real, ainda imaturo, mas já chamado a enfrentar os desafios da vida e a integrar uma vida adulta, em um mundo que não construíram e que, muitas vezes, não compreendem.

Santos (1981) afirma que muitos dos profissionais da área da educação e saúde não estão preparados para trabalhar com a fase em questão e nos diz que existem mesmo aqueles que odeiam a juventude pela sua turbulência. Segundo o autor, essas pessoas são aquelas que não souberam proteger e amar, quando necessário, ou ainda aqueles que não aceitam a juventude em si mesmas.

É a adolescência uma fase de extrema importância na constituição da pessoa adulta. Segundo Amaral Dias (1979), os problemas levantados à adolescência, por uma cultura em crise, encontram na delinquência um revelador de dificuldades, no que tange ao jogo de identidades.

Dessa forma, percebemos que vivemos num mundo onde os valores de consumo clamam tão alto e as novas formas de alienação se impõem, refletindo assim sobre o papel do jovem e da educação no novo paradigma social e na sociedade possível nas ruínas de uma civilização capitalista que fracassa em várias frentes. Para LIPOVETSKY (2007), a felicidade na contemporaneidade é o hiperconsumo. Assim, o homem da contemporaneidade, vivendo na nova cultura cotidiana, presta culto aos prazeres do corpo e às sensações imediatas, aos prazeres dos sentidos e aos prazeres do presente. Na atualidade, segundo o autor, cada vez maiores são o consumo e a necessidade de consumir, promovendo assim uma “mercantilização” dessas necessidades.

De acordo com TRANCOSO e OLIVEIRA (2014), o termo “adolescência” é mais utilizado na área da Psicologia e está mais relacionado com as mudanças no comportamento, na personalidade e na mente. Já o termo “juventude” é utilizado comumente pela Sociologia e está ligado ao processo de socialização e suas decorrências. Fala-se em juventude como tempo de transição. No mundo moderno, as próprias condições da vida adulta se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade. Essa transição pode ser entendida como uma marca da própria existência humana:

A partir da juventude podem ser construídos indicadores mais específicos, sensíveis para as questões culturalmente atribuídas. Pode-se ainda, assinalar tendências, auxiliar a apreensão da realidade em suas dimensões mais complexas, indiretamente através de suas manifestações nesse grupo social. Nessa perspectiva, o estudo das culturas juvenis se converte em potente espaço para medição desses indicadores (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2014, p. 271).

Há quem diga que a explosão-renovação do mundo se dá em função da juventude questionadora e inquieta, que não aceita os padrões culturais e sociais impostos de forma autoritária por uma sociedade baseada na competitividade, no consumo, no materialismo e nos paradigmas do mercado. A juventude espera muito mais da vida e do ser no planeta Terra.

Precisamos olhar a adolescência com outros olhos e, na interdisciplinaridade das ciências sociais, agir com afeto e sensibilidade. Daí a função redentora das artes no processo educativo da criança e do adolescente, tão recorrentes nas políticas sociais voltadas para essa faixa etária. Isto porque as artes alcançam sensibilidades, arquétipos, símbolos e transcendências libertárias, que, muitas vezes, a ciência não alcança.

2.15 Família um conceito em evolução

Discutiremos agora o conceito de família. A ideia de família vem de uma evolução, por meio de vários estágios do desenvolvimento social. A família patriarcal e monogâmica tem sido apontada como um modelo de família moderna. Nessa discussão, algumas questões que nos interessam mais: Como se originou a família? Qual a função fundamental da família? Qual a finalidade da sua evolução da instituição familiar? A família vai acabar algum dia?

Para Morgan (2014), em seu estudo intitulado *A Sociedade Antiga*, ao pensar a família antiga, o autor distingue cinco formas diferentes de família: 1) A família consanguínea, que tem como base o intercasamento de irmãos e irmãs carnais e colaterais, dentro do grupo; 2) A família punaluaana, fundamentada no casamento de várias irmãs, carnais e colaterais com os maridos das outras no interior de um grupo, os maridos e as esposas não eram necessariamente parentes entre si.; 3) Família sindiásmica ou de casal, versa sobre o casamento entre casais individuais, sem necessariamente existir a necessidade de coabitação; 4) A família patriarcal, funda-se pelo casamento de um só homem com várias mulheres; 5) A família monogâmica, tendo como base o casamento de casais individuais, com a obrigação de coabitação.

Freud (1996), em *Totem e Tabu*, fala do banquete totêmico, em que o clã mata de forma cruel o seu animal-totem e o devora cru. Depois do fato consumado, o corpo vai ser lamentado, existe nesse pranto também um temor do castigo advindo de tal crime, tendo a função também de tirar do clã a responsabilidade pelo fato acontecido. Depois do pranto, vem a festa alegre e cheia de barulhos e sons, em que são permitidos todos os instintos. Portanto é a festa que comemora a permissão de se fazer algo proibido (matar e devorar cru o animal-totem).

A Psicanálise revelou que o animal-totem é a substituição do pai. Então falamos de uma atitude afetiva ambivalente. Então podemos ler um dia: existiam irmãos que se sentiam oprimidos por esse pai, por isso mataram e comeram o pai, pondo um fim à horda paterna. Eles são canibais primitivos, matam e comem o pai. Ao comerem o pai, identificam-se com ele, tomam para si a força deste. Essa é a primeira fase da humanidade. Existem dois tabus no totemismo, em que se inicia a moral humana, o primeiro era a atitude de respeito em frente do animal-totem e o segundo tabu é a proibição do incesto. A religião totêmica surge

como forma de lidar com a culpa. A horda paterna foi substituída pelo clã fraterno, unidos pelo sangue.

Para a psicanálise, cada um configura o próprio Deus à imagem do pai, trazendo à vida o antigo ideal paterno. Com a instituição das divindades paternas, a sociedade que já não tinha pai vai se modificando pouco a pouco em sociedade patriarcal. Seguindo por Cristo, que, tendo sacrificado a própria vida, redimiu todos os irmãos do pecado original. Para Freud, a religião do pai é substituída pela religião do filho. Compreender a família tem em sua base o complexo de Édipo.

Para Engels (1984), em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, a família monogâmica se origina da família sindiástica, baliza-se no poder do homem, de ter filhos em que sua paternidade não fosse contestada, esses filhos seriam herdeiros diretos e um dia teriam posse sobre a herança paterna. Desse modo Engels (1984) evidencia que somente o homem tem o direito de romper e de não querer mais a mulher. Não era dado esse direito à mulher. A infidelidade por parte do pai da família também era concebida. A monogamia não foi fruto do amor sexual individual, o casamento continuou a ser o que era, uma convenção, sendo então o casamento, a procriação dos filhos para administrarem a herança paterna as únicas finalidades da monogamia.

Wilhelm Reich (1979), estudioso alemão da sexualidade e juventude, propôs unir o materialismo dialético e a psicanálise, sendo o primeiro a compreender a estreita relação entre os interesses do domínio de classe e a repressão sexual na reprodução do próprio domínio; proclamava que devia ser a revolução sexual em si a permitir o processo libertatório para o indivíduo e a sociedade, deixando de lado a concreta dinâmica histórica. REICH (1976) defendia a realização de uma genitalidade plena, ou seja, a libertação da sexualidade genital. Por conta de sua teoria Reich, foi perseguido e preso, sendo depois internado em instituição psiquiátrica.

Henry Wallon (1879-1962) foi psicólogo, filósofo e médico francês, que teve a afetividade como tema central dos seus estudos. Ele nos fala da enorme importância da afetividade na vida da criança e da família. O vínculo que a criança tem com seus familiares, é o princípio do conjunto de estudo sobre a afetividade. É na família que a criança tem o primeiro contato com duas fortes emoções, quais sejam, o amor e o ódio. É na convivência familiar que os limites dessas emoções são dados e cada criança vai responder a medida do

limite prescritos por seus pais. A afetividade, é um laço importante para todos que querem formar crianças mais felizes na família e na escola.

Segundo estudos sociológicos, como o de GIDDES (2005), na contemporaneidade, os movimentos pela libertação da mulher, a luta pela igualdade de sexos numa sociedade em avanços galopantes do capitalismo, os progressos científicos em relação aos anticoncepcionais e métodos contraceptivos, revoluções no campo da sexualidade, liberações de relações pré e pós conjugal tornam o casamento, da forma clássica, cada vez mais ameaçado.

Para pensarmos o tempo contemporâneo, uma importante reflexão faz Ulrich Beck, ao pensar as novas configurações de família, quando se interroga:

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais. (BECK *apud* BAUMAN, 2001, p. 13)

Comentando essa citação, Bauman fala sobre uma redistribuição e relocação dos poderes de “derretimento” da modernidade (BAUMAN, 2001). Esse trânsito e deslocamento de fronteiras tradicionais familiares é perceptível na sociedade contemporânea.

2.16 Concepção de família em Philippe Ariès

Philippe Ariès (1978), em *História social da Criança e da Família*, diz-nos que a família medieval se caracterizava por certa ausência de afetividade entre as crianças e seus pais, pois não havia lugar para privacidade, quase tudo era público, sendo a função da família assegurar a transmissão da vida, dos bens materiais, do nome.

No século XV, as crianças eram conservadas em casa até 7 ou 9 anos, depois eram mandadas para escola ou para a casa de outras pessoas, onde ficavam até os 14 ou 18 anos. Nessas casas, podiam viver e tinha por finalidade aprender um ofício. Aprendiam também a servir, e recebiam a denominação de aprendizes. Como as famílias não ficavam com suas crianças, as relações afetivas eram bem diferentes das que temos hoje. As relações entre aprendizes e mestres, por vezes, se tornavam mais importantes que entre os pais e seus filhos.

Na vida medieval europeia, as crianças participavam ativamente da vida dos adultos, pois não havia nenhum tipo de segregação.

Para ARIÈS (1978), a partir do século XV, começa a haver uma transformação na realidade e nas relações intrafamiliares. Percebendo-se um aumento da frequência escolar no século XVII, já existiam textos sobre a questão da educação, e faziam referência sobre a escolha das instituições de ensino, surge uma preocupação, com a boa educação. Há uma acentuação do papel dos pais, que agora já participavam de forma muito mais ativa na educação dos filhos. Modificando o modelo familiar, a criança passou a ser um expoente de preocupação dos pais. Começou a ser valorizada, e os pais passaram a se preocupar com sua educação e trabalho futuro.

A família e a escola vão ser os dois principais fatores para a saída das crianças do mundo dos adultos. O sentido de intimidade ganhou mais espaço à medida que o homem se afastava dos lugares públicos. A família moderna tem como polo básico a sua nuclearidade – pais e filhos, não se misturando com a coletividade a não ser em situações bem demarcadas. Uma grande parte da população pobre, ainda no século XIX, vivia de acordo com o modelo medieval, contudo, aos poucos, nos grandes centros foi se desenvolvendo o sentimento de intimidade familiar. Acentuando a questão das preocupações com os cuidados materno infantis, com a escolaridade, com a adolescência, com os fenômenos psicológicos, o sexo, etc. (FREITAS, 2002).

Como já discutimos, anteriormente, a adolescência é um dos momentos mais conturbados na vida do ser humano. Vimos, com ABERASTURY E KNOBEL (1989), que as características da adolescência não devem ser vistas como sintomas, ou algo patológico, mas propõe a crise de adolescência normal. Esse momento tumultuado acaba sendo visto como normal, no sentido de sua regularidade, no tipo de organização social que temos.

Com a ajuda de FREITAS (2002), sabemos que os pais, que, até determinado momento, lidavam facilmente com as crianças, ao terem de se defrontar com o adolescente, com suas contestações, por vezes agressivas, sentem-se completamente perdidos. Tanto adolescentes, quanto pais, têm grandes dificuldades com esse período da vida; muitos pais, por não compreenderem e aceitarem o quadro de mudança comportamental dos seus filhos, acabam afastando-se deles.

A dificuldade de viver esse processo faz parte do seu desenvolvimento, pois caso fique sempre criança, significará uma fixação numa fase anterior da vida, caso se torne adulto, poderíamos falar em uma adultização precoce, também uma patologia.

2.17 Família por João dos Santos

João dos Santos tece suas ideias de família se apoiando em Friedrich Engels, Sigmund Freud, Henri Wallon, Lewis Morgan, Wilhelm Reich e Jacques Monod.

Para ele, falar de família é falar de uma instituição em permanente mudança. Por isso, Santos (1989) se posiciona em defesa da criança e do adolescente, nos esclarece a importância de a criança nascer e crescer numa família amorosa, preocupada, é uma necessidade da criança sentir-se amada e protegida. Ele ratifica para que as crianças sejam bem cuidadas e compreendidas *no aqui e no agora* de suas vidas, o que fazemos quando as estimulamos a enriquecer o seu mundo interno.

Estudando a evolução da família nas sociedades históricas e as estruturas dos grupos do tipo familiar das épocas pré-históricas, somos levados a pensar que os nossos conceitos de família nunca estão actualizados e, sobretudo, nas fases de crise social. Importa, no entanto, ter consciência de que alguma coisa se pode prever e que se deve estudar a evolução da família para prevenir as consequências do que poderá ser um homem criado sem amor. A psicologia e a psicanálise mostraram que muitas perturbações infantis, juvenis e de idade adulta têm origem no abandono das mães e da criança. Mas, as mesmas ciências mostraram também que o abandono não é só material mas, essencialmente, abandono afectivo. (SANTOS, 1989, p. 977-982).

Santos aponta que, na evolução da família, caminhamos para um tipo de família cada vez mais nuclear, e, para Santos, o caminho a se seguir no futuro deve ser o de fortalecer cada vez mais esses laços familiares. Esse agrupamento de pessoas a que se deu o nome de família sempre evoluiu e, quando chega à beira de sua extinção ou de seus limites, ela se reinventa, renasce sempre que o encontro intersexual der a possibilidade natural de geração de uma criança, bebê esse que não pode sobreviver sozinho, mas vai precisar de uma mãe afetivamente significativa, apoio de um pai e de apoio de um grupo.

É necessário que um adulto equilibrado, uma família equilibrada ajude a criança a estruturar sua personalidade, no amor, na aprovação, na confiança, no carinho, no respeito, encontrando assim um ambiente de alegria e descobertas para viver, criar e descobrir o mundo, a si mesma e aos outros.

Refletindo sobre a necessidade de amor e de compreensão que tem as crianças. Necessidade de um lar, onde o fogo da lareira da civilização, do verdadeiro fogo do amor possam encontrar-se sem se destruírem. Necessidade de um lugar onde haja com que construir [cofres] para as crianças guardarem as suas coisas, as suas recordações, para que elas possam organizar um passado que lhes sirva, no futuro, de grande reservatório para a sua imaginação criadora. Necessidade de flores para as crianças conversarem e aprenderem a própria essência da vida humana, o objetivo último de todo ser sensível: ter acesso ao diálogo interior. Possuir um tesouro dentro de si próprio. (SANTOS, 1983, p. 211 *apud* BRANCO, 2010, p. 404).

A família é o lugar onde nesse tempo histórico grandes ensinamentos acontecem, as grandes lições começam com as lições de amor que vivenciamos em nossa família, o amor de uma mãe, seus cuidados, seu afeto, seu olhar é marcante na vida de um filho. Relação de um homem futuro pai e uma mulher, futura mãe, houve um encontro de amor. Ao menos deveria ser, se esse filho for vivenciado apenas como mero acidente em que pai e/ou a mãe, que seria mais drástico, se ausentarem física ou afetivamente da responsabilidade com aquela criança, com aquele adolescente, seria bem difícil propiciar o ambiente necessário que auxilia na formação da personalidade dessa criança.

A ideia mais basilar de João dos Santos sobre família é a seguinte:

A instituição da família teve, desde a origem e sempre terá, como objetivo principal e finalidade a proteção da criança [...] a família nunca poderá desaparecer, sob pena de desaparecimento do homem, da própria civilização. (BRANCO, 2010, p. 378).

Dessa forma, o casamento como instituição social parece ser, aponta Santos, a limitação dos nascimentos e a proteção da criança (SANTOS, 1981). A função da mãe é primitiva. Afirma ser de importância extrema a família para o equilíbrio do futuro indivíduo e para uma inserção saudável na sociedade. Ao falar sobre a crise do casamento, diz-nos:

As relações intersexos sempre estiveram reguladas por princípios, normas, leis e rituais; em todas, alguma coisa transcende a própria consciência do homem, alguma coisa que está implícita na essência da tragédia grega e, em particular, na história do Rei-Édipo, Jocasta e de seu pai Laios de Sófocles. O importante parece ser, que todos vivemos o drama de ter de obedecer a algo ou alguém que nos precede, nos submete e nos integra, como se o casamento fosse alguma coisa que se impõe tanto aos filhos como aos pais. A questão de saber se “seremos a última geração que se casa”, parece-nos tão estranha como poderia ser esta outra: seremos nós a última geração que pensa? (SANTOS, Locais do Kindle 992-995). Product Solutions Catalysis Ltd. Edição do Kindle).

Ainda sobre a crise do casamento, nos tempos atuais, esclarece Santos:

Não há apenas uma mas várias crises relacionadas com o desenvolvimento social, porque a instituição do casamento entra em crise quando as outras instituições sociais também entram. A família conjugal pode até desaparecer. Mas dado que a família não pode separar-se da evolução psicológica, mental, espiritual e ideológica

do homem, bem como da evolução das sociedades humanas e de um *socius* e *palavra* que sejam, para os novos seres que nascem referência e garantia de pertença às raízes profundas que promovem a sua continuidade. (SANTOS, 1983, p. 123 *apud* BRANCO, 2010, p. 386).

Assim, não devemos pensar na extinção da família, mas em sua transfiguração (BRANCO, 2010). É importante ressaltar a importância do âmago da família, desse pequeno grupo de pessoas que cuidam da criança, a partir do qual a criança e o adolescente introjetam modelos de relações, de espiritualidade de sabedoria que irão acompanhá-los durante toda a vida como inspiração. João dos Santos sempre afirma, ao longo de sua teoria, a importância de não existir separação, mas uma relação intrínseca entre a criança, a família, a comunidade, a escola e a cultura. Para o autor, a família e as formas de organização que a regulam, incluindo o casamento, mudarão sempre. Santos aponta que a evolução da família irá continuar para formar o que nós nem pensamos ainda, pode acontecer que, em determinados momentos da evolução das sociedades, desagregue-se a tal ponto que nem de família poderemos chamar. Mas terá de renascer e persistir sempre, embora em outras modalidades, terá sempre que se recriar para criar seus filhos saudáveis, ou seja, de tornar viável a sociedade (BRANCO, 2010).

2.18 Relação mãe/bebê: perspectiva santiana

Para João dos Santos, tudo começa no berço, na *relação mãe-bebê* e na forma como essa mãe investe em seu objeto de amor. A criança aprende a falar porque a mãe lhe fala. Para o bebê, “o seu universo é a mãe”. A grande especialista da criança é a mãe. A criança aprende mais com a mãe antes da idade escolar do que tudo aquilo que a escola lhe pode ministrar (SANTOS, 1981). O pensador defende uma política de proteção materno-infantil, baseada na criação de instituições que possam ir ao encontro de toda e qualquer problemática da mãe e do filho. Privilegia a relação mãe-bebê e, em muitos pontos, sua teoria se assemelha ao pensamento de Donald Winnicott. Solidão, capacidade de estar só, silêncio, autonomia, autenticidade, sagrado, imaginação e criatividade são temas nas doutrinas de João dos Santos e Winnicott (BRANCO, 2010). Santos aponta que o que não se educou antes da escola, dificilmente se pode educar depois.

Tudo quanto o homem tem de essencialmente humano e faz parte da sua estrutura, aprende-o ele com a mãe. Antes dos três anos já a criança sabe controlar as suas necessidades, dominar os seus instintos, caminhar e manipular os objectos, obedecer e respeitar a lei do grupo, falar e, portanto, pensar! O resto são apenas aperfeiçoamentos do que se aprendeu nesta fase pré-escolar. Se os especialistas de

crianças, em qualquer ramo, não compreenderem que só podem ser ou ajudantes ou continuadores do “trabalho” realizado pelo instinto e espontaneidade das mães, falseiam a sua missão. (SANTOS, Locais do Kindle p. 886-890). Product Solutions Catalysis Ltd. Edição do Kindle).

Para Santos, como para Donald Winnicott, houve uma origem muito primitiva da família organizada para proteger a criança, a função da mãe não é de desenvolvimento recente pertencente a civilização, é uma função primitiva, as mães sempre desempenharam essa tarefa essencial de forma suficientemente bem (BRANCO, 2010, p. 383).

João dos Santos aceita o pensamento de Sigmund Freud de que o objeto é criação da pulsão, que também enraíza na energia libidinal, objeto investido já nos primeiros meses de vida em que o mundo interior do bebê se caracteriza por um estado de completa confusão, em que nada se distingue além da predominância de suas necessidades, estado que os psicanalistas chamam de autoerotismo, narcisismo primário, dependência absoluta ou fusão simbiótica.

Santos admite que no início da vida da criança, no modelo pulsional, os vínculos relacionais são secundários por derivar da capacidade de outrem para resolver a tensão que é provocada pelas necessidades orgânicas da criança. Porém, na sua teoria do desenvolvimento, no que a criança vai se desenvolvendo, estes vínculos ganham independência desta ligação estritamente libidinal. Por isso, ele aponta, em sua teoria, a superação do instinto, a relação com o outro, os outros, a ligação vivida na contemplação estética da natureza e ao meio urbano, construção de um social que cuide do bem-estar de todos, principalmente a criança e a conscientização do homem da sua verdadeira dimensão humana (BRANCO, 2010).

Santos afirma a importância de se proteger a família, porque a educação só tem uma única fonte: o berço. A saúde mental, o ensino e a cognição começam no berço.

A escola e o professor não podem se servir dos mesmos meios que as mães, para estimular as crianças, mas João dos Santos defende que é importante que tenham conhecimento da forma como se processa a evolução infantil desde o nascimento, para assim poderem melhor atuar. Trata-se aqui de um grande desafio haja vista que o exercício das suas profissões está regido por programas impostos.

A promoção de saúde mental parece-nos dever buscar-se na criação de condições favoráveis ao crescimento infantil e à expansão do homem. Uma parte das doenças psíquicas desaparece através da instituição de medidas sanitárias de ordem geral. Outras, serão atenuadas na medida em que se assegure a protecção efectiva das futuras mães e dos recém-nascidos que aumenta a segurança das crianças e jovens, e que evita a depressão que muitas vezes conduz ao alcoolismo e à organização

psiconeurótica da personalidade. Nenhum destes aspectos pode ser separado da própria organização e estrutura da urbe onde o homem habita. (SANTOS, Locais do Kindle p. 2017-2019). Product Solutions Catalysis Ltd. Edição do Kindle.

Vale salientar que, ao falar com ênfase na relação mãe-filho, o autor também dá extrema importância à relação triangular *pai-mãe-filho*, que pressupõe o complexo de Édipo. A criança se desenvolve na relação com os genitores dos dois sexos. Dessa forma, o Édipo em primeira instância é a separação da mãe, e o pai que a expulsa do primeiro paraíso e a obriga após enorme renúncia a se tornar um sujeito (HOLANDA, 2016).

Para estar disponível para seu bebê, a mulher precisa de uma figura masculina, que seja para ela uma figura afetivamente significativa e protetora, dessa forma, a criança crescerá de forma saudável, isso porque a criança precisa da mãe para sobreviver do nascimento a primeira infância e, na segunda infância, a criança não se equilibra sem a presença de um modelo masculino. A criança, na complexa sociedade urbana, precisa de um núcleo protetor como acontecia nos clãs primitivos (BRANCO, 2010, p. 385 *apud* SANTOS, 1982, p. 71-79, 139).

Se a criança precisa de uma célula masculina e uma feminina para ser gerada, não pode equilibrar-se psicologicamente se não tiver o afeto e a disposição dos modelos masculinos e femininos.

2.19 Conceito de família alargada de João dos Santos

João dos Santos defende que a família alargada é uma resposta aos dilemas de família da atualidade, retorna a tempos antigos em que a formação e educação da criança pertencia a toda comunidade. Branco (2010) nos traz João dos Santos a rememorar sua família.

Desde os tempos primitivos certos rituais são solitários ou de pequeno grupo como o amor, a refeição e o sono; outros são colectivos, como a dança e as cerimónias totémicas. Para uns se constrói casa, para outros se organizam recintos ou templos. O desenvolvimento da comunidade e a diferenciação do trabalho a realizar por cada um, segundo o sexo e as aptidões, deram origem ao grupo do tipo familiar que se foi modificando segundo a época histórica. As crias eram primitivamente cuidadas pela mãe, mas educadas depois por toda a comunidade (SANTOS, Locais do Kindle p. 2 2128-2131). Product Solutions Catalysis Ltd. Edição do Kindle.

Ao pensar a família alargada, Santos pensa as relações da criança, as relações de amizade, com as outras crianças, parentes – tios, tias, primos, primas e pessoas próximas da

família – como amigos da família, Santos chama de “apoio da família alargada”; esse apoio é fundamental na constituição da subjetividade da criança e do seu mundo subjetivo. Sendo essas relações importante nos mecanismos afetivos e de socialização da criança e do adolescente.

No passado, os adolescentes podiam contar com a ajuda da família mais ampla, de uma vizinhança saudável, da igreja e de grupos comunitários, com os adolescentes de hoje é diferente (CHAPMAN, 2018).

Santos destaca que, na educação, ficam apenas as *imagos modelares*, e não as palavras vazias de exemplo, para estruturar um eu forte, a criança precisa se modelar no *espelho modelar* dos pais, família como um todo e os educadores lhes oferecem. Esse reflexo tem a ver com a relação, ou seja, como eles são e de como estes se relacionam com a criança e o adolescente e os fazem sentir-se dignos de amor. Assim diz Santos: “a criança tem necessidade de se olhar e modelar nos espelhos das águas tranquilas, das obras da natureza e da natureza dos homens” (BRANCO, 2010, p. 104).

Santos rememora sua infância e juventude, rememorando a influência das pessoas em sua vida. Confere assim valor a aprendizagem humana e científica à rememoração da infância, e a ela recorre de forma frequente. Santos afirma que são os psicanalistas os herdeiros mais próximos da sentença do filósofo grego: “Conhece-te a ti mesmo”. Não se deve ignorar o fator dinâmico e histórico da evolução, quer seja na criança, no adolescente ou adulto.

Alguém disse com razão que não há uma ciência do homem mas uma história do homem, o que se particularmente se verifica quando esta se traduz em pensamentos e feitos que alteram para sempre o curso da história e a sorte do homem. Como é o caso da ciência, da arte e das diversas formas de entender o espiritual, o sagrado e, a partir desse entendimento, imprimir sentido a vida e à morte (IENSRC, 1971, p. 4-6 *apud* BRANCO, 2010, p. 105).

João dos Santos, ao rememorar sua infância, aponta a importância do apoio que a família alargada pode dar aos pais da criança/adolescente, muitas vezes orientando, e também como papel de substituição quando os pais tenham que estar ausentes, como também poder ficar em momentos de lazer dentre outros, auxiliando os pais. Em sua evocação autobiográfica, João dos Santos aponta:

São as pessoas que nos permitem o deslocamento dos afetos mais diretos que actuamos, primeiro para com os pais, depois, para com os outros personagens privilegiados, como avós e os tios [...] Que os homens da família, meus inúmeros

tios tiveram uma importância grande na minha formação, é um facto para mim assente. Com tia Elvira aprendi a comunicar na espiritualidade poética. Com Tia Virginia, a apreciar a inteligência dos homens cultos, e a cultura que vem nos livros [...] Com prima Amélia, que era como se fosse uma tia, aprendi a povoar o meu espaço e a minha imaginação com aquilo que eu próprio crio e com as obras de criação que me oferecem aqueles que estimo (SANTOS, 1991, p. 224-225 *apud* BRANCO, 2010, p. 105).

Ao fazer esse exercício proposto por Santos, de rememorar a infância, eu relembro de uma avó que me ensinou o valor dos trabalhos manuais (crochê, costura e bordado), uma avó que me aponta a importância das reuniões familiares. Uma tia que adora vida em família, uma tia que sempre acredita no amor e uma que adora uma boa causa de justiça e ajuda todo mundo.

Cada um me ensinou e me ensina algo, todos têm influência sobre quem eu sou e como sou, tem importância na formação da minha personalidade, Santos alcança que não é saudável vivenciarmos somente a neurose familiar. Abrir possibilidades de convivência com outros da família, tios, tias, avós, com amigos da família e professores. A convivência com a família alargada é benéfica para criança\adolescente.

É bom poder saborear do afeto de uma família alargada de uma família numerosa, e pela evocação da própria infância se pode encontrar caminhos que nos guiam pela ultrapassagem dos nossos conflitos que muitas vezes nos paralisam a criatividade, e a vontade de viver ao longo da jornada da vida. Ao rememorar a infância, torna-se mais acessível e vivencial aquilo que se pretende ensinar.

3 PENSAR A EDUCAÇÃO E A APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES

Esta seção tem o intuito de buscar reflexões acerca da temática educação e aprendizagem dos adolescentes, diz respeito ao objetivo de pesquisa: compreender como a escola e os professores estão se preparando para lidar com os adolescentes nos dias atuais diante dos dilemas na aprendizagem. Está organizada em vários tópicos, de modo a melhor situar a questão da aprendizagem dos adolescentes em termos educacionais.

3.1 Compreendendo a história da pedagogia com foco na contemporaneidade

Em *História da Pedagogia*, de Franco Cambi (1999), o autor nos conta esta história em um recorte de quatro partes, sendo a primeira parte “O Mundo Antigo”; a segunda parte, “A Época Medieval”; a terceira parte, “A Época Moderna”, e a quarta parte, “A época Contemporânea”. Feita essa periodização clássica da história ocidental, Cambi nos faz compreender que a Educação deve ser vista como práxis, ethos e episteme, sabendo que a práxis vem com a experiência, saber do senso comum, com as tradições; o ethos resulta de uma dimensão ética do fazer educativo, de uma consciência moral. Falamos aqui de um modelo de ser pessoa; com a episteme do educar compreendemos a epistemologia educativa nascendo da consciência crítica desse fazer, falamos aqui de uma filosofia e sociologia da Educação.

Compreende, nesse sentido, a educação não como uma questão moral, mas como uma questão de práxis, de ethos e de episteme. Tomando esses conceitos como base de reflexão sobre a nossa realidade brasileira, temos que, no bojo da episteme da educação brasileira, compreendemos que ela é, marcadamente, europeia. Posto isto, nos perguntamos: como viver a educação dita brasileira, se ela é europeia? A Europa difundiu um modelo de educação, ao longo dos séculos de colonização, que diz como tratar a criança, o adolescente, dita o currículo, o que ensinar, sobretudo, oferece um modelo de escola que julga ter validade universal.

Diante dessa problemática e desse saber acumulado e herdado, surgem algumas indagações importantes para nós educadoras e investigadoras em Educação: é possível romper com o modelo de Educação europeu? É possível adaptarmos esses modelos? Nós educadores, conseguimos fazer isso? É possível pensar uma educação brasileira? É possível pensar a Educação fora da história e da política? Quem pensa a Educação?

Importante se faz ressaltar que no século XIX, chamado por Cambi (1999) de "o século da pedagogia", é quando toda pedagogia vai se modificando, sendo atravessada pelo conflito tão bem elucidado por Marx, ao analisar a estrutura social do capitalismo (proletário x capitalista), sendo esta uma questão antes econômica do que não moral. Percebe-se, nesse recorte temporal, que a escola é um traço da modernidade, visto que, até 200 anos atrás, não havia escolas na Europa, como as que temos hoje; e que, até o século XIX, não se mandavam as crianças para escola, de forma obrigatória e em massa. Por isso, importante se faz refletir sobre o que era a educação nesse tempo. Ela era a mesma para proletários e burgueses? Começava na infância e ia até a adolescência? Quem chega ao nível secundário? Nesse ponto, a educação muda, alguns vão para o ensino superior cuidar das empresas (os burgueses), outros vão para a fábrica ou roçado; uns realizarão trabalho intelectual, outros vão ser trabalhadores braçais (proletário).

Vemos aqui a escola como instituição principal da modernidade. Compreendemos que o Estado Moderno só pode existir com a escola, sendo esta uma instituição que forma mentalidades, pensamentos, modos de ser social. Assim, não existe processo social mais moderno do que a escola. A escola é por onde passa todo projeto de sociedade moderna e ideológica (CAMBI, 1999). O autor evidencia a íntima ligação da educação escolar com o capitalismo moderno, pois o mesmo cria essa necessidade de organizar e massificar a educação para se aceitar viver numa sociedade de classes. Vemos claramente que a burguesia no século XIX tinha medo da maioria, precisava controlar as populações; por isso era preciso educar. O que domina, ensina a dominar e explorar e o que é dominado ensina a ser submisso e obedecer.

Se a educação sob o capitalismo faz nascer a racionalidade do controle, gera por outro lado a sua crítica. Para Marx (1818-1883) e Gramsci (1891-1937), a educação para a classe proletária deve levar à tomada de consciência dessa condição de exploração, para poder romper com essa condição e fazer a revolução. Marx leva o homem desalienado a reconquista da liberdade e abrir caminho para revolução. Como educar em um conflito permanente de classes?

Diante desses esclarecimentos e provocações sobre a educação na modernidade, em linhas muito gerais, vemos a divisão de educadores em dois grupos distintos. Uns serão a favor do projeto de domínio da vontade da burguesia e outros educadores, em prol da educação emancipatória do proletariado. Examinando a sua história moderna, percebemos a

escola como instituição principal da modernidade, de inspiração positivista, estando entre as suas funções: ensinar o que está posto pela ideologia e ciência dominante, trazendo uma perspectiva profissional para produzir, segundo as ideologias de progresso constante e uma ordem, reguladora de direitos e deveres, onde os estudantes tem que obedecer e aprendem um modelo de ser, criando aqui as bases desde a primeira infância para se dizer o que é normal, o que é patológico, as leis e a moral. Dessa forma, a criança desde muito cedo vai se acostumando, vai naturalizando. De outro lado, temos uma educação de ideais socialistas, que dizem não estar de acordo com o estabelecido e propõe a revolução.

Nessa profícua reflexão sobre educação no século XIX, entendemos como nascem os ideais de uma Educação libertadora, como uma proposta para nos tornarmos seres mais autônomos e educadoras mais comprometidas com as causas sociais. Sendo a Educação libertadora uma educação que estimula a capacidade criativa do indivíduo para se tornar autônomo e criativo, ela abre caminho para pensarmos uma educação pela arte.

Mas claro que nada se dá sem conflitos, então problematizamos: que interesses a sociedade capitalista tem em desenvolver pessoas autônomas e criativas?

É importante desenvolvermos uma consciência sistêmica sobre o assunto, dado que a educação em sua episteme tem história internacional, fluxos de constituição política e econômica europeu. Estamos tratando, portanto, de um complexo europeu de hegemonia mundial. Sendo esses esclarecimentos importantes do ponto de vista de uma retaguarda histórica para se pensar o presente da educação, do ensinar e aprender.

Ressalteamos a importância das dinâmicas pedagógicas, as dinâmicas das teorias, a dinâmica das ciências, dos fluxos para refletirmos a episteme do ato educacional; para nos posicionarmos como educadoras, sabendo que o mundo é conflituoso e tendo capacidade crítica compreensiva e consciência política e epistêmica da situação social da educação como ação política.

Entendemos ser de extrema valia partir dessa questão da estrutura colonialista e capitalista, burguesa e estrangeira da nossa formação social. Vale pensar aqui na possível contribuição do antropólogo e educador brasileiro Darcy Ribeiro (1922-1997), em sua obra, *O povo brasileiro* (1995), em que ele aborda a história de formação da sociedade brasileira, tratando das suas matrizes culturais e dos mecanismos de sua formação étnica e cultural. O autor nos aponta não ser possível pensar uma política séria para o nosso Brasil-Nação, se

essas políticas públicas não estiverem alicerçadas na compreensão da alma ou constituição cultural do que somos como sociedade nacional, sabendo que esse debate continua hoje em aberto.

3.2 Pensando a escola

Como já vimos anteriormente, para ARIÈS (1978), a partir do século XV, começa a haver uma transformação na realidade social europeia, que atingem em especial as relações intrafamiliares. Isto relacionado com um aumento crescente da frequência escolar no século XVII. Outro aspecto que ele destaca é que a criança passa a ser valorizada, e os pais passaram a se preocupar com sua educação e trabalho futuro.

A família e a escola vão ser os dois principais fatores para a saída das crianças do mundo dos adultos. Para FREITAS (2002), o trabalho com adolescentes não pode prescindir de um exame da família, e das condições sociais em que vivem, pois as situações críticas por que passam estão intimamente ligadas com dificuldades no grupo familiar.

Segundo VEIGA (1991), aprender a escola como objeto de estudo, captando as suas contradições, desvelando seus conflitos, sua organização e seus compromissos não é tarefa fácil, porque coloca alguns pontos de reflexão a respeito do significado currículo e do ensino que se concretizam no seu cotidiano.

Tais reflexões giram em torno de questões sobre a definição social desse espaço. Quais seria a definição de suas dimensões? São dadas pelos muros da escola? O ensino é para vida? Que currículo é esse? Para aonde ele aponta em termos do caráter formativo implícito à instituição escolar? Afinal, como sabemos, planejar currículo implica tomar decisões educacionais e compreender as concepções curriculares existentes, que envolvem uma visão de sociedade, de educação e do ser humano que se pretende formar. O planejamento do currículo está ligado diretamente ao papel que a escola deve assumir perante os alunos, os educadores, os funcionários, os pais e a sociedade em seu todo. Esse papel implica assumir compromissos sociais e políticos.

FREIRE (1985) aponta que a educação deve se inserir num processo histórico e deixar claro para os alunos certos pontos da sua ação social. Ele também ressalta que a sociedade brasileira tem uma organização econômica que leva à desigualdade e, enquanto

sistema capitalista, estabeleceria uma relação de trabalho com caráter de alienação, pautada na dinâmica de produção para o mercado, exploração do trabalhador e consumismo, onde existe opressor e oprimido, e o oprimido muitas vezes não se reconhece como tal.

Nesse sentido, penso que a desigualdade estabelecida nesse sistema social não leva apenas à falta ou má distribuição dos bens materiais, porque há outro tipo de fome, a considerar: fome de sabedoria, de afeto, de escuta, de conscientização, de diálogo, de comprometimento, fome de desmistificação. Por essa razão, é de suma importância que a escola estimule a formação de fato sujeitos interativos, cidadãos críticos, dialogais, questionadores e capazes de enfrentamento em relação a esse problemático meio social, sabendo que ela não pode ser a única a agir nesse sentido, pois precisa da cooperação da família, das políticas públicas, da sociedade em geral.

O fundamento do diálogo na educação parece ser de crucial importância, pois o diálogo alimenta-se no amor, na humanidade, na esperança, na confiança. Por isso, o diálogo comunica. Contudo, na realidade, sabemos que o espaço reservado na escola para o jogo de ideias, a criatividade e a troca de opinião se torna muito reduzido.

A educação seria em tese um compromisso com a humanização do homem, que implica uma responsabilidade histórica, não podendo realizar-se através de nenhuma forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos. O compromisso próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade.

3.3 A educação por João dos Santos

João dos Santos aponta que é preciso compreender o verdadeiro sentido da palavra educação, e o sentido dessa palavra no início da história, para que possamos distinguir pedagogia, educação e instrução. A pedagogia é arte de ensinar, é diferente da instrução, e esta deve ser complementada pela educação que tem como objetivo a inserção na sociedade, ou seja, a compreensão dos princípios que regem as relações entre os homens. No plano psicopedagógico, a educação tem como objetivo o desenvolvimento intelectual (SANTOS *apud* BRANCO, 2010, p. 413).

A educação era, nos tempos pré-históricos do homem antes da escrita, baseada na tradição comunitária, e a pedagogia destinava-se a iniciar os jovens nos ritos secretos e nas técnicas de sobrevivência no meio natural e na guerra. Ensino e Tradição eram inseparáveis, sendo, todavia, esta última o núcleo inspirador e

regulador do primeiro. A tradição indicava, assim o caminho que se deve seguir para educar as novas gerações, educação que passava a significar não só aquisição de conhecimentos que permitiam agir sobre o mundo e defender-se dos seus perigos (pedagogia), como formação humana ligada à aquisição da cultura e dos valores do grupo. (SANTOS, 1983, p. 102 *apud* BRANCO, 2010 p. 412).

Percebe-se, nos textos santianos, que quanto à problemática da educação e da escola, seja qual for o sentido e a definição que se opte, um aspecto deve ficar bem esclarecido: a pedagogia e a didática encontram seu ponto de ancoragem na educação que João dos Santos identifica como educação relacional ou maternal, sendo esta a fonte primitiva de criatividade. Senão vejamos:

Quando a educação só é relação, o ser estagna. Quando a educação é só filosofia o ser volatiza-se em virtudes tristes que se tornam em ignorância da vida. Quando a didática prevalece, a educação falha e a inteligência criativa do homem é posta em risco. Quando a relação educativa prevalece, a didática surge espontaneamente. A didática cria-se a dois, a três ou aos muitos que delimitaram seu espaço cultural. (SANTOS, 1983, p. 267 *apud* BRANCO, 2010, p. 413).

Sobre educação, escreve SANTOS, em sua obra *Ensaio sobre Educação I – A criança quem é?* (Locais do Kindle p. 104 - 107). Product Solutions Catalysis Ltd. Edição do Kindle:

A educação pode ser encarada como um fenómeno cultural, que orienta o diálogo com o educando e os outros educadores mas a acção educativa deve basear-se na relação espontânea, afectiva e instintiva. Quem educa são as pessoas verdadeiras, e não as personagens ideais. Não se educa com teorias mas com os princípios, conceitos e preconceitos adquiridos na experiência e no convívio do grupo familiar e comunitário.

Importante ressaltar o pensamento de Santos, ao apontar que o que não se educou antes da escola, dificilmente se educará depois. Todos somos ainda dominados pelo preconceito escolar, onde tudo é permitido fazer à criança desde que depois se lhe arranje uma boa escola.

A parte que compete à mãe nas primeiras investigações e experiências que a criança realiza, é muitas vezes menosprezada como o é o próprio afecto a que se pode chamar estimulante psíquico (SANTOS, 1981).

João dos Santos ressalta que, muitas vezes, a escola é apenas um local triste onde se cumpre um ritual obsoleto, para se repetir nas diversas avaliações, onde as únicas coisas que as crianças e os jovens podem aprender, é a defender-se do espírito antiquado dos adultos e das suas mistificações. Dessa forma, Santos contesta os métodos da pedagogia tradicional.

Santos ao pensar educação busca inspiração em pedagogos que apresentavam uma pedagogia como Decroly, Freinet, Montessori, entre outros fundadores de métodos ativos. Foi inspirado por educadores da escola nova e das contribuições da psicanálise. Aponta que tudo que diga respeito a escola e a criança deve ser conectado a uma perspectiva relacional (Holanda e Morato, 2016).

Tem interesse pela relação entre Psicanálise e Pedagogia. A psicanálise, dessa forma, auxilia a pensar a educação das crianças e adolescentes que não obtêm êxito escolar, devido a fatores inconscientes, como também auxilia na compreensão do desenvolvimento do pensamento infantil e a compreender a relação professor aluno. Defende a espontaneidade e autenticidade na atitude educativa dos mestres na escola, dando ênfase aqui a importância dos primeiros anos de vida da criança para constituição da sua subjetividade (Holanda e Morato, 2016).

3.4 O espaço escola: ponte entre a família e a sociedade

Para Santos, a escola não deve se limitar a ‘ensinar’, ela deve educar, no respeito pelo que foi a evolução do conhecimento do homem, da família e da sociedade (PASM, 1980, p. 4 *apud* BRANCO, 2010 p. 411).

Em verdade, cada vez mais educadores, pais e a família se percebem ultrapassados na capacidade de manter contatos afetivos, e de compreensão do seu universo, e, portanto, de educar crianças e jovens, pensar a escola é um tema de imensa atualidade.

Vemos diversos pais e educadores, assim como profissionais da saúde, preocupados apenas com as notas dos exames escolares, portanto com o sucesso do aluno cognitivamente, sem se preocuparem com a formação integral desse sujeito, sem compreender a intrínseca relação entre cognição e afeto, como se uma coisa estivesse separada da outra. Muitas vezes, havendo um déficit na formação desse profissional. Afirma Santos:

A preocupação das mães em atingir e até ultrapassar os números da tabela, origina por vezes perturbações de certa gravidade, no desenvolvimento da criança. Não sabemos o que poderia dar entre nós essa competição entre quocientes intelectuais... mas sabemos que se diz em França que a maior percentagem de doentes mentais nas classes intelectuais se verifica, justamente, entre os alunos das escolas mais cotadas pelo alto nível de selecção e pela elevada qualidade do ensino e das exigências escolares. (SANTOS, 1989, p. 457-460).

Sobre o papel da escola, João dos Santos afirma:

A escola degrada-se por entulharem de tarefas que aos pais dizem respeito, retirando aos professores tempo e disponibilidade para cumprirem a sua verdadeira função, formarem-se continuamente para poderem ensinar com competência, e a cultura básica da comunidade anestesia-se e se dissolve numa nuvem de publicidade que agride com o nuncio de que é preciso possuir para o bem estar de todos e o prestígio de alguns. (SANTOS, 1982, p. 72 e 79 *apud* BRANCO, 2010, p. 389).

Santos (1981) aponta que deve haver uma articulação dos três setores: família, escola e sociedade. A função da escola deve ser preparar a criança, o adolescente para se integrar na vida social e profissional. A escola é a ponte entre a família e a sociedade. Somente a escola pode dar ao ser humano a inteira integração na sociedade de forma a preparar esse jovem acolher, criticar a cultura como também contribuir com ela.

3.5 Aprendizagem

A palavra aprender deriva do latim ‘*aprehendere*’, que tem por significado “agarrar”, “pegar”, “apoderar-se”. Compreendemos aprendizagem como um processo em que a pessoa se apropria de algo, seus conhecimentos, habilidades valores, crenças, informações, atitudes, estratégias. Dessa forma, aprendizagem está ligada a uma mudança, à ampliação das vivências internas e externas dos indivíduos. Ao que ele necessita aprender dentro de cada cultura.

No que se refere ao ambiente escola, para que a aprendizagem seja significativa, é primordial que consideremos os conhecimentos que o aluno traz para a sala de aula, suas inclinações, interesses, curiosidades, sua forma de compreender. O aprendizado de novos conceitos deve estar em sintonia com a realidade existencial do sujeito, para que, dessa forma, ele possa dar sentido e significado.

É fundamental a atividade dialógica, em que o professor trabalha com possibilidades criativas, de reflexão e descoberta, para que o aluno se torne autor e protagonista em seu processo de aprendizagem, e que esse não seja apenas o processo de memorização. Para Vigotsky (1989), a aprendizagem é um processo crucial no desenvolvimento do homem, como espécie e como ser que, no decorrer de milhares de anos, evoluiu.

Autores que estudam a área da neurobiologia, como Friedrich e Preiss (2006), apontam que, uma vez estudada a plasticidade cerebral e milhares de conexões entre os neurônios, as mais variadas situações de aprendizagem modificam as capacidades cognitivas e

cerebrais, que, por sua vez, ampliam nossa capacidade de aprendizagem. Todo ser humano quer aprender desde o momento em que nasce, sendo essa qualidade humana fundamental. É pela aprendizagem que nos apropriamos da cultura e nos tornamos parte dela.

A aprendizagem se dá nas demais espécies animais, desde insetos até primatas, porém é o ser humano aquele que possui capacidades de aprendizagem mais complexas, desenvolvidas e com maior flexibilidade (POZO, 2002).

Estamos o tempo todo em situações que nos colocam como aprendizes ao longo da nossa vida, diversas aprendizagens vão aparecendo e sendo incorporadas aquelas que já existem, permitindo a emergência de novos pensamentos, visões, sentimentos e comportamentos (LA ROSA, 2004).

3.5.1 Contribuições de Sigmund Freud e da Psicanálise

Sigmund Freud (1853-1939) foi um médico neurologista e criador da psicanálise, que inaugurou outro tempo, colocando o inconsciente como lado sombrio da mente humana. Vale pensar que, antes de Freud, tínhamos o primado do Iluminismo, falamos aqui em Época da Razão. O primitivo, o arcaico não era bem visto. Freud, com sua teoria, começou a nos trazer reflexões importantes acerca do homem em sua obra, trazendo temas como processos de desenvolvimento da infância, narcisismo, manifestações físicas e mentais da sexualidade, complexo de Édipo, relações de transferência, o lugar do desejo, o inconsciente.

Sigmund Freud inaugura um campo epistemologicamente novo, o qual denominamos *Psicanálise*. Entre os conceitos universais de sua teoria, temos o complexo de Édipo, relativo aos sentimentos primários ambíguos experimentados pela criança na primeira infância, investimentos libidinais nas figuras que exercem função materna e paterna para a criança. A criança escapa desses desejos pelo recalque. Em linguagem simples, existem esses impulsos infantis para o incesto que permeiam a psique humana. Conceito esse construído a partir dos estudos e casos clínicos atendidos por Freud em seu trabalho clínico com as pacientes histéricas que atendia. Santos comenta sobre o complexo de Édipo.

João dos Santos aponta que a forma como os psicanalistas se apercebem do Édipo no decurso da psicanálise não tem a ver com fatos concretos da vida real de cada pessoa mas apenas com sentimentos que afloram à consciência, em certos momentos privilegiados das relações do analisando com o analista [...] Portanto, o Édipo não existe, o Édipo representa uma referência ao sentimento profundo e inconsciente das pessoas. De qualquer forma, a situação edípica refere-se a um conflito triangular

latente que ocorre a partir de uma determinada fase da vida evolutiva em que a criança organiza uma certa forma inconsciente de ver ou sentir os personagens do seu meio familiar. (SANTOS, 2017, p. 37;38).

Sigmund Freud buscou inspiração na tragédia grega Édipo Rei escrita por Sófocles em 427 a.C., tratando-se aqui de uma narrativa mitológica da humanidade, um guia universal que atravessa o homem. João dos Santos comenta em seu livro *A casa da Praia – O Psicanalista na Escola sobre o Édipo*,

Quando Freud falou em Édipo, referindo-se naturalmente à tragédia grega, indicou-a como uma referência mítica. Com efeito, a lenda do rei Édipo é muito anterior ao seu aparecimento nos jogos dionisíacos. A história de Laios (seu pai) e do menino Édipo corresponde a uma inspiração da velhíssima lenda que circulava naquela região da Europa e a lendas parecidas noutras partes do mundo. Quando Freud introduziu o mito de Édipo na teoria psicanalítica pretendeu estabelecer pontos de referência do inconsciente, portanto duma parte do funcionamento mental de muito difícil abordagem, que ele reúne no trabalho que se intitule metapsicologia, o que lembra, naturalmente a metafísica dos filósofos. (SANTOS, 2017, p. 37).

Em 1900, Sigmund Freud publica a obra *Interpretação dos Sonhos*, tendo como objeto de estudo o *inconsciente*, trazendo-nos à compreensão de que existem em nossas narrativas dois discursos, um que o *EU* sabe e outro que *EU* não sabe. Vemos aqui uma clara influência do filósofo alemão do séc. XIX Schopenhauer (1788-1860), autor da frase “Não somos senhor nem em nossa própria casa”. Freud explica, entre seus capítulos de *Interpretação dos Sonhos*, as suas famosas tópicas: *primeira tópica* – conceitos das instâncias psíquicas consciente, pré-consciente e inconsciente – e *segunda tópica* como tentativa de esclarecimento da primeira – explica os conceitos de *ID*, *EU* e *SUPER EU*. Essas três estruturas se intercomunicam por intermédio de libido ao se cruzarem.

Com Freud, compreendemos que não é o eu o definidor de caminhos, embora o nosso narcisismo queira isso, pois toda a nossa totalidade se inscreve, é movida pelo inconsciente. A lógica que falamos aqui é a lógica do *desejo*, algo me falta e eu não sei o que é. Os achados de Freud colocaram a modernidade de cabeça para baixo.

Freud, com sua teoria, diz-nos que o inconsciente tem estrutura desejante, traz consigo definições genéticas que herdamos que nos impulsiona para vida. É no inconsciente que moram os instintos que se tornaram pulsões, compreende-se por pulsão os instintos que saem do inconsciente para uma determinada direção nos impulsionando para a vida, tendo estrutura desejante. Portanto, somos o ser da falta, o ser da angústia, Sigmund Freud entende essa dinâmica por meio de *princípio do prazer* e *princípio da realidade*.

As ideias de Sigmund Freud tiveram grande impacto nos campos da Psicologia, Psiquiatria e Educação. Ele rompeu, de fato, com a fé absoluta na razão humana. Nesse sentido, se a razão rompeu com a religião, entre os séculos XVIII e XIX, no Ocidente capitalista, a Psicanálise rompeu com a fé na racionalidade moderna.

É fato a dificuldade que as escolas como instituição educacional têm de pensar a afetividade humana. Principalmente, na educação de crianças e jovens – a dificuldade reside no fato de que a escola moderna foi pensada para fortalecer a racionalidade, por meio da cognição e treinamento da razão.

Freud, em seus escritos sobre o interesse educacional da psicanálise, que está nas *Obras completas vol. XIII*, baseia-se na sua ideia de que somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las, e ele aponta que nós adultos não compreendemos as crianças porque não entendemos a nossa própria infância (FREUD, 2006, O/C vol. XIII, p. 190). Percebemos a influência de Freud em João dos Santos quando ele afirma “o segredo do homem é a sua própria infância”, o que ele trata na obra *Ensaio sobre Educação II*, de 1983, citado por Carvalho e Branco (2010, p. 88).

Quando educadores se familiarizarem com as descobertas da psicanálise, será mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil, e em outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos instintivos socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. Pelo contrário, vão se abster de qualquer tentativa de suprimir esses impulsos pela força, quando aprenderem que esforços desse tipo com frequência produzem resultados não menos indesejáveis do que a alternativa, tão temida pelos educadores, de dar livre trânsito às travessuras das crianças. (FREUD, 1996, p. 191).

Freud aponta que a supressão de fortes instintos nas crianças de forma forçada por meios externos não extingue esses instintos ou os deixa sob controle, mas conduz à repressão que vai criar predisposições a doenças nervosas no futuro. Aponta que a severidade inoportuna na educação, ou a insistência pela normalidade que os educadores exigem sem a compreensão total dos processos de desenvolvimento infantil, auxilia nas produções das neuroses, na perda da eficiência e capacidade de prazer (FREUD, 1996).

João dos Santos (1913-1987) percebeu, no meio médico e escolar, a necessidade de dar atenção aos afetos das crianças e adultos. Santos tem ligação com os estudos psicanalíticos e proximidade com Freud, Winnicott e Wallon. Ele defende uma proposta de pedagogia terapêutica que lide com os dilemas da aprendizagem, nas dimensões cognitiva, afetiva e social das crianças.

3.5.2 As contribuições das teorias psicogenéticas da aprendizagem (Piaget e Wallon)

As teóricas psicogenéticas de Piaget e Wallon, assim como a psicanálise de Sigmund Freud influenciaram o pensamento de João dos Santos. O autor afirma que a educação se inicia antes da entrada para a escola, com todas as suas interações entre a criança e a mãe e que razão tem por base a relação afetiva, a psicomotricidade e a linguagem. (SANTOS, 1988).

Jean Piaget (1896-1980), biólogo e epistemólogo, tem sua abordagem teórica denominada Epistemologia Genética. O primeiro termo diz respeito ao estudo do conhecimento (científico) e o segundo à gênese, à origem. Piaget elegeu como pergunta central nos seus estudos: como é possível alcançar o conhecimento? Piaget procurou entender quais processos se encontram nessa evolução de um menor conhecimento para um maior conhecimento. Piaget questionava tanto as teses que diziam ser o conhecimento de origem inata, como os que afirmavam ser fruto de instigações vindas do mundo externo, sendo o conhecimento uma cópia da realidade. Para Piaget, só podemos conhecer algo por meio da interação no ambiente, num intercâmbio sujeito-meio (PIAGET, 2000).

Para responder a essas perguntas, Piaget estudou, por meio de método clínico, como as crianças constroem noções fundamentais de conhecimento lógico, de como percebem a realidade e de como descrevem, explicam e compreendem os objetos e fatos com os quais encontram em seu meio.

Para Piaget (1991), o desenvolvimento humano passa por fases sucessivas de organização no campo do pensamento e do afeto, que vão sendo construídas a partir da ação da criança e das oportunidades que o ambiente possibilita à criança. A evolução do conhecimento para Piaget é um processo contínuo, a partir da interação ativa do sujeito com o meio. Piaget investigou as estruturas mentais, enfatizando a existência de um paralelismo entre desenvolvimento da cognição e as ‘formas da afetividade e das formas da existência social e moral’. A inteligência aparece não como fator inato, e sim construído pela criança em seu mundo. A inteligência está presente em todas as fases do desenvolvimento.

Jean Piaget fez uma pesquisa sobre de que forma o sujeito constrói seus conhecimentos, descrevendo características, modos de pensar, agir, falar das crianças e adolescentes.

Piaget propõe 4 (quatro) etapas no processo evolutivo da espécie humana caracterizadas “por aquilo que o sujeito consegue fazer melhor” no decorrer das diversas faixas etárias ao longo do seu processo de desenvolvimento. Essas etapas não devem ser pensadas como momentos etários rígidos, nem de forma obrigatória, mas de forma aproximada. Piaget nos coloca diante de características afetivas, de socialização e cognição que consistem de uma construção e não de uma programação biológica previsível (MORO, 2002). São eles:

- a) 1º período: Sensório-motor (0 a 2 anos);
- b) 2º período: Pré-operatório (2 a 7 anos);
- c) 3º período: Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos);
- d) 4º período: Operações formais (11 ou 12 anos em diante).

Uma das contribuições de Piaget para educação foi a perspectiva de que o ser humano constrói ativamente seu conhecimento em relação a realidade externa e que as interações entre os indivíduos são fator primordial para seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. Na área da educação, dizemos que o destaque está no aluno, no seu modo de pensar, de raciocinar, nas suas ações, na forma como interpreta e soluciona as diversas situações-problemas. Parte da noção de que se aprende partindo de uma nova interpretação do conhecimento.

Santos (1988/2017) aponta que a razão tem por base a relação afetiva, a psicomotricidade e a linguagem. Isso mostrou todos os psicólogos geneticistas que nasceram no século passado e chegaram até esse século, entre os quais Sigmund Freud.

Toda atividade das crianças na escola é orientada pela ideia de que o movimento e a atividade externa virão a ser, mesmo antes da escola, progressivamente interiorizados sob a forma de pensamento e da atividade tendente ao desenvolvimento mental, e portanto, à compreensão da atividade simbólica. São os movimentos corporais, e em particular os gestos, que na opinião de muitos geneticistas organizam e desenvolvem a atividade psíquica. Piaget falou da atividade sensório motora como primeira forma de inteligência, Janet da inteligência das situações e Wallon da inteligência prática como prelúdio da inteligência teórica ou conhecimento. (SANTOS, 1988, 2017, p. 43).

Entre as contribuições de Piaget, temos a importância de um método ativo de ensino. Criticou as metodologias que baseiam o ensino aprendizagem em simplesmente exposição/transmissão de conhecimento e métodos repetições mecânicas de conhecimento (PIAGET, 2000).

Para PIAGET (2000), é muito importante que o professor esteja ciente do que está ensinando assim como das especificidades e características do desenvolvimento da inteligência, que conheça como as operações lógico matemáticas se desenvolvem no pensamento do sujeito. Para ele, os erros que as crianças comentem nas resoluções dos problemas tem caráter formador, até que determinados conteúdos sejam apreendidos, esse pensamento trouxe uma grande repercussão para a área da educação no que tange aos modos de avaliações. O construtivismo dito aqui envolve processos de assimilação, onde aprender resulta de uma elaboração interna uma interpretação do objeto que se dá na interação com o meio/mundo.

Portanto falamos aqui de uma teoria da aprendizagem que se define como interacionista onde aponta a importância das relações reversíveis entre sujeito e mundo; ela é construtivista e não inatista ou empirista; compreende que a inteligência é construída, sendo necessário compreendê-la sem seus aspectos qualitativos; se desenvolve de forma a centrar o conceito de competência, tendo como condição os estágios do desenvolvimento.

Henri Wallon (1879-1962) nasceu na França, teve estudos em vários campos: educação, medicina, psicologia e filosofia. Deu grandes contribuições à área da educação no que tange ao ensino e à aprendizagem. Sua teoria é considerada a psicogênese da pessoa completa, entendendo o ser humano em sua totalidade, nas dimensões do intelecto, emocional e as influências histórico-culturais.

HOLANDA E MORATO (2016) apontam que a concepção de educação de João dos Santos guarda similaridades com as perspectivas wallonianas, quando defende que a educação de crianças e jovens deve estar voltada para um futuro mais feliz e promissor na sociedade em que terão de viver.

SANTOS (1988, 2017) aponta, em *A casa da Praia – O psicanalista na escola*, que aprendeu muito com seu mestre Wallon, do estudo da teoria walloniana e da prática que adquiriu em seu laboratório. Relata que aprendeu os esquemas terapêuticos e didáticos, a compreensão das etapas evolutivas que precedem as situações de crise, os atrasos e fixações que acometem crianças com problemas de iniciação à aprendizagem escolar.

Dos estudos das teorias de Wallon e da prática que adquiri em seu laboratório, pude deduzir que pedagogia era a filosofia ou a teoria da educação escolar. A convicção de que a educação se inicia antes da entrada para a escola, com todas as suas interações entre a criança e a pessoa da mãe, levaram-me a aceitar que, genética ou psicanaliticamente, a educação pedagogicamente dirigida era precedida por uma

educação espontânea e da relação entre criança e mãe. (SANTOS, 1988, 2017, p. 87).

Na prática de Wallon com a psiquiatria, ele atendeu crianças com problemas neurobiológicos e com distúrbios psicológicos, além de atender pessoas vítimas de guerra. Essas experiências lhe ofereceram ampla experiência, construindo, assim, a sua teoria psicológica. Estudou a dialética de Marx, que influenciou sua teoria Psicológica no que tange ao método de análise e à ideologia libertária.

A teoria de Wallon se ocupa da relação da criança e seu meio social; das alterações que ocorrem em seu desenvolvimento nos diversos momentos; das necessidades das crianças e do que o meio (ambiente social) lhe oferece. Ele tem por propósito compreender a gênese dos processos psíquicos do sujeito a partir da concepção de desenvolvimento que engloba as dimensões motora, afetiva e intelectual. Para o autor, afetividade é um conceito amplo. Nele estão vários processos, como a emoção, o falar, o mover, o pensar e o desejar. O suporte biológico é importante, mas não é o elemento definitivo.

Crianças que passam a maior parte do tempo na escola, porque seus pais precisam trabalhar, podem viver aí uma experiência familiar, sendo que a educação delas fica, em grande parte, por conta da escola. Dessa forma, os papéis da família e da escola podem se confundir. Assim, uma instituição pode transferir para a outra a responsabilidade sobre a educação da criança. Pode ocorrer, também, transferência de afetos entre professores e alunos.

Henri Wallon estuda a criança compreendendo suas fases de desenvolvimento. enxerga o ser humano como biologicamente social, um ser em cuja estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura. Ao dividir os estágios, salienta que a duração de cada um é variável, pois trata de processos interacionistas da criança com o meio social, dessa forma não é rígido (WALLON, 1989).

Para GALVÃO (2000), Wallon entende que cada estágio é preparado pelo anterior e prepara o subseqüente, assim, se dá sempre a integração das novas aprendizagens às antigas. O importante são as atividades e os interesses específicos que compreende cada estágio no processo do desenvolvimento do ser humano.

Os estágios são chamados impulsivo-emocional, sensório-motor projetivo, personalista, categorial e a adolescência. Em cada fase, predomina um tipo específico de

característica, onde há alternância entre as manifestações afetivas e intelectuais, chamada por Wallon de alternância funcional. O desenvolvimento do ser humano é um processo constante durante toda vida, a cada momento, o desenvolvimento irá apresentar certas especificidades (WALLON, 2007).

Os cinco estágios de desenvolvimento do ser humano sucedem-se em fases com predominância afetiva e cognitiva, e as realizações de um período contribuem para o próximo. As aquisições intelectuais e linguísticas na adolescência são novas, mas trazem relação com as construções dos períodos passados:

Estágio impulsivo-emocional (1º ano): É um estágio preponderantemente afetivo, onde as emoções são o instrumento essencial de interação com o meio. Dependência de cuidados maternos. A relação com o ambiente aprimora, na criança fatores afetivos. Momento marcado por inabilidade motora (e simbólica), movimentos desordenados. Os movimentos infantis são um tanto quanto desorientados, mas a contínua resposta do ambiente ao movimento infantil permite que a criança passe da desordem gestual às emoções diferenciadas. Os adultos vão introduzindo gradativamente a criança no contexto da cultura em que vivem.

Estágio sensório-motor Projetivo (1 a 3 anos): É uma fase onde a inteligência predomina e o mundo externo prevalece nos fenômenos cognitivos. A inteligência, nesse período, é prática, alcançada pela interação de objetos com o próprio corpo. Os pensamentos, se projetam em atos motores. A expressão gestual e oral é caracterizada pelo pensamento como representação das imagens mentais por meio de ações. A criança se desenvolve em relação ao pensamento presente e imediato. Início do desenvolvimento da função simbólica.

Estágio do personalismo (3 aos 6 anos): Este estágio é o momento da formação da personalidade do indivíduo e a construção da subjetividade, assim como para a formação da autoconsciência. Busca de autonomia e negação do outro. A criança se opõe ao adulto. Por outro lado, também se verifica uma fase de imitação motora e social. Há o predomínio de aspectos afetivos na relação da criança como ambiente.

Estágio categorial (6 aos 11 anos): Avanços no plano da inteligência. Se formam as categorias mentais: organiza séries, classifica e diferencia. Interesse da criança por objetos externos, curiosidade. O poder de abstração da criança é amplificado. Há uma trégua interpessoal e um abrandamento dos conflitos.

Estágio da adolescência (a partir dos 11 anos): Inicia-se a puberdade, mudanças nos planos afetivos, nas relações consigo e com os outros. O desenvolvimento da sexualidade é um estágio que se caracteriza pelo componente afetivo ser mais racionalizado, onde o adolescente vivencia variados conflitos internos e externos. Busca de autoafirmação e busca de novos sentidos. Momento de construção de si. Busca sua identidade, amplia suas relações sem perder o vínculo com as pessoas significativas de sua vida (ex.: os pais). Os estágios de desenvolvimento não se encerram com a adolescência. O processo dialético de desenvolvimento jamais se encerra.

3.6 Aprendizagem na abordagem santiana

Foram os trabalhos de Freud, Wallon, Gesell e Piaget que auxiliaram João dos Santos a defender determinada posição de saúde mental para crianças e jovens. Para Santos, a educação tem duas fases e dois aspectos: a educação relacional, que é o instinto materno, e a pedagogia, que são as didáticas sistematizadas postas em prática. Uma forma de educar não funciona sem a outra (AUC, 1982, 1998 *apud* CARVALHO; BRANCO, 2010).

João dos Santos aponta que a aprendizagem primeira é transmitida pela mãe, pois, assim como afirma Winnicott, a gênese da inteligência e da aprendizagem está na linguagem primitiva que a mãe estabeleceu com o bebê, aprendizagem essa que vai tendo progressiva representação mental do mundo e da criação cada vez mais ricas de símbolos, culminando na aquisição de sabedoria e espiritualidade. Sobre aprendizagem, escreve Santos (1982, p. 48, 49):

Uma criança cresce e desenvolve-se não só adaptando-se, como acontece com outros seres, mas também integrando-se às ideias e aos sentimentos que espiritualmente a envolvem e ultrapassam. Aprender é investigar e conhecer através da própria experiência adquirida. Aprender é sentir, participar e aceitar a lei natural e a lei do grupo. Há uma “instituição fundamental, na sociedade humana. Sem linguagem, que é ao mesmo tempo lei e simpatia humana. Sem linguagem não haveria grupo humano, nem passatempo, nem inteligência.

O conjunto das formas de linguagem é a mãe que pode comunicar ao filho: a expressão corporal, o jogo dos sentimentos, a palavra e o ritmo verbal; a música, a pintura e o desenho. Com a mãe e com afeto, se aprende o uso da palavra, aquisição fundamental e instrumento do pensar. Não seria possível ensinar na escola se as crianças não tivessem previamente feito com a mãe, e depois com outros familiares, toda espécie de experiências verbais livres (SANTOS, 1982, p. 173-174).

A escola devia dar continuidade ao método maternal que ensina com o amor, que nutre o espírito da criança mais do que todos os manuais. É preciso que na escola se brinque, cante, desenhe, pinte e fale em liberdade, antes que se dê satisfação aos pais e educadores apressados e obcecados com a ideia do exame. (SANTOS, 1982, P. 131-133).

Para aprender as letras e os números, a leitura e as operações aritméticas, deve-se ter a aprendizagem do convívio, das trocas afetivas e do diálogo que se faz na família. A escola não é clínica, a escola não substitui a família.

Santos aponta que não se pode oferecer cultura acadêmica a quem não teve infância afetivamente instaurada dentro do campo das relações existentes entre as pessoas que exerciam as funções parentais. Ninguém ensina ninguém, as pessoas é que aprendem (BRANCO, 2010).

João dos Santos, assim como Freud e os primeiros psicanalistas de crianças, Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott comparam as crianças aos artistas e aos poetas. Com Winnicott, Santos compartilha a noção de aprendizagem valorizando o conceito de criatividade, ancorado na sua origem, como bom fornecimento afetivo na relação materna, sendo este o reservatório original para toda a vida desse ser, desde a capacidade de sonhar, de brincar, criar artisticamente e poeticamente o próprio self e o mundo. Falamos então dessa ideia de criatividade primitiva, que João dos Santos remonta à experiência da relação inicial com a mãe suficientemente boa.

Santos, apoiado em Freud, Henri Wallon, Jacques Lacan e Agostinho da Silva e baseado em sua ampla cultura e experiência humana e clínica, traz uma reflexão sobre a ancestralidade das imagos modelares de criatividade, que afirma remontar filogeneticamente à infância da Humanidade, e que cada um de nós repete ontogeneticamente na história evolutiva pessoal (BRANCO, 2010, p. 399-400).

A criatividade, fonte de cultura, alicerça-se na tradição. Portanto criar só é possível com base numa tradição. Para o autor, educar com base numa tradição significa, em termos práticos, respeitar o saber e a sabedoria anteriores da criança, o que ela adquiriu no tempo primitivo de sua criação. É importante, no campo da educação, respeitar a criança, em relação àquilo que ela já sabe. A escola, por sua vez, deve ser o lugar onde as crianças e os adolescentes se sintam protegidos e amados.

Para João dos Santos, os problemas na aprendizagem das crianças e adolescentes devem ser compreendidos, nas bases da psicologia genética, na perspectiva da continuidade e descontinuidade da ação (gratificação/frustração) do desenvolvimento e das relações de objeto (BRANCO, 2010).

3.7 Problemas na aprendizagem

Os problemas na aprendizagem podem ser encontrados em crianças, adolescentes e pessoas na fase adulta. Constituem dificuldades presentes no dia a dia escolar, sendo

vivenciadas por professores, coordenadores, psicólogos como também pelos pais e/ou responsáveis e demais pessoas que convivem com ele. Muitas vezes, crianças e adolescentes têm prejuízos graves quanto ao senso de autoestima, a construção de sua imagem psíquica, sendo esta, ao longo dos anos, carregada de adjetivos depreciativos, como burra, lesada, doida, maluca, preguiçosa ou mesmo desinteressada em função da falta de conhecimentos dos educadores. Existe um grande número de educadores/professores que não tem conhecimento do tema em questão.

Os distúrbios da aprendizagem não são definidos pelo fato de não se ter inteligência, ao contrário. Muitas das pessoas com transtorno de aprendizagem têm Quociente de Inteligência (QI) acima da média (elevado). Muitos têm equivalência com deficiências reversíveis, dessa forma, precisam receber atenção especial e formas de ensino (metodológicas, didáticas, teorias de embasamento e prática) que digam respeito a cada especificidade. As deficiências no processo de aprendizagem podem ter diversas causas que afetam a capacidade dos indivíduos. Exemplos delas são problemas relacionados a questões no ambiente familiar, dificuldades de adaptação ao método utilizado, dificuldades no aparelho auditivo ou na visão, problemas na área afetiva do desenvolvimento, defasagem na qualidade do ensino, dificuldade com determinada matéria, diferenças culturais, problemas sociais como a desnutrição, questões econômicas, questões genéticas das mais diversas e tantas outras (GARCIA, 1998). É importante ressaltar que, na contemporaneidade, existe uma fragilidade nos processos formativos dos professores para a compreensão dessas questões, centrados na área cognitiva; e que, ainda, há elementos avaliativos das políticas educacionais, que acabam por focar nos sujeitos a raiz dos problemas relacionados a aprendizagem.

Em função da grande quantidade de causas que podem ser atribuídas às dificuldades de aprendizagem, existem muitas crianças encaminhadas para tratamentos médicos e psicológicos em vão, ou de forma dispensável.

A literatura, por vezes, diferencia *Distúrbios da aprendizagem* de *dificuldades da aprendizagem*. Vejamos exemplos de fatores que causam dificuldades na apreensão do conhecimento (GIMENEZ, 2005):

- a) baixa qualidade do sono;
- b) diferenças culturais;
- c) problemas sociais como a desnutrição; Questões econômicas;
- d) mudanças nas modalidades avaliativas da escola;
- e) desmotivação;

- f) conflitos no ambiente familiar assim como questões na área afetiva do desenvolvimento;
- g) deficiências na estrutura da educação: professores insatisfeitos (Mal remunerados) salas com muitos alunos; professores sem a formação adequada/pouco treinados;
- h) material didático inadequado;
- i) didática e metodologia inadequada;
- j) baixo QI;
- k) falta de interesse;
- l) problemas na visão;
- m) problemas na audição;
- n) problemas genéticos.

Vejam algumas características de pessoas que possuem Distúrbios da Aprendizagem:

- a) apresentam QI normal, muito próximo da normalidade ou até mesmo superior;
- b) não apresentam deficiências sensoriais, nem neurológicas significativas;
- c) possuem rendimento escolar insatisfatório em relação às demais pessoas que se encontram na mesma faixa etária;
- d) apresentam uma disfunção no sistema nervoso central;
- e) suas dificuldades são detectadas, na maioria das vezes, no início da alfabetização, quando a criança passa a frequentar a escola e nota-se suas diferenças de aprendizado em relação ao restante do grupo;
- f) têm dificuldades em um aspecto específico da aprendizagem (leitura, fala, escrita, matemática, raciocínio).

Os problemas na aprendizagem podem estar ligados a problemas externos ou a um conjunto de elementos, por exemplo, à estrutura geral da educação (metodologia, didática, qualificação dos professores) ou ao ambiente familiar e suas condições econômicas, atingindo a criança em nível individual. Essas questões podem influenciar de forma negativa a aprendizagem.

As características que devem ser observadas nos sujeitos que possuem distúrbios de aprendizagem, são dificuldades específicas para a realização de atividades como a leitura, a escrita, a fala, o raciocínio e as habilidades matemáticas. Esses sujeitos precisam de um olhar diferenciado e tratamentos diferenciados como o auxílio de profissionais especializados, metodologias e didáticas que supram as suas necessidades, algumas escolas que tenham determinados recursos específicos, entre outras necessidades

3.8 Os principais problemas na aprendizagem

Os problemas na aprendizagem podem estar ligados a problemas externos ou a um conjunto de fatores como já anunciamos. Trataremos aqui dos principais problemas na aprendizagem.

Dislexia

A dislexia é caracterizada por problemas na fala, problemas de ordem auditiva, fonética, dificuldade de associar as letras do símbolo gráfico ou som de cada, dificuldades na leitura (GARCIA, 1998). Por exemplo, troca-se o fonema “P” por “B”. A criança pode também apresentar uma linguagem muito infantilizada para sua faixa etária.

A dislexia é chamada, muitas vezes, como “a mãe dos transtornos de aprendizagem” porque, a partir dos estudos e identificação deste problema, deu-se o ponto de partida para uma busca pelo conhecimento de todos os outros tipos de distúrbios existentes.

A dislexia de evolução é uma perturbação pela qual a aprendizagem da leitura e da escrita se torna difícil, tomando estes indivíduos, normais de inteligência, a aparência de deficientes intelectuais (SANTOS, Locais do Kindle p. 2788-2790). Product Solutions Catalysis Ltd. Edição do Kindle.

A dislexia é causadora de um número alto de repetência e abandono escolar. Os professores, por não terem conhecimento, acabam por contribuir para uma evasão escolar e o agravamento dos problemas enfrentados pelas crianças e adolescentes. Os seus fracassos não são compreendidos, e não são valorizadas suas tentativas de ultrapassar suas dificuldades, desenvolvendo uma imagem negativa sobre si mesmas.

Disgrafia

A disgrafia está relacionada a erros na pontuação, estruturação da escrita, organização dos parágrafos e posição das letras. Pode vir acompanhada com dificuldades de leitura e cálculo. O adolescente com disgrafia tem problemas com a mecânica da escrita manual, apresentando má caligrafia e podendo apresentar problemas para organizar números e letras no papel.

Caracteriza-se por uma escrita ilegível e lenta, levando a um desempenho ruim na escola mesmo em alunos que possuem inteligência normal ou acima da média. Trata-se de uma deficiência na qualidade do traço gráfico, o que se reflete por meio de grandes dificuldades para escrever corretamente a linguagem falada.

A criança ou adolescente com disgrafia tem dificuldades na realização motora do ato de escrever e em coordenar as informações visuais. A disgrafia pode ocorrer também em crianças com capacidade intelectual normal, sem qualquer transtorno neurológico, sensorial, motor ou afetivo (GARCIA, 1998).

Discalculia

A discalculia é um transtorno nas habilidades matemáticas apresentando erros na compreensão dos números, na solução de problemas e na habilidade de contagem. Os estudos de Piaget são muito importantes para a compreensão da discalculia. Não se consegue ordenar os números, entender as operações matemáticas, nem executá-las. Dificuldades com cálculo mental e a memorização de tabuadas e fórmulas.

É muito importante uma boa formação do professor para lidar com a problemática em questão, inclusive para conseguir perceber, ter uma atenção especializada e encaminhar para os diversos serviços. A matemática é vista por muitos alunos como uma matéria difícil, nem um pouco motivadora para alguns, e o currículo escolar brasileiro preza muito pelas disciplinas de português e matemática, portanto, a não compreensão dos conteúdos e as notas baixas desencadeiam uma série de problemas desde desmotivação, baixa autoestima, abandono escolar dentre outros.

Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade

Em 1902, descreveu-se pela primeira vez o que hoje conhecemos como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). O pediatra inglês George Still apresentou estudo de casos de crianças com hiperatividade e outras alterações de comportamento, provavelmente provocadas por algum transtorno cerebral na época desconhecido pois estavam descartadas falhas educacionais ou ambientais (BARKLEY, 2008).

O TDAH caracteriza-se, pela desatenção, pela agitação e pela impulsividade. Pessoas com o diagnóstico de hiperatividade são capazes de aprender, mas encontram problemas no desempenho escolar por conta do impacto que seus sintomas causam.

Aponta-se como um dos transtornos psíquicos que atrapalha a vida escolar, como também o campo dos relacionamentos interpessoais e profissionais. Manifesta-se entre 3 e 5% das crianças. Ao fazer o diagnóstico, precisa-se levar em conta os aspectos biológicos como também o meio que a criança vive, que envolve família e escola.

A ciência antigamente tinha a crença de que as manifestações do TDAH desapareciam quando a pessoa estava no final da adolescência. Estudos mais recentes apontaram que os sintomas persistem na adolescência e vida adulta em maior ou menor densidade por toda a vida da pessoa. Adolescentes com TDAH apresentam, por vezes, sintomatologia diferente das crianças, por exemplo, no quesito atividade motora, é normal nessa faixa etária uma diminuição. O que predomina no adolescente é uma sensação interna de inquietação, ou como se estivessem muito atarefados, quando, na verdade, o que ocorre é uma dificuldade em diminuir o nível de atividade. Muitas vezes, é comum o adolescente se ocupar com diversas atividades ao mesmo tempo, geralmente, não conseguindo completar nenhuma delas. Nessa fase da adolescência pode se perceber de forma mais acentuada a incapacidade de concentração, distração frequente, humor instável, muitas brigas com professores e colegas. Dificuldades em transformar ideias em ações (LIMA, 2010).

Entre as características do TDAH, temos:

- a) descontrole motor acentuado;
- b) distração recorrente;
- c) esquecimento das próprias obrigações;
- d) por vezes, falas excessivas;
- e) perda e esquecimento frequentes de objetos;
- f) dificuldades em seguir instruções e se organizar;
- g) movimentos bruscos e inadequados;
- h) mudanças de humor;
- i) instabilidade afetiva.

O distúrbio está ligado à produção de neurotransmissores. Diz respeito a uma área no cérebro que desenvolve o equilíbrio entre a percepção, a estimulação ambiental e a

capacidade de resposta do cérebro a tudo isso. Quando ocorre uma deficiência nesse processo na produção de substâncias como os neurotransmissores, é gerada uma falta de equilíbrio nesse sistema, originando-se o TDAH.

Sobre o diagnóstico, PEREIRA; ARAÚJO E MATTOS (2005) apontam que, de acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatística nas Doenças Mentais IV (DSM IV), o diagnóstico é dado quando o sujeito atende a pelo menos seis dos nove critérios de um ou de ambos os domínios da síndrome (hiperatividade/impulsividade e desatenção) em pelo menos dois locais diferentes, como na escola e em casa. Confere-se assim a classificação de tipo predominantemente hiperativo/impulsivo (apenas presentes seis ou mais dos critérios de impulsividade/hiperatividade), de tipo predominantemente “desatento” (apenas presentes seis ou mais dos critérios de desatenção), ou do tipo “combinado”.

Quadro 1 – sintomatologia do TDAH

<p>Desatenção</p> <p>Falha para prestar atenção a detalhes Dificuldades para manter atenção sustentada nas tarefas Frequentemente parece não escutar quando se fala diretamente com ele (a) Frequentemente não segue instruções ou falha na finalização de tarefas Tem dificuldade para organizar tarefas ou atividades Frequentemente perde coisas necessárias para a realização de tarefas É facilmente distraído por estímulos externos É frequentemente esquecido em atividades diárias</p> <p>Hiperatividade</p> <p>Mexe os membros com frequência ou se move na cadeira Levanta-se da cadeira na sala de aula ou em outros locais onde é esperado que permaneça sentado Corre ou sobe excessivamente nas coisas Tem dificuldades para brincar calmamente Está frequentemente "a ponto de" " e parece " ligado em um motor" Fala excessivamente</p> <p>Impulsividade</p> <p>Explode em respostas antes das questões serem completadas Tem dificuldades em esperar a sua vez Frequentemente interrompe os outros</p>

Fonte: Pereira, Araújo e Mattos. (2005).

A Associação Americana de Psiquiatria, por meio do *Diagnostic and Statistic Manual* (DSM), propõe que, para se diagnosticar TDAH, devem estar presentes no mínimo 6 sintomas de desatenção e/ou, no mínimo, 6 sintomas de hiperatividade e impulsividade.

Para se fazer o diagnóstico, não existe um exame que aponte que o sujeito tem TDAH, o profissional precisa da avaliação clínica, ou seja, também ouvir a história da vida da pessoa, geralmente com a ajuda dos pais, o relato de como eles são na escola (no caso de crianças). Pode auxiliar na avaliação do caso utilizar questionários que podem ser listas de verificação de sintomas ou escalas de avaliação.

O processo diagnóstico de um indivíduo com queixas de comportamento discrepante daquele esperado para a faixa etária e inteligência e que acarrete prejuízo para o seu desenvolvimento em diferentes domínios da integração social não se limita ao preenchimento dos critérios de TDAH pela DSM-IV ou ICD-10, uma vez que há necessidade de se excluir outros diagnósticos, tanto diferenciais, quanto modificadores do prognóstico e tratamento. (PEREIRA; MATTOS, 2005, p. 399).

São comuns as comorbidades ligadas ao quadro da doença, entre elas transtorno desafiador opositor, transtorno de conduta, depressão, ansiedade, abuso de substâncias psicoativas, outros problemas na aprendizagem envolvendo leitura e matemática.

Os distúrbios do humor, depressão e ansiedade estão presentes em 20 a 40% dos indivíduos com TDAH, mas seu impacto no prognóstico é menos negativo que aquele da associação com Transtorno de Conduta. A presença de agressividade, por sua vez, é altamente preditiva de comportamento anti-social na adolescência e de violência na vida adulta. (PEREIRA; MATTOS, 2005, p. 395).

Transtornos emocionais/distúrbios da saúde mental

Os adolescentes se deparam com desafios e exigências diários, assim como a escola e os educadores, aqui trataremos dos principais transtornos mentais que atuam entre os adolescentes, gerando problemas na aprendizagem.

1) Ansiedade

A ansiedade é um estado de humor negativo que tem como características sintomas corporais de tensão física e apreensão em relação ao futuro (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1994). Tem uma vivência subjetiva de inquietação e um conjunto de comportamentos (parecer preocupado, inquieto e ansioso), como também respostas fisiológicas de origem cerebral que se configuram em tensão muscular e aumento dos batimentos cardíacos. Trata-se de um estado do humor orientado para o futuro. Algumas vezes, a ansiedade está associada à depressão.

Em matéria publicada na Revista Mente Saudável (2017), apresenta-se um levantamento que aponta que o Brasil é um dos países com mais alunos ansiosos e tensos. Os alunos da escola brasileira estão entre os que ficam mais estressados durante os estudos, aponta que 56% dos entrevistados relataram o problema quanto a ansiedade. Os adolescentes brasileiros ocupam o segundo lugar no ranking dos ansiosos para as provas, mesmo quando se preparam.

Os adolescentes se deparam com desafios e exigências no seu dia a dia, em relação a matérias difíceis, processos avaliativos, atingirem boas notas, exigências dos professores, cargas horárias exaustivas e pressões familiares quanto aos estudos. Sabemos que existência de uma ansiedade moderada é positiva e funciona como uma fonte de energia que ajuda o adolescente a mobilizar-se para os seus objetivos.

Parece que somos programados para vivenciá-la cada vez que fazemos algo importante. Essa ansiedade moderada e positiva muitas vezes nos faz sairmos melhor num teste por estudar mais, ou obter um resultado positivo numa entrevista de emprego. Já a ansiedade excessiva torna-se disfuncional e bloqueadora, o que leva o adolescente a sentir-se incapaz de atingir seus objetivos. Nesse último caso, são frequentes as alterações bruscas de humor, preocupação crônica, queixas de dores sem causa aparente, irritabilidade, alterações bruscas do sono ou não querer ir para a escola. (BARLOW; DUIRAN, 2008)

Em 2017, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou que os transtornos de ansiedade atingem um total de 264 milhões de pessoas, dos quais 18 milhões são brasileiros. Na verdade, o Brasil é campeão, com 9,3% da população afetada. A porcentagem fica bem à frente de outras nações: nas Américas, quem chega mais perto do Brasil é o Paraguai, com uma taxa de 7,6%. Na Europa, temos Noruega (7,4%) e Holanda (6,4%) (MENTE; CÉREBRO, 2017).

2) Depressão

Em nossa pesquisa, uma das categorias estudadas foi problemas na aprendizagem, e aqui temos um dado significativo, os nossos entrevistados sejam eles, familiares ou profissionais da educação, quando indagados sobre essa temática apontam que os problemas de aprendizagem que aparecem hoje em dia estão ligados a questões de ordem emocional uma constatação de muita tristeza, choro e também de depressão nos jovens.

A depressão era considerada uma psicopatologia específica da fase adulta. A partir de 1960, sua conjuntura foi relacionada à infância e adolescência. O Instituto Nacional de Saúde Mental dos EUA passou a considerar a depressão na infância e adolescência a partir de 1975 (MONTEIRO; LAGE, 2007). Segundo Schneider e Ramires (2007), a partir da adolescência, a sintomatologia depressiva passa a ser o agente de cerca de 75% das internações psiquiátricas.

Na depressão, há uma perda de interesse nas atividades em geral, alterações do sono, alterações do apetite, falta de energia, irritação, tristeza, ideias de morte. Esses sintomas têm inúmeras implicações no ensino e na aprendizagem na escola, aparecem sob a forma de desmotivação, desinteresse, lentidão psicomotora, agressividade, diminuição do rendimento escolar, falta de concentração.

No que se refere às perturbações afetivas da adolescência, já estudamos, na seção anterior, que se trata de um período que revela as falhas e fraquezas estabelecidas nos primeiros anos de vida que até então estavam ocultas. Falamos aqui num momento de reedição. Na adolescência, tudo isso vem à tona por conta de todos os conflitos referentes a essa fase do desenvolvimento, pois é exigida a separação dos pais, a tarefa de integrar um conjunto bem mais complexo de pensamentos sobre seus próprios sentimentos e motivações, assim como das outras pessoas. Falamos de um período em que ocorre o desinvestimento da vida infantil e o reinvestimento das funções do ego, do self e das relações de objeto, sendo um período de conflitos e crises.

A depressão é uma temática seríssima, que requer a devida atenção assim como o também conhecido *cutting* (automutilação). Estiletes, lâminas de apontador, compassos, objetos que fazem parte do material escolar, têm sido usados por adolescentes para automutilação.

A automutilação é uma agressão ao próprio corpo sem intenção consciente de suicídio. A automutilação expõe uma incapacidade de lidar com seus próprios sentimentos, como angústias, medos, tristeza e conflitos, como também não encontram um interlocutor para compartilhar a sua dor. O sentimento de solidão é profundo. Os adolescentes veem nessa prática a saída mais rápida para aliviar esse intenso sofrimento. A dor que infligem diretamente no corpo é concebida como um modo de apaziguar a insuportável dor da alma

(FORTES; KOTHER, 2017). Como a prática tem início geralmente no início da adolescência, a escola precisa estar atenta a esses novos desafios.

João dos Santos, em *A Casa da Praia – O Psicanalista na escola* (2017), ao abordar a questão da ansiedade e depressão, corrobora com Freud e diz que os sintomas ou as doenças são formas naturais de reagir ao sofrimento. Dessa forma, em *A Casa da Praia*, embora de modo aparentemente simplista, João dos Santos aponta que todos os sintomas na criança, em seu desenvolvimento escolar, possuem algo considerado comportamental. São consequências do seu sofrimento e têm origem ansiogênica ou depressiva. Enquadram-se aí a indisciplina patológica, a agressividade com colegas e professores, o furo, a negação da importância do saber como fator relevante no jogo para ser amado. Foram adotadas na escola medidas em que os pedagogos apresentam esta como uma instituição maternal e festiva, uma espécie de remédio ou terapia para crianças deprimidas. Para tanto, trabalha-se com uma equipe de saúde mental, um grupo de pessoas com técnicas e profissões diferentes, que discutem os casos periodicamente, para pensarem juntos e darem seus pontos de vista não apenas técnicos, mas afetivos também.

É sugerido que cada técnico conheça o básico do que os outros técnicos estão aplicando, para que todos possam agir em conjunto, como assistentes sociais, médicos, psicólogos, pedagogos. João dos Santos reafirma que conseguiram reintegrar na escola regular mais da metade dos casos que chegavam pelas classes da Casa da Praia. Esclarece-nos que não procuraram um ambiente festivo como objetivo, ele surgiu como explicação da melhoria que observaram nas crianças. Concluem assim, de forma um tanto óbvia, que festas são antidepressivos. Todas as festas populares são oportunidades para realizarem muita diversão, que fizesse sentido na tradição e na vida da comunidade. João dos Santos nos fala da alegria presente quando uma ou mais pessoas participam de um jogo haja vista que a solidão é frequentemente depressiva.

4 CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA OU PSICOPEDAGOGIA DE JOÃO DOS SANTOS PARA A COMPREENSÃO DA APRENDIZAGEM E SEUS PROBLEMAS

Ao falarmos em pedagogia terapêutica, estamos falando de um tipo de relação entre pedagogo (adulto) – criança ou adolescente, uma relação investida, posta em prática a partir de teorias e técnicas apropriadas, mas este pedagogo precisa estar consciente dos seus próprios conflitos infantis e da adolescência, só desse modo, seu inconsciente estará disponível para se pôr a serviço do adolescente. Para João dos Santos, a arte de curar e a arte de educar seriam na sua base idênticas (SANTOS, 1976). Esta seção relaciona-se com o objetivo da pesquisa de compreender a pedagogia terapêutica.

4.1 Pedagogia terapêutica ou psicopedagogia de João dos Santos

João dos Santos (1913-1987), na condição de médico e psicanalista português, destacava a necessidade de dar atenção aos afetos das crianças e adultos. O autor tem ligação com os estudos psicanalíticos e proximidade com Freud, Winnicott e Wallon, Gesell e Piaget. Defende que a educação é tarefa de várias instituições, não se restringindo à família nuclear e à escola, porque depende de experiências obtidas junto à família alargada e outros laços sociais; é de extrema importância abordar a temática proposta pelo autor e dela tirar indicações que lidem com os dilemas da aprendizagem, nas dimensões cognitiva, afetiva e social das crianças e adolescentes.

João dos Santos defende que todo aquele que trata da criança e do adolescente seja na área da educação, seja na área da saúde mental deva ter algum embasamento de psicanálise. O autor nos traz duas exigências: todo pedagogo deve conhecer os aspectos fundamentais da psicologia do desenvolvimento; o pedagogo dedicado à educação e ao tratamento da saúde mental das crianças, deve possuir, além desses conhecimentos, formação teórico e prática em psicoterapia, sem isso, sua atuação, a sua ação, pode estar comprometida pela falta de vigor e eficácia. Porém ressalta que muitos entre nós apreciam a formação psicanalítica para a prática da psicoterapia infantil e do adolescente, no entanto, faz-se claro que a formação não deve ser exigida de todos os técnicos dos centros que trabalham com jovens, pois muitas vezes é impossível e em outras contraindicada.

A Pedagogia Terapêutica não pretende ser uma ciência, mas uma atuação prática para a resolução dos obstáculos que se apresentam à criança e ao adolescente, aos professores e aos pais, na aplicação dos métodos, instrumentos e materiais escolares. Sempre que possível, a orientação terapêutica deve respeitar o essencial dos métodos utilizados pelos pedagogos e por todas as pessoas intervenientes na educação da criança e do adolescente (SANTOS, 1976 p. 5).

A psicologia pedagógica ou pedagogia terapêutica diz respeito tanto aos psicólogos, pedopsiquiatras quanto aos educadores. É impossível se pensar que um pedagogo não compreenda os dados psicológicos iniciais que a psicologia do desenvolvimento nos dá o aporte teórico que permitem compreender o nível de iniciação de aprendizagem escolar, processo da leitura e escrita. O autor nos diz ainda que, em um trabalho em equipe que lida com crianças e adolescentes no que diz respeito a sua saúde mental, nenhum técnico pode rejeitar a intervenção dos pais. Intervenção essa cuja imensa importância nos é clarificada pela formação em psicanálise, uma influência herdada do encontro de João dos Santos em seu exílio por conta da ditadura salazarista com o teórico psicanalista Winnicott. João dos Santos afirma que, nos centros que tratam de reeducação e da saúde mental da criança e do adolescente, pelo menos um psiquiatra ou psicólogo com formação psicodinâmica (seria ideal, um psicanalista), estaria presente para formar e supervisionar a equipe.

Vejamos os princípios da pedagogia terapêutica:

- 1 – É uma atitude face às crianças/adolescentes com problemas escolares;
- 2 – Não é ciência, mas uma orientação;
- 3 – É não-diretiva na observação, mas diretiva na intervenção;
- 4 – Intervenção a curto prazo (máximo 1 ano escolar);
- 5 – Averigua onde está o ponto de fratura que impediu o processo de aprendizagem;
- 6 – Atua de forma mais direta do que a classe regular portanto eventualmente sem “instrumentos intermediários” como a escola regular;
- 7 – Implica a penetração Pedagogia-Psicologia;
- 8 – Pode ser encarada como psicoterapia em sentido lato, mas é preferível que seja concebida como pedagogia;
- 9 – Utiliza métodos de pedagogia corretiva utilizados com todos os deficientes motores, sensoriais e intelectuais;
- 10 – É uma orientação para a investigação (SANTOS, 1976, p. 9-10).

Dentre os desafios de sala de aula pontuados pela coordenadora entrevistada temos a questão da aproximação com o jovem assim como a comunicação com eles, aponta

como desafio a formação acadêmica, faltando as competências sócio emocionais para trabalhar com os adolescentes da melhor forma possível ratificando a nossa teses de que Os professores do Ensino Fundamental e Médio do Estado do Ceará, frente aos desafios colocados pelos dias atuais necessitam de uma formação específica, balizada por uma abordagem da pedagogia terapêutica de João dos Santos, com o intuito de oferecer suporte para sua prática profissional e elementos de apoio a família.

Para o autor, os melhores educadores e os melhores terapeutas são os que respeitam a autonomia, o segredo e a intimidade da criança. Solidão – capacidade de estar só –, silêncio, autonomia, autenticidade, sagrado, imaginação, criatividade, segredo, mistério, intimidade, espiritualidade, escola, aprendizagem e cultura são temas importantes na teoria de João dos Santos. Para que as crianças, adolescente e adultos caminhem de forma equilibrada para estarem sós, é preciso que, quando bebês, eles tivessem tido a possibilidade de estarem a sós na presença da mãe, grande outro significativo, presença essa amorosa (BRANCO, 2010).

4.2 Educadores e terapeutas precisam fazer as pazes com a própria infância e adolescência

Para João dos Santos, autonomia é a capacidade de viver na solidão inevitável a que o homem é guiado pelo seu segredo, pelos seus medos, seus fantasmas, sua intimidade secreta, amores confessos e inconfessos, pelo próprio mundo que criou. João dos Santos nos aponta que é fundamental para a nossa existência e coexistência termos um segredo, termos uma vida interior. “A vivência de cada pessoa é única e autônoma, portanto, ser autônomo é ter uma vida interior, é a solidão da infância mais remota. É de extrema importância aprendermos a estarmos sós, porque a solidão nos permite dialogar e criar” (SANTOS, 1983 p 313).

Vemos claramente exposta, na teoria Santiana, a importância de a criança nascer e crescer numa família amorosa, preocupada, já que toda criança e adolescente precisa se sentir amado e aprovado. Santos afirma que, quando nós nos descobrimos solitários na vida, entendemos o sentido do grande segredo ou tesouro que cada um de nós guarda dentro de si, ou seja, ele afirma que “o segredo do homem é a sua própria infância”. Por isso, ele apela para que as crianças e adolescentes sejam bem tratados e compreendidos no aqui e no agora de suas vidas, o que fazemos quando as estimulamos a enriquecer o seu mundo interior com vivências que tornem menos dura e menos só a hora da morte, o que ele trata na obra Ensaio sobre Educação II (SANTOS, 1991 *apud* BRANCO, 2010, p. 88).

É necessário que um adulto equilibrado, uma família equilibrada ajude a criança e o adolescente a estruturar sua personalidade, no amor, na aprovação, na confiança, no carinho, no respeito, encontrando assim um ambiente de alegria e descobertas para o viver e o criar e descobrir o mundo, a si mesma e os outros, dessa forma a criança passa a viver em relação a própria intimidade, interioridade, espiritualidade, uma vida secreta (segredo), e a desenvolver um pensamento que seja de diálogo e reflexão interior.

No pensamento santiano, vemos que o segredo do homem é a própria infância e autonomia é a capacidade de viver na solidão inevitável a que o homem é guiado pelo seu segredo, pela sua intimidade secreta. A linguagem ou o uso da língua serve, ao mesmo tempo, para camuflar e dizer de nossa intimidade, de nossos sentimentos, de nossos segredos, são consequências do jogo de ausência e presença do outro. São diálogo. Essa vida interior somente se exterioriza de forma simbólica. Cada pessoa é uma experiência inédita, pois sua vivência é interioridade. O apelo Santiano é que ajudemos as crianças e os adolescentes a enriquecer sua vida, seu mundo interior com vivências e experiências.

Na relação precoce com a mãe e depois o pai, com sua família alargada e com os grupos comunitários a que irão pertencer, nas águas tranquilas de espelhos humanos, amorosos e calorosos, a criança vai adquirindo um eu forte e bem estruturado.

João dos Santos afirma que, para se trabalhar com crianças e adolescentes, na educação, na saúde mental a de se primeiro rememorar a própria infância e adolescência, fazer as pazes com a criança interior que nos habita, e o jovem que o habita, somente dessa forma, cuidando da sua criança interior é possível se ter filhos e cuidar das crianças dos outros, é realmente um exercício autobiográfico (BRANCO, 2010).

Para Holanda (2014), é possível perceber a influência de pedagogos modernos que modificaram radicalmente a relação professor/aluno, no sentido de uma maior liberdade, compreendendo a criança como ser original, portador de necessidades próprias, levando em conta seus interesses e organização mental.

4.3 Contribuições da pedagogia terapêutica de João dos Santos para compreensão dos processos de transferência e contratransferência

João dos Santos, no período da ditadura de Salazar (1926-1968) em Portugal, que durou mais de 4 décadas, foi obrigado a cumprir exílio em Paris, onde iniciou seus estudos e formação em Psicanálise, estudos estes de extrema importância na teoria Santiana.

Não é demais asseverar, João dos Santos defende que todo aquele que trata da criança ou do adolescente deva ter algum embasamento de psicanálise e nos aponta, como já dito, que todo aquele que trabalha com crianças e jovens na área da educação deve ter, além da formação específica na psicologia do desenvolvimento humano, formação teórico e prática em psicoterapia. Sem isso, compromete-se sua atuação pela falta de vigor e eficácia. Um dos pontos de que a psicologia tradicional não se deu conta até Freud foi a constatação dos processos de transferência e contratransferência no processo psicanalítico. Posteriormente, Ana Freud e os próprios pós-freudianos trazem essas reflexões para educação.

No processo de ensino-aprendizagem, existem dois protagonistas, o professor e o aluno, ambos com bagagens de vida, experiências formadoras, relações afetivas. Há um período na vida da criança em que a educação e mais especificamente os professores entram na tarefa de educar na vida da criança. O campo que se estabelece entre professor e aluno para que possa haver uma aprendizagem chama-se transferência, como bem nos demonstrou Freud (1856-1939). O professor, para ser ouvido, está revestido por seu aluno de uma importância especial. Essa importância é uma manifestação do inconsciente, os professores tomarão para a criança o lugar dos pais, e herdarão os sentimentos que a criança dirigia aos pais na resolução do complexo de Édipo. Os educadores, investidos da relação afetiva antes dirigida aos pais, se beneficiarão dessas influências.

Por transferência, entendemos as atitudes, sentimentos e fantasias que um paciente experimenta, na situação analítica, em relação ao seu médico, muitas das quais emergem, de modo aparentemente irracional, das próprias necessidades inconscientes e conflitos psicológicos, em vez de circunstâncias reais de suas relações com o analista. Por exemplo, o paciente pode atribuir, inconscientemente, características de seus pais, irmãos, ao analista, enquanto este representará qualquer dessas pessoas em relação ao paciente (CABRAL; NICK, 2001).

Freud observou que o paciente tende a se apaixonar pelo analista, a temê-lo ou odiá-lo, e tudo isso sem ligação com a realidade da personalidade do analista. Freud acreditava ter encontrado a explicação teórica desse fenômeno pela suposição de que o paciente transferia seus sentimentos de amor, medo, ódio, experimentados em criança para com o pai e a mãe, para a pessoa do analista (FROMM, 1964).

Como afirma Kupfer (1998), o problema é que, com esse poder em mãos, não é fácil usá-lo para libertar um escravo que se escravizou por livre vontade. A história mostra que a tentação de abusar desse poder é muito grande. Salientamos, nesse momento, a importância de compreensão desses processos para uma postura ética do médico ou do pedagogo de não abusar desse poder impondo suas ideias e valores, impondo seu desejo àquele que inicialmente moveu a criança a colocar esse pedagogo/médico em destaque.

João dos Santos defende que os psicanalistas sabem que a vida psíquica se processa por via de objetos e fantasmas, dos quais resulta a interiorização fantasmática de objetos reais. O mesmo afirma que não é da verdade objetiva que andamos à procura; é da verdade interior das pessoas, daquilo que elas elaboram a partir da realidade, das palavras e dos sentimentos, trabalhamos com o subjetivo. Desde que Freud falou de transferência e contratransferência, não há observação neutra, porque entra sempre a subjetividade do observador. Observar é um encontro de duas subjetividades. O observador modifica o próprio observado o que ele trata na obra *Técnicas de expressão Corporal* (SANTOS 1981 *apud* BRANCO, 2010, p. 90).

Fica clara a importância daquilo que João dos Santos defende, para se trabalhar com criança e adolescentes na educação, na saúde mental: a necessidade de primeiro se rememorar a própria infância e adolescência, fazer as pazes com a criança interior que nos habita, somente dessa forma, cuidando da nossa criança interior é possível se ter filhos e cuidar das crianças dos outros e estar disponível.

A relação e o afeto são os alicerces da construção interior de da prática de uma vida saudável e solidária: crescimento equilibrado. Afirma Santos (1983, p. 275):

Mestres são os que acreditam no valor da relação humana, no florescer das ideias que são mito, e os que sabem viver na floresta do conhecimento [...] O encontro não é só obra do acaso, é também obra da disponibilidade recíproca daqueles que se encontram.

De posse desses conhecimentos por parte do pedagogo-terapeuta, sabemos que nessa relação ocorre uma transferência de sentido, essa transferência de sentido é operada pelo desejo. O desejo é a representação de algo que a pessoa considera meio de satisfação ou de gratificação. É esse desejo que transfere poder e sentido à figura do professor, do analista (KUPFER, 1998). Sendo assim, o pedagogo colhido pela transferência, o que quer que diga, será ouvido a partir do inconsciente. Sua fala deixa de ser objetiva, é escutada por intermédio dessa especial posição ocupada no inconsciente do paciente/aluno.

Vale a pena repetir um legado da teoria Santiana, quando ele afirma que só é bom saborear a vida, quando se saboreou a doçura da infância.

Ele reforça a ideia de que os melhores educadores e terapeutas que tratam da criança e do adolescente, seja na área da educação, seja na área da saúde mental, devem ter algum embasamento de psicanálise e estar disponíveis para o encontro.

5 APRENDIZAGEM E SOCIABILIDADES DOS ADOLESCENTES NOS DIAS ATUAIS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

Esta seção trata dos resultados obtidos pela pesquisadora, no trabalho de campo, conforme foi anteriormente descrito na metodologia. Nessa pesquisa qualitativa, foram entrevistados adolescentes e familiares desses adolescentes, buscando refletir sobre como as famílias e a escola lidam com a aprendizagem e a sociabilidade apresentadas pelos adolescentes estudados em escolas de Fortaleza, no Ceará, que participaram de entrevistas que realizamos. Trago aqui trechos dos depoimentos colhidos junto aos sujeitos desta pesquisa, procurando relacioná-los à problemática da adolescência que consegui mapear por via da literatura consultada. A estratégia utilizada consistiu em relacionar as definições dadas por adolescentes, familiares e educadores, com o intuito de demonstrar o quanto esses sujeitos estão sintonizados com as análises psicossociais e sociológicas que têm sido feitas sobre os dilemas da adolescência. Para tanto, recolhi temáticas caras aos estudiosos consultados neste trabalho, dando talvez a impressão de mera repetição do corpus teórico-conceitual por mim adotado.

5.1 Quem é o adolescente

Como vimos na literatura consultada, a adolescência é uma fase da vida, com mudanças profundas e inquietações existenciais diante de um mundo que se descortina como desconhecido e, por vezes, ameaçador. O jovem sai da puberdade e prepara-se para ingressar na idade adulta, em um mundo extremamente competitivo e hostil, onde os valores do mercado terminam por esgarçar os laços comunitários e de solidariedade.

Esse período é caracterizado como um período novo de grandes mudanças em diversas áreas (cognitivas, sociais e emocionais), como também de aquisições, incluindo o surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo, o que permite generalizações mais rápidas e a compreensão de conceitos abstratos, levando o adolescente a realizar um grande esforço para entender o significado do mundo e do seu lugar nesse mundo, em um exercício cheio de tensões, desafios, vitórias e frustrações. Senão, vejamos a fala dos adolescentes:

Para mim, ser adolescente ainda é algo muito novo, porque eu não entrei nessa fase há muito tempo, é tudo novo sabe? Sentimento, hormônio, tu choras por tudo, fica tudo muito difícil, e as vezes é muita pressão psicológica porque tá chegando, tá se aproximando cada vez mais o ENEM e a escolha do trabalho, então é muito difícil para gente, por mais que às vezes a gente só queira ficar largado na cama. (Adolescente – escola particular).

Acho que a adolescência é a fase que a gente tá crescendo mesmo, porque eu acho que na infância a gente tem muito na cabeça que era só brincar...não tem muita responsabilidade na escola. Mas na adolescência vem mais responsabilidade, a gente ter que se preparar para ser um adulto e saber curtir e ter que administrar tudo junto. Acho que na infância a gente descobre mais coisa, família, andar, falar, se vestir e na adolescência a gente já muda tudo isso da infância, porque algumas pessoas na adolescência mudam o conceito de família, muda forma de se vestir, valores. (Adolescente – escola pública, 2018).

Eu tenho muito medo de não conseguir passar no que eu quero na faculdade, eu fico pensando horas sobre isso, mas aí eu falo para mim mesmo, eu sei que eu consigo, sei que eu tenho capacidade, então com isso, eu faço que esse medo saia da minha cabeça. Eu tenho minha própria consciência, sei que preciso estudar um pouco mais, me organizar, não precisa ficarem me dizendo que eu tenho que estudar. (Adolescente, escola pública, 2018).

Adolescência é aonde você vai descobrir coisas novas. É o período de transição na nossa vida, você está passando da fase de criança pra adulto, então você vai conhecer novas coisas, tanto de orientação sexual, se gosta de menino ou menina, descobrir tudo mesmo. (Adolescente – escola pública, 2018).

A partir do momento em que começamos a dialogar com os adolescentes pesquisados e suas famílias e educadores, podemos descobrir o crescimento intelectual e a sua ânsia por novas descobertas, embora, muitas vezes, possamos nos assustar com a rebeldia e a negação de valores tradicionalmente impostos. É possível que, se aprendermos a dialogar, com respeito e interesse, em um exercício intelectual de descobertas mútuas, poderemos sair enriquecidos do processo. Vejamos as falas dos familiares sobre a adolescência.

Todo adolescente tem aquele momento de contestar o que a gente fala. Mamãe eu estou só sendo adolescente, aí eu digo: – Você pode ser adolescente do jeito que você for, e eu continuo sendo a mãe, e eu continuo mandando, e quem resolve as coisas aqui sou eu. Então tem conflitos [...] nessa idade eles buscam os amigos e vão para as casas dos amigos, e comparam e escutam como o outro funciona, e na adolescência muda muito o nível de liberdade e autonomia de família para família, liberdade de circular, agora mesmo nas festas de quinze anos já tem as bebidas, então vai depender de como você vai conduzir isso, porque, alguns já vão beber, e é um risco, e é uma confusão, uma dificuldade, que é do mundo mesmo. Mas a coisa boa do relacionamento com os adolescentes é que você vai podendo conversar outras coisas, eles fazem perguntas interessantíssimas, não é mais uma orientação de criança pequena, não é? É uma orientação de vida mesmo, isso é muito bacana essa parte do relacionamento com o adolescente. É criativo. (Mãe de adolescente, escola particular, 2018).

A criança dá um salto, um pulo, é uma fase assim que é tudo novo. Adolescência para mim é essa mudança. Isso de eu ter uma criança que de uma hora para outra ter uma adolescente é difícil. Eu e ela temos uma certa liberdade de conversar, então eu cheguei para ela e disse: - Minha filha eu quero que você entenda que para mim é difícil, você era a minha criança, minha menininha e aí de repente você é adolescente cheia de vontades. Eu acho que depois dessa conversa melhorou nosso relacionamento. (Mãe de adolescente, escola particular, 2018).

Toda vez que eu lembro da minha adolescência eu levanto a mão para o céu e agradeço. Porque ela é calma e eu era rebelde. Mas é legal, porque as coisas que eu faço por ela, eu geralmente me lembro de quando eu era adolescente. Eu lembro da minha fase e muitas vezes facilita a relação, o pai dela é mais duro com ela, não deixa isso, não deixa aquilo. (Mãe de adolescente, escola particular, 2018).

São de grande importância as mudanças pelas quais passa o adolescente nessa fase da vida. É o período do crescimento humano, usualmente situado entre o início da puberdade e o estabelecimento da maturidade adulta. Em termos de desenvolvimento, o período caracteriza-se pela transição do estágio infantil para o estágio adulto de inúmeras funções, incluindo as sexuais. Assim apareceu a definição de adolescência em nossa pesquisa, por sujeitos educadores:

Adolescente é um mundo novo, é assim, tudo novo [...] É tudo novo, é o namoro, são as descobertas do corpo também, que tem todas essas mudanças do corpo, o contexto familiar que também vai se modificando com o tempo. Então, é um mundo novo se abrindo para que eles também sigam os horizontes, as expectativas que eles criam para essa época da vida. Eles têm pouca orientação familiar, não todos, eu penso que eles acham que não tem ninguém para orientar a forma certa, a gente vivencia muito isso aqui na escola. (Coordenadora – escola particular).

É um período em que eles passam por transformações. E essas transformações vão desenhar um pouco do adulto que ele vai ser um dia. (Coordenadora – escola pública).

Ser adolescente pra mim, é uma fase de inovação na vida, fase de descobrimento, é uma fase bem conflitante na vida do ser humano, até ele saber o que ela vai ser na vida, o Jovem sem perspectiva de alguma coisa é difícil. Adolescência é a fase de transição da criança para o adulto. (Professor – escola pública, 2018)

Adolescente é um mundo novo, é assim, tudo novo. Você era criança, parece que esquece tudo e está começando do zero. É tudo novo, é o namoro, são as descobertas do corpo também, que tem todas essas mudanças do corpo, o contexto familiar que também vai se modificando com o tempo. Então, é um mundo novo se abrindo para que eles também sigam os horizontes, as

expectativas que eles criam para essa época da vida. Eu percebo que eles têm pouca orientação familiar. (Psicóloga – escola pública, 2018)

Essa transição na adolescência tem a ver com o dizer bíblico: estatura e graça não é? Estatura porque cresce, os hormônios vão mudando, o corpo vai mudando tudo vai mudando biologicamente e a graça em termos de acréscimo de aprendizagem, de experiência, de convívio também, de socialização e tudo mais. (Professora – escola pública, 2018).

Nessa fase da vida, o adolescente, em seus processos de transformação, busca a convivência do grupo social, notadamente do grupo de pares. Acontece um gradual afastamento e diferenciação das figuras parentais em busca da sua identidade, marcado por um desejo de liberdade e livre expressão.

Ao lado da inquietude típica da adolescência, vivemos num mundo de enorme turbulência, de muitas mudanças sociais – um mundo de economia neoliberal, onde prevalece o poder do mais forte, a força bruta do capital e das relações de exploração do homem pelo homem, em uma sociedade marcada pelos comportamentos narcísicos e egoístas, em um mundo em convulsão de valores e de instabilidades, numa contemporaneidade social fluída, que Bauman (2001) vai chamar de modernidade líquida.

Nesse mundo conturbado, onde tudo parece estar se desfazendo, as pessoas vivenciam, por medos e angústias, crises profundas, relacionadas à insegurança social, à pobreza, à desigualdade social, às drogas, à violência, verdadeiras crises existenciais sobre o sentido da vida, num mundo cada vez mais em desencanto. Os jovens estão inseridos nessa conjuntura. Muitos são os medos e desafios que envolvem a adolescência cearense. Vejamos o que dizem nossos diferentes sujeitos:

Eu tenho medo que meu filho seja um machista, porque eu eduquei ele, fiz de tudo para ele não ser, meu medo é esse de ele agir como um machista. Esse é o meu medo, o resto não. (Mãe de adolescente – escola particular).

Eu não queria morrer sem ter feito o que eu queria fazer, queria ser produtivo para o mundo, queria ser não só mais uma pessoa que nasceu e morreu, eu queria fazer a diferença. (Adolescente – escola particular).

Eu tenho medo de meus filhos serem julgadores dos outros, porque eu tenho eles, então, sempre que eu vou falar do próximo, eu procuro ver o que é que tem dentro do meu coração, porque quando eu julgo, quando eu aponto o dedo, tem três apontando de volta para mim, a gente precisa olhar com respeito as diferenças. (Mãe de adolescente – escola pública).

Os mesmos de que todo mundo, medo de drogas, que ele tenha amigos que não faça bem a ele em termos de educação, nada excepcional não, acho que são os medos de todo mundo. (Pai adolescente – escola particular).

Eu acho que meu maior desafio enquanto educadora, enquanto pessoa que convive com adolescente é tocá-lo, é chegar e fazer com que ele perceba que ele precisa daquilo que estamos oferecendo na escola, que ele perceba que é um ser extraordinário e que pode conquistar qualquer coisa. É o maior desafio. (Coordenadora – escola particular).

Entre as muitas mudanças, uma de grande importância é a maturação sexual. Além dos desejos mais intensos, dos sonhos e das fantasias, a masturbação é bem comum nessa fase. Aqui falamos do nascimento da sexualidade adolescente, que é também social e cultural, e não somente física.

Na sociedade atual, com os muitos apelos e erotização precoce, motivada na *internet* e nas mídias sociais (*Facebook, WhatsApp, Instagram* etc.), o jovem enche-se de intensa curiosidade e, muitas vezes, vai encontrar na sexualidade uma forma de afirmação. Na sociedade dita pós-moderna, o jovem conquistou o direito inalienável de dispor do próprio corpo. O adulto precisa respeitar o seu livre arbítrio, em matéria de sexualidade, embora isso não exclua a orientação, a educação e a responsabilidade.

Às vezes, os nossos adolescentes têm muitas questões da aceitação da opção sexual, então eles ficam naquele conflito que em casa não aceitam, eles não têm coragem de falar, e aí tudo desemboca na escola. Tem um problema em casa, e aí eles chegam aqui, estressados, aborrecidos, tristes. Às vezes, nem eles sabem dizer exatamente o quê. Então a gente tá aqui nesse meio para escutar professor, escutar aluno, observar o que está acontecendo, chamamos o pai, conversamos, e nisso a gente vai aprendendo a lidar com essas questões, não tem receita. A gente vai aprendendo, todo dia uma vivência, todo dia é algo que você aprende. (Coordenadora – escola pública).

Na adolescência, a gente muda o conceito de família, na infância viu que era mãe e pai, agora acha que tem que se relacionar com alguém do mesmo sexo, porque está sentindo agora atração por mulher, acho que é uma fase muito conturbada, a gente descobre muita coisa e não sabe lidar com isso direito, a gente tem que saber administrar essa curtição de sair experimentando tudo pra realmente saber o que eu quer. (Adolescente – escola pública).

Essa sexualidade adolescente, pode ser desde uma fase marcada por profundos tumultos na vida pessoal, até o mito da precocidade sexual nos dias atuais. Existem diversos fatores que influenciam a sexualidade do jovem, é o que podemos apreender nas entrevistas que realizamos.

Eu tenho gêmeos, um menino e uma menina, a educação é diferente para ele e para ela, porque o pai ele tem um certo orgulho quando o filho homem começa a namorar. Eu tenho a preocupação com o filho homem com amizade e com a menina com relação ao namorado, a relacionamento, então cada um eu tenho uma certa preocupação, um envolvimento de um coleguinha com drogas, gravidez. E tenho medo de eles trazerem uma orientação sexual diferenciada, é um temor. Eu tenho amigos de orientações diferentes, eu me relaciono, mas dentro de casa é difícil, é diferente, você falar de boca para fora que aceita, mas quando você passa pra realidade na sua casa é supercomplicado, você ver duas pessoas do mesmo gênero ali, sendo seu filho, é difícil. É um receio, porque hoje a sociedade ela influencia certas coisas, não que eu seja contra, não tenho nada com isso, acho que cada um deve viver a sua vida da forma que você quer, mas se eu visse essa situação seria difícil. (Pai de adolescente – escola pública).

Concluimos que os adolescentes são vistos por esses diferentes sujeitos como portadores de muitos desafios postos à família e à escola. Esses desafios são provocados por questões psicológicas, mas também de natureza social, que exercem muitas pressões sobre pais, professores e jovens. Tudo sinaliza que vivemos um tempo de mudança de valores e redefinição de identidades e condutas, o que choca as gerações educadas de outra maneira, quando a moralidade e a educação pareciam correr por trilhos mais seguros com base em tradições herdadas.

5.2 Apontamentos sobre a configuração das famílias dos adolescentes e seu lugar

A família é uma instituição que passa por diversas transformações ao longo do tempo histórico, sofrendo os impactos das modificações socioeconômicas tão almejadas pelo capital monopolista.

O conceito de família ele está se esfacelando, e passa por muitas mudanças, e a família não necessariamente seria o pai, a mãe juntinho, mas alguém que responda por ele, alguém que cuida daquela criança, aquele adolescente. (Coordenadora – escola pública).

Ressaltam os adolescentes investigados, ao falar de suas famílias, que,

Lá na minha casa, sou eu, minha mãe, minha avó e meu avô. Já tive muitos problemas com a minha mãe, com a minha avó, de discussão mesmo...com escola e com outras coisas, mas, de um tempo pra cá eu tô mais calmo, acabo não falando muito, chego em casa vou pro quarto, faço o que tem que fazer e vou dormir cedo, não converso muito, mas quando eu converso com a minha mãe é um assunto bem como se fosse amiga mesmo, eu converso muita coisa com a minha mãe, a minha vó não muito, é uma coisa mais séria, mas com minha mãe eu falo liberal, muita +coisa com ela da minha vida e tal. (Adolescente – escola pública).

Na verdade, minha mãe é separada do meu pai, desde pequena, e ela é junta de outra pessoa. Quando eu era mais nova, ainda criança, eu tinha um bom relacionamento com ele, mas na minha adolescência, eu vi que os princípios dele não batiam com os meus, a gente não se deu bem, mas eu não gosto dele, mas eu respeito, ele me respeita também, mas a minha família mesmo eu considero minha mãe e meu irmão. Não tenho muito contato com meu pai. A pessoa mais importante para mim é minha mãe, depois meu irmão. (Adolescente – escola Pública, 2018).

Aqui mora eu, minha mãe e minha irmã. Eu só tenho mais contato mesmo com algumas das minhas tias e a minha mãe. O meu pai eu não falo muito, mas algumas partes da minha família são mais afastadas mais por opção delas, e eu costumo ter uma relação bem boa com todo mundo da minha família até porque eu não gosto de criar inimizade com ninguém da minha família, gosto de todo mundo, me dou bem com todo mundo, mas minha relação maior é com minha mãe. (Adolescente – escola particular, 2018)

Como afirmam os educadores entrevistados, os pais parecem estar sem tempo para acompanhar seus filhos:

Hoje em dia o pai está trabalhando, sábado e domingo, eu tiro por mim também, a gente tem várias jornadas, a mãe tinha mais tempo em casa com a gente antigamente, hoje em dia não tem mais, a mãe trabalha fora de casa as vezes mais do que o homem, essa é a realidade que vemos aqui, então eles vão buscando fora o senso de pertença. (Professora da escola pública).

Tem pais que nem chegam na escola para conversarmos sobre o filho. Os pais precisam retomar, precisa repensar, qual a função de pai de uma mãe, percebo que eles pensam o eu, eu ser humano no individual. (Coordenadora escola pública, 2018).

Nós sabemos que as coisas estão difíceis, que os pais têm que batalhar muito para colocar o filho numa escola boa que sabe que tem acompanhamento, mas se a gente falar que aqui a gente não sente falta desses pais aqui na escola, a gente vai estar mentindo, porque não tem como, tem que ter sim esse acompanhamento familiar. (Coordenadora escola particular, 2018).

Dessa forma percebemos nas nossas entrevistas, que o lugar de referência dos pais diante de seus filhos, está sendo perdido, até porque os pais não têm tempo para isso, conforme aparece nas nossas entrevistas, onde os mesmos apontam essa realidade, em especial quando ambos os pais trabalharem, passarem muito tempo longe de casa.

Sobre a configuração da família dos adolescentes aqui investigados, percebemos, no nosso trabalho de campo, a presença da família alargada e da família nuclear (pai-mãe-filho), tanto nos adolescentes da escola pública quanto da escola privada, como também outros modelos, pai e avó, mãe e filho, diversos formatos de família. Senão, vejamos:

O contexto familiar hoje em dia está muito diferenciado, então as vezes quando chamamos o responsável, vem uma irmã que é a responsável pelo adolescente, uma irmã mais velha, tipo dois anos mais velha entendeu? Então hoje em dia não tem bem esse padrão não, é muito diferenciado. Temos alunos que moram só com os irmãos. (Filhos que vieram do interior e os pais só vem nos finais de semana), tem alunos que moram com os avós, que moram só com mães, que moram só com pais, que moram com tios porque vieram de outros Estados também, tem de tudo. O contexto familiar é diverso e a gente consegue trabalhar com todos eles, contanto que eles façam a parte deles. Mas infelizmente quando chega na família, muitas vezes o processo para. (Psicóloga – escola particular).

Aqui em casa sou eu, o pai, o irmão dela e ela, quem mais participa da educação sou eu mesmo, o pai trabalha bastante. (Mãe – adolescente escola privada).

Ela mora com o pai, que é meu filho, e não mora com a mãe dela. Ele mora com uma outra companheira, cuida dela e dos dois irmãos dela, eu auxilio na educação dela, auxilio muito os mais novos, quando ela era mais nova e eles moravam muito mais próximos, hoje ele está mais crescido, eu auxilio assim, precisou vir aqui no colégio, quando é pra acompanhar numa reunião de escola, ver como é que ela está. (Avó de adolescente – escola pública).

A pesquisa realizada aqui confirma essa tendência, conforme vemos no depoimento abaixo.

Aqui para lidar com os adolescentes é necessário um exercício de empatia mesmo. Nós na universidade temos uma determinada formação, mas quando a gente vai tratar com adolescente na prática, nós percebemos que falta alguma coisa. Então, na minha realidade aqui na escola eu vou aprendendo, todo dia uma vivência, todo dia é algo que você aprende e diz: poxa eu poderia ter feito diferente. Então você vai mesmo experimentando. É uma vontade de aprender. (Coordenadora escola pública, 2018).

Percebemos na fala da entrevistada a importância da empatia para lidar com a adolescência, um certo exercício de aprender a compreender emocionalmente um objeto, uma capacidade de se estar aberto para aprender todos os dias.

Vejamos a fala de uma outra profissional da educação sobre os desafios de lidar com esse ser adolescente em sala de aula:

O nosso maior desafio é chegar nesses jovens, tocá-lo de alguma maneira, porque às vezes dói, você vê meninos passando por tantas dificuldades e não conseguir ajudar, descobrir aquilo era melhor para ele. Esse é meu maior desafio enquanto educadora, enquanto pessoa que convive com adolescente. Saber que ele é um ser extraordinário que pode conquistar muito, desde que consigamos trabalhar bem com ele. [...] Percebemos que na prática a gente tem um déficit enorme de formação enquanto educadora, nós não temos essas competências sócio emocionais para trabalhar com eles da melhor

forma [...] O aluno que não está bem emocionalmente, ele não consegue estabelecer uma boa aprendizagem. (Coordenadora escola pública, 2018).

Um aspecto relevante a considerar é que não existe um padrão único de família dos adolescentes por nós pesquisados, conforme discutimos teoricamente em seções anteriores. É certo que a família nuclear ainda existe, mas aparece bem menos do que os outros modelos de família, essa “família alargada” está presente em diversos formatos – pai, adolescente e avós, mãe, tias e adolescente. É perceptível também outros formatos, quais sejam, mãe e filhos, famílias construídas a partir de outras relações, entre outros. Outro dado a considerar é o peso de famílias dirigidas por mulheres, como mostram dados do IBGE, que evidenciam 37,3 % de famílias nessa situação no Censo de 2010. (Ver em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-15,-16,-17,-18,128&ind=4704>). No ano de 2018, avaliações noticiadas pelo IBGE, mostram que a cara da família brasileira mudou muito, sobretudo, na última década.

A avó que mora com os filhos e os netos; o padrasto que também é pai; o filho que se divide entre duas casas; a mãe que cria os filhos sozinha; casais que optaram por não ter filhos. Quem não conhece um caso assim? Aquele clássico padrão de família formado por pai-mãe-filhos vem perdendo espaço e novos perfis vão se configurando nos lares brasileiros. Os últimos 60 anos foram cruciais para essa transformação. A entrada da mulher no mercado de trabalho, a queda da taxa de fecundidade, a legalização do divórcio e a onda dos recasamentos provocaram mudanças estruturais no seio familiar, o que tem levantado discussões sobre o que é família. (Ver: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19061-as-novas-caras-das-familias>, acessado dia 01.06.2019)

Essa realidade nova, em mudança constante, aponta para uma nova perspectiva nos dias atuais da noção de família, sendo ela mais abrangente e menos fixa. A nosso ver, mesmo de forma precária e a cada dia mais difícil, por conta do agravamento da situação econômica e social, essa família ainda guarda a tarefa de cuidar de alguém, a criança/adolescente, conforme demonstra a nossa pesquisa.

A gente também observa que está tão simples não ter um modelo único de família que acaba não tendo é nenhum, eu acho que o ruim é isso [...] O conceito de família ele se esfacela e a família não necessariamente seria o pai, a mãe juntinho, mas alguém que responda por ele e diga: Venha cá, você fez isso, eu não vou deixar, eu não vou permitir, então, assim algum limite [...] Porque eu posso ter uma família, alguém que cuide, que responda pelo adolescente, uma irmã minha, meus pais estão no interior, eu não tenho mais pais, eu tô com uma irmã mais velha, mas é minha família, é a pessoa que tenho a me dirigir, é a pessoa que eu tenho como referência. É a pessoa que eu posso, eu sei que pode acontecer o que for mais eu posso contar, e que vai ter uma palavra pra me dizer que pode ser dura, mas isso é cuidado, que pode ser de conforto também. Mas percebo que eles estão órfãos. (Coordenadora – escola pública).

A gente tem uma mistura aqui na escola de modelos familiares, a gente tem muitos pais separados, a gente tem famílias que a mãe tinha tantos filhos, o pai tinha tantos filhos, juntou todo mundo e é todo mundo irmão. E também tem famílias que os pais eram casados e se separaram e de repente assumiram uma nova relação homossexual e aí o filho muitas vezes não entende e aí há aquele conflito, ou então assim existem muitos tipos existe neto com vó, esse tem muito. (Coordenadora – escola pública).

Pensar o lugar do adolescente aqui estudado nessa família também é importante. Isso ficou bem claro na fala dos profissionais e adolescentes, tomando muitas vezes um tom de desabafo, por sentirem que a família terceiriza a educação. Falam os pais que precisam trabalhar num mundo de capitalismo voraz e de competitividade insana, cada vez mais rápido, a exigir tempo, suor e vidas. Esses pais não têm tempo para seus filhos. Não conversam, não lhes dão atenção, ou, em muitos casos, não conseguem educá-los (como falam alguns profissionais), evidenciando uma sociedade de filhos órfão de pais vivos.

Vale salientar, como lucidamente aponta João dos Santos (1989), que a psicologia e a psicanálise mostraram que muitas perturbações infantis, juvenis e de idade adulta têm origem no abandono das mães e da criança. Mas as mesmas ciências mostraram também que o abandono não é só material, mas, essencialmente, abandono afetivo. Os professores e educadores, para trabalhar com essa realidade, necessitam de uma formação específica em pedagogia terapêutica, dentro da abordagem santiana, como meio de fornecer-lhe instrumento para a sua *práxis*, desafio esse posto nos dias atuais, conforme sustentamos na nossa tese.

Hoje em dia o pai sábado e domingo tá trabalhando, eu tiro por mim também, a gente tem várias jornadas, a mãe tinha mais tempo em casa com a gente, hoje em dia não tem mais, que a mãe trabalha as vezes mais do que o homem. (Professora – escola pública).

Os pais nos dias atuais, não todos, mas a família como um todo terceirizou esse serviço da educação, do afeto, do carinho, do amor, então, além de a gente dar orientação necessária para a parte educacional, do desenvolvimento educacional, enquanto escola, enquanto instituição, a gente ainda faz um trabalho meio que familiar, para dar uma orientação, de acordo com a necessidade do estudante, que são diversas, cada dia eles chegam com alguma coisa diferente. (Psicóloga – escola particular).

Hoje a gente encontra também uma realidade em que se transfere muito para escola todas as responsabilidades. Terceirizam a educação tudo para cá. Os pais, porque passam o dia trabalhando, eu não tenho tempo, eu quero que você veja isso, eu quero... Uma vez uma mãe ligou pra mim e pediu para tomar o celular do filho porque ela não tinha como tirar o celular dele, ele vinha para escola, me pedindo para eu tirar o celular do filho, isso é função da mãe. (Coordenadora – escola pública).

A escola pode atrapalhar muito se você não coloca juízo na cabeça do seu filho, porque muitos pais acham que quem tem que educar os filhos é a escola e não é, então a escola atrapalha mais que ajuda, se você não fez um bom trabalho, quando ele for conviver com outros filhos de outras educações, que esses pais pensam que eles vão ser educados na escola e não você como pai, porque na escola eles vão absorver conteúdos, é bem diferente, então a escola não vai fazer essa educação, vai é atrapalhar, vai dificultar. Se você não atuar direito na infância do seu filho, na adolescência isso vai virar uma confusão, inda mais dentro da escola. O papel da escola é mostrar conteúdo, o nosso é mandar o filho ficar lá, e aproveitar aquele momento. Eu vejo a escola assim... é igual a faculdade... que as coisas lá podem ser perdidas para quem não trabalhou bem essa educação. (Mãe de adolescente – escola particular).

Tem alguns alunos aqui que chegam a ser jogados abandonados chega aqui entrega o filho. Aqui tem mãe de aluno que chega aqui não sabe nem qual é o curso que o filho faz. (Professor – escola pública).

É importante que os que lidam com adolescentes compreendem acerca do campo das relações e a construção dos relacionamentos, relações de transferência e contra transferência, o desejo de aprender, o lugar do afeto, entre tantos outros pontos importantes, portanto um embasamento em psicanálise, psicologia do desenvolvimento, mais especificamente a abordagem santiana da pedagogia terapêutica, como meio de favorecer a sua práxis na escola diante dos desafios postos, inclusive dessa realidade da terceirização da educação.

Constatamos, nos depoimentos colhidos, que há certo abandono dos adolescentes nos dias atuais, e a questão posta pela marginalidade e pelo crime organizado, nos bairros periféricos e nas favelas – recrutados justamente em famílias mais vulneráveis socialmente - trazem uma maior tragicidade à situação do adolescente nos dias de hoje. Mesmo em situações muito difíceis, percebemos que, quando a mãe e o pai estão presentes, esses adolescentes conseguem muitas vezes livrar-se do abismo que os rodeia. Nesse aspecto, a mãe é figura importantíssima. Essa importância está na fala dos adolescentes, aqui entrevistados, falando sobre as suas mães, nas entrevistas que realizamos.

A pessoa mais importante para mim é minha mãe (Adolescente – escola particular).

Quem mais participa da educação dela sou eu mesmo. (Mãe de adolescente – escola particular).

Para mim os mais importantes são o meus pais principalmente. Meu pai também, mas a minha mãe principalmente, eu acho que se, se ela partisse agora, eu não saberia o que fazer, porque meu pai corre atrás das coisas pra mim também, mas a minha mãe corre mais, muito mais, é a mãe né? [...] Isso é amor de mãe. (Adolescente – escola pública).

A minha mãe é a pessoa mais importante para mim, foi ela que fez tudo por mim, ela foi a quem se esforçou mais para eu estar aonde eu estou, então é ela. (Adolescente – escola particular).

No geral, no dia a dia mesmo, quem cuida, quem decide tudo, as tomadas de decisão, sou eu mesmo, quem permite se vai ou não vai sou eu mesmo. (Mãe de adolescente – escola particular).

Sou só eu e meus filhos, então tudo sou eu. [...] eu acho que eu protejo muito, mas não é porque eu seja superprotetora só por ser né? É porque eu sou obrigada a fazer isso. hoje eu não posso soltar meu filho na rua pra brincar, porque os meninos que cresceram junto com ele que eu conheci tudo pequenininho, já estão mortos, então, desde criança, eles desde pequeno eu ia orientando...por isso que eu digo, é vigiar. Eu tô feliz, porque eu não tenho carro, eu não tenho um salário bom que permita um lazer mais...então o que é que eu faço, eu procuro não deixar faltar o alimento e tudo que eu tenho em casa, por pouco que seja, eu sempre deixo bem claro, o importante é a gente tá aqui, tá sentado, tá se alimentando juntos e a gente tá perto um do outro, tá com saúde e tá em paz, então eu procuro passar pra eles que felicidade não é você ter bens materiais. (Mãe de adolescente – escola pública).

Ratificamos aqui o pensamento Santiano, quando evidencia, ao pensar a educação e a saúde mental de crianças e adolescentes, o a importância do fortalecimento da relação mãe-bebê. É transformador e reconfortante pensar dessa forma. Formular políticas públicas de base, a partir do fortalecimento dessa relação mãe-bebê, é essencial para evitar ou minimizar diversas crises futuras na vida do sujeito. Evitará muitas perturbações infantis, juvenis e de idade adulta. Muitas doenças neuroses e quadros clínicos mais graves têm origem no abandono das mães e das crianças e jovens. É de extrema importância pensar o cuidado a nível de políticas públicas da criança e do jovem desde a maternidade. De fato, assim se evitariam muitas crises futuras.

5.3 Pensar a escola e sua preparação para lidar com os adolescentes pesquisados dos dias atuais

Mesmo sendo portadora de muitas deficiências e contradições, a Escola é um ambiente dinâmico e propício ao crescimento intelectual e psicológico da criança e do adolescente. Educar crianças e jovens em escolas concebidas de formas mais abertas e participativas, é um tema de muita atualidade, haja vista seu compromisso com o crescimento do ser humano. A função da escola deve ser preparar o adolescente para se integrar na vida social e profissional, mas deve também prepará-lo para a vida, no sentido de construção humanitária, de trocas e tessitura de laços comunitários. Na pesquisa realizada, constatamos que os adolescentes pesquisados são muito mais motivados a ir à escola pelos laços de afeto

do que pelos desafios da aprendizagem. Se eles vão à escola não é pelo fator cognitivo, mas pelos laços de amizade, que fazem tanto com os pares, algumas vezes, quanto pelo corpo técnico com os quais constroem boas relações, quando esse corpo técnico é devidamente preparado. Também é importante ir pelo afeto.

Não que eu goste de vir, mas, se torna menos ruim quando eu sei que eu venho pra cá encontrar as pessoas que eu gosto, mas o ensino mesmo não gosto, se eu pudesse, se eu viesse pra assistir aula sozinha, você tem a opção de ficar em casa, eu queria ficar em casa. (Adolescente – escola pública).

Eu gosto de ir para escola para ver meus amigos, mas não é uma coisa de “ah eu amo estudar, não eu não amo estudar”, preferiria ficar fazendo coisas por laser. (Adolescente – escola particular).

Eu gosto, gosto da escola principalmente, porque aqui no começo eu achei que eu não ia me estabilizar, porque eu nunca tinha estudado numa escola pública.[...] Essa escola é profissionalizante, aqui a gente fica o dia todo. É puxado, mas depois você se acostuma, vai criando aqueles laços, tanto que eu gosto da minha casa, mas eu prefiro ficar no colégio. Acordo com aquela vontade de ir para o colégio, não porque é cansativo, é longe, mas chego aqui no colégio e passa. A gente vê nossos amigos, e tal, os professores. [...] Todos me ajudaram muito quando eu precisei[.] A gente cria um laço desde os zeladores até a diretora, a gente cria um laço com eles (Adolescente – escola pública).

Eu só gosto de ir à escola por causa dos meus amigos. Eu conheço todo mundo, mas para estudar eu acho que não, não tanto, algumas matérias até que sim, mas no geral não. (Adolescente – escola particular).

A esse propósito, João dos Santos (1981) aponta que a escola deve se preocupar com a formação integral desse sujeito, compreendendo a intrínseca relação entre cognição e afeto, e não como se uma coisa estivesse separada da outra. É comum educadores se perceberem ultrapassados na capacidade de manter contatos afetivos, e de compreensão do seu universo, no desafio diário de quem lida com a educação de adolescentes todos os dias, apontando inclusive falhas na formação acadêmica para a realidade da escola. Isso reforça a nossa tese de que os professores necessitam de formação com abordagem da pedagogia terapêutica de João dos Santos para dar suporte à sua *práxis*. Falta formação específica, como podemos observar nas falas dos educadores abaixo:

Falta alguma coisa na nossa formação. Essas competências sócio emocionais, como lidar com isso, porque nem todo mundo é preparado para lidar com isso. Um professor entra numa sala de aula com 45 alunos e aí ele vai lidar com um aluno que de repente tem uma dificuldade... tem alunos que se cortam, tá assistindo aqui a aula e começa se corta, então o professor aponta que formação eu tenho (Coordenadora – escola pública).

Os adolescentes trazem tudo para escola, questões de relacionamento, e tudo, porque tudo acaba afetando, por exemplo: – Hoje eu saí de casa e meus pais estavam brigando, aí esse aluno não fica bem dentro de sala, então a primeira pessoa que eles procuram ou é a coordenação ou é o SOEP (a psicóloga), os professores também percebem que aquele aluno não está bem, e nos comunica, o primeiro contato quem tem é o professor. Nós escutamos muitos os alunos aqui (Coordenadora – escola privada).

A gente ver na nossa formação psicologia do desenvolvimento duas cadeiras, ou seja, duas cadeiras de psicologia com pouquíssimas horas de carga horária pouquíssimos créditos, então eu acho assim que eu não tenho competência pra lidar com problemas emocionais do aluno não, assim, a minha formação de professor ela não me qualificou pra isso infelizmente (Professor – escola pública).

João dos Santos, ao apontar que a escola deve se preocupar com a formação integral desse sujeito, compreendendo a intrínseca relação entre cognição e afeto, de fato, mostra, justamente, na realidade da escola, a existência de uma falha na formação acadêmica de profissionais do campo da educação, apontando para a necessidade de se pensar uma reforma curricular dessas formações que apontem para as necessidades diárias de profissionais da educação. É de extrema importância esses profissionais estarem presentes nas discussões desse campo, haja vista que o modelo da universidade também é arcaico. Vejamos a fala dos familiares sobre essas motivações, apontando a questão geracional como causa das dificuldades apresentadas.

Eu noto assim que os adolescentes de hoje, não querem estudar, não querem se aprofundar nas coisas, meu filho é assim, ele quer estudar para tirar aquela nota para passar e pronto, na cabeça dele, ele quer tirar só a nota mínima e passar, parece que nunca mais quer se lembrar daquilo na vida, aquilo não tem sentido para ele, é essa a impressão que eu tenho. Eu acho que é uma coisa da geração. (Pai de adolescente, 2018).

Ratificamos o pensamento Santiano, ao considera ser de extrema importância para profissionais da educação e saúde mental ter estudos iniciais em psicanálise, no que se refere à matriz curricular universitária e um programa de formação permanente na área de pedagogia terapêutica para os professores e educadores inseridos no mercado de trabalho. Vale salientar que se faz necessária, nessa formação, a adoção de metodologias ativas.

Ademais, percebemos que é necessário inovar na metodologia da escola para tornar o ensino mais atrativo, pois percebemos que as metodologias utilizadas ainda são práticas tradicionais.

Sobre as metodologias, percebemos que a escola e profissionais da educação buscam modos de alcançar os adolescentes, mas percebemos que o modelo de sala de aula é ainda tradicional – aula expositiva, laboratórios, com diferença nos diversos projetos educacionais postos em práticas por diferentes escolas.

Se fala muito em inovar o ensino, mas o que vem arcaico é jogado, é difícil inovar. O próprio formato de sala de aula é uma coisa arcaica, então a quantidade de alunos por sala de aula também, 45 alunos, é um espaço pequeno as escola padrão MEC, elas são quarenta e cinco alunos dentro de uma sala de aula, é difícil, tem que ser aula expositiva, não dar pra sair do quadro pincel com quarenta e cinco alunos, até uma vez eu levei um professor meu, doutor, pesquisador na área de ensino de física pra ele dar uma oficina para os alunos aí ele perguntou quantos alunos eram aí eu, é quarenta e cinco alunos professor, ele disse que só dá pra vinte no máximo se não, não dar certo. Então o próprio formato da sala de aula de hoje é uma coisa arcaica, estou falando do ensino médio. (Professor – escola pública).

A educação aqui é sempre a melhor qualidade possível na nossa escola. Em relação a tudo, a estrutura, eles estão sempre fazendo um ajuste, outro, porque tudo influencia, salas climatizadas, se você passear pelo colégio vai ver que tem sempre alguém limpando o colégio o tempo todo, qualificação dos profissionais. A escola tem muitos projetos, abordando os mais diversos temas, drogas, sexualidade, prevenção ao suicídio, questões sociais, questão do preconceito, melhor qualidade possível para ele se desenvolver como ser humano, auxiliar na formação da personalidade, se realizarem como pessoa, como profissional. (Psicóloga – escola particular).

Percebe-se, pelas falas expostas, que os educadores reconhecem que o modelo educacional, ou seja, o modelo padrão MEC, ainda é arcaico, em face do seu desenho curricular; reconhecem, ainda, que é difícil sair do pincel e quadro negro com tanta matéria para dar conta no Ensino Médio. Tem-se o diferencial nos diversos projetos, tratando-se na atualidade de um imenso desafio posto à educação, a escola e aos educadores.

Percebemos que a educação de adolescentes tem um nível de pressão aumentado, com maior número de matérias, avaliações mais extensas, rodízio de professores, e, quando vão avançando para séries mais próximas do vestibular, a pressão vai crescendo, sendo apontada como algo muito problemático, segundo afirmam os próprios adolescentes e pais.

A escola dela é bastante rígida, é tradicional, tem época que é difícil, eu acho um absurdo a pressão psicológico que estava em cima dela, a pressão psicológica nela estava muito alta, ela chegava em casa chorando, a auto estima dela estava muito baixa. Eu acho que o ensino podia não ter essa cobrança tão grande, podia ser uma coisa mais leve, eu acho que se fosse uma coisa mais leve, mais dinâmica eles poderiam até aprender mais. (Mãe de adolescente – escola particular).

A responsabilidade é grande quando você fica maior, já é uma responsabilidade maior do que criança, [...], pressão do futuro, do quê que a gente tem que ser, dificuldade que a gente encontra que é a inserção no mercado de trabalho. (Adolescente – escola pública).

Agora eu tô sendo obrigada a estudar pro ENEM, acho que o ENEM também é um peso muito grande pra gente, porque, eu já fiz duas vezes a prova do ENEM e a gente ver na sala, gente se tremendo, gente cheio de caneta com medo de falhar, gente que passa mal, eu acho que isso faz um mal muito grande pro ser humano, eu acho que é justamente da pressão que a sociedade dar pra gente, que a gente ser alguma coisa na vida, só pelos estudos. Porque que a sociedade força tanto a gente a estudar? Tem gente que gosta e tem gente que não gosta, não tem outro meio, não tem outra saída? Acho que falta alternativa pra gente. (Adolescente – escola pública).

João dos Santos ressalta que, muitas vezes, a escola é apenas um local triste, onde se cumpre um ritual obsoleto, para se repetir nas diversas avaliações; onde as únicas coisas que as crianças e os jovens podem aprender é a defender-se do espírito antiquado dos adultos e das suas mistificações. Dessa forma, ressaltamos a importância do pensamento de Santos ao criticar os métodos da pedagogia tradicional. Nos depoimentos colhidos, aparece essa questão em forma de emoções adolescentes diante do que lhes oferece a escola.

Quando o aluno ele não tá bem emocionalmente, ele não consegue estabelecer uma boa aprendizagem, é tanto que quando os meninos passam por alguma dificuldade, uma dificuldade emocional, eles também vão demonstrar isso lá nos resultados. Então a gente já percebe, se está acontecendo alguma coisa com esse menino ne? A gente chama, conversa, o que foi que aconteceu? Porque está difícil ou você tá passando por algum problema? Então dentro dessa nossa vivência dentro da escola a gente já observa que sempre que eles têm alguma dificuldade emocional, eles também caem nos rendimentos. (Coordenadora – escola pública).

Na nossa pesquisa, os problemas causados pelo uso dos métodos tradicionais, aparecem com clareza nos depoimentos tanto de alunos, pais e coordenadores. Ressaltamos aqui a importância de buscar outras referências de escola, que propiciem a perspectiva relacional e não somente cognitiva, numa direção que abra espaço para considerar a interferência tanto da cognição, quanto no afeto na construção das relações de ensino-aprendizagem e de sociabilidade no âmbito escolar.

5.4 Pensando a aprendizagem no modo como os adolescentes aprendem e quais os principais problemas de aprendizagem dos adolescentes pesquisados

Para Santos (1981), a educação possui duas fases e dois aspectos: a educação relacional, que é o instinto materno, e a Pedagogia, que se relaciona as didáticas sistematizadas postas em prática. Uma forma de educar não funciona sem a outra. Santos (1981) aponta que não se pode oferecer cultura acadêmica a quem não teve infância afetivamente instaurada dentro do campo das relações existentes entre as pessoas que exerciam as funções parentais. Ninguém ensina ninguém, as pessoas é que aprendem. Bom, como já apontamos mais acima os profissionais da educação dizem que há uma terceirização da educação, e que sentem que as crianças estão meio órfãos, o que aparece é que eles falam que existe um tipo de aprendizado que tem que ter sido feito em casa, e, como não foi feito, tudo deságua na escola.

Os pais, porque passam o dia trabalhando, não tem tempo. Uma vez uma mãe ligou pra mim e pediu para conversar com o menino para que ele não pintasse o cabelo. Isso é função da mãe. (Psicóloga – escola particular).

Eles não têm assistência em casa, os responsáveis, os pais, não aparecem aqui para que nós trabalhemos juntos no desenvolvimento desses adolescentes, aí fica difícil, porque a escola faz a parte dela, mais a gente não pode fazer tudo, se tiver participação da família, escola, adolescente e família aí é sucesso com certeza. Os pais terceirizam, a gente compreende, tem essa compreensão de como está a vida hoje, o ritmo de vida, os pais trabalham o dia inteiro para colocar o filho numa escola melhor, é suficiente? De jeito nenhum! O pai, o responsável tem que comparecer em casa para fazer um acompanhamento. (Psicóloga – escola particular).

A adolescência é uma fase ímpar. O adolescente nem é mais criança para precisar de ajuda e acompanhamento quase integrais, nem é adulto que se gere só, o adolescente ainda está aprendendo. Algumas funções de maturação das competências sócio emocionais e da inteligência ainda estão maturando, conforme discutimos teoricamente em seções anteriores. Esse também é um ponto apontado em nossa pesquisa, a dificuldade de familiares e educadores de encontrarem esse equilíbrio para se relacionarem com o público adolescente.

Aqui na escola a gente brinca entre nós que é um jogo de aperta e solta, tem momentos que eu sou muito dura com eles e tem momentos que sou uma mãe pra eles, que eu abraço, vou orientar, tem momentos da bronca, então assim, é algo que a gente vai aprendendo. (Coordenadora – escola pública).

Os pais acham, há um grande problema, quando o menino é jovem, quando ele é criança os pais ainda acompanham, mas quando eles chegam naquele período do ensino médio, há já está maior, está perto dos 18 anos, há eu já

não vou mais olhar caderno, não vou mais conversar, eu pergunto ele não quer saber, então assim eu deixo de fazer parte da vida daquele menino. Alguns pais sim a agente chama, a gente pressiona e dá certo. Mas muitos eles, delegam tudo a escola. (Coordenadora – escola pública).

Agente tem que buscar técnicas/didáticas voltadas para o mundo deles, porque nós somos de um tempo diferente, então tem que aprender sim a trabalhar com eles no mundo que eles estão vivendo hoje, mais não é fácil, é difícil. (Coordenadora – escola pública).

Como vimos em nossa discussão teórica, os problemas da aprendizagem podem ser encontrados em adolescentes. Formam dificuldades presentes no dia a dia da escola sendo vivenciadas por professores, coordenadores, psicólogos como também pelos pais e/ou responsáveis e demais pessoas que convivem com ele. Muitas vezes, adolescentes têm prejuízos graves.

Porque é muito fácil, é muito fácil eu chegar e dar uma aula para gênios, é muito fácil. O difícil, o desafio da escola é eu entrar numa sala com muitos alunos com dificuldades, com alunos com transtornos, com alunos realmente que não querem estudar, então isso sim que é o difícil. Eu pegar aquele menino que não sabe de nada, que a gente chama ne? Aquele tá no nível crítico, com esse aluno é difícil. (Coordenadora – escola pública).

As principais dificuldades que assim, a gente percebe na escola, escola pública, é porque eles já vêm com muitas dificuldades de leitura, sendo bem especificamente, eles têm uma dificuldade de leitura muito grande e dificuldades em operações básicas da matemática, e isso acaba acarretando dificuldades em todas as disciplinas. Porque se eu não leio bem, eu não vou ser como a gente chama proficiente nas outras disciplinas, então é tanto que você vê que a gente tá com planejamento, a gente está com trabalho de estudar as habilidades e leituras em todas as áreas de estudo aqui na escola [...] esse é um dos problemas, o outro é a tristeza, são alunos tristes. (Coordenadora – escola pública).

Em nossa pesquisa, apareceu o relato dos educadores de alguns problemas de aprendizagem, entre eles, dificuldades com a leitura, dislexia, transtorno déficit de atenção com hiperatividade – TDAH.

Aparece dislexia, a gente ver demais, nossa coordenadora, ela trabalha muito em cima disso, essa questão da compreensão na leitura, da habilidade de leitura, pra melhorar, porque afeta, isso foi sendo arrumado, ajustado, tentando ser orientado, como um trabalho de nivelamento dos alunos. (Professora – escola pública).

Então assim, hoje a gente sabe que tem pelo menos seis alunos, com alguma dificuldade importante, TDAH também pode ser, que precisava não era nem de psicólogo só, mas de um trabalho integrado, entre médico, psicopedagogo, mas os pais não levam então a gente fica nessa peleja dentro da escola tentando ver de que forma podemos ajudar. (Coordenadora, 2018).

Os problemas da aprendizagem que mais apareceram em nossa pesquisa e que realmente nos chamaram a atenção foram as muitas dificuldades ligadas aos Transtornos Emocionais e/ou Distúrbios da Saúde Mental, ansiedade e depressão, em especial, a Depressão. Percebermos, em nossa pesquisa, que o problema de aprendizagem mais recorrente apresentado pelos adolescentes pesquisados é a depressão. Os profissionais falam de suas preocupações quanto ao que eles chamam de uma geração triste.

Aqui é muito choro, eles começam a chorar na sala de aula, o professor tira, traz para coordenação, o choro é muito constante no colégio, é muito comum aqui nas dependências do colégio. (Psicóloga – escola particular).

Os meninos são muito sombrios, buscam histórias muito macabras, os meninos se cortam, os meninos têm uma coisa voltada muito voltada na literatura, voltada naquela parte mesmo do romantismo, aquela pessoa, é muito sofrida, tudo é muito sofrido, tudo é muito depressivo. Tudo é muito intenso. Essa intensidade dessa coisa que eu acho que não é boa. Aí buscam as drogas, buscam as bebidas, então eu acho que isso tira eles muito do foco, o que muitas vezes né de repente, a gente teve gerações antigas e que também buscaram isso e que estão aí né?! Mas assim eu percebo que os nossos jovens eles são muito tristes. (Coordenadora – escola pública).

Às vezes, a gente vê a juventude seguir na escuridão. Muitos não estão na luz. Isso é muito triste, muito triste. (Coordenadora – escola pública).

Os adolescentes pesquisados também falam sobre a tristeza e a depressão:

Eu tive ansiedade e depressão, eu faltava muita aula, cheguei a passar dois meses sem ir à escola, era tão sério que eu não conseguia vir a escola, por ansiedade, depressão, fiquei medicado o ano passado todo [...] a depressão não é uma gripe que você toma remédio e passa, é uma doença que é aos pouquinhos, foi muita conversa, diálogo, também querer vencer, muita coisa. (Aluno – escola pública).

Os seus familiares também relatam suas preocupações, quanto à questão posta, mostrando experiências de frustração e de recorrência ao suicídio como solução para os problemas enfrentados pelos adolescentes.

Eu passei por um problema, a tentativa de suicídio da minha filha, ela teve depressão, ela tomou mais de vinte comprimidos [...] depois disso ela tentou mais duas vezes [...] eu perdi o chão. (Pai de adolescente – escola pública).

Percebemos também a automutilação, como uma realidade com a qual professores, educadores, profissionais da educação, família e adolescentes precisam lidar nos dias atuais.

Tem alunos que se cortam, está assistindo aqui a aula e começa se cortar, então o professor? Que formação ele tem para lidar comisso? (Coordenação – escola pública)

É que hoje em dia que a gente ver muito adolescente agora com a história de depressão e automutilação, então é um negócio que eu vejo assim, parece um pó que botaram na comida deles...se automutilar, não sei se é porque eu tô percebendo, só isso agora, ou já tinha e eu não sabia, mas tá mais em voga, a temática tá bem mais em voga com essa questão da automutilação, os espaços hoje são WhatsApp, Facebook, essas redes sociais, tudo influencia,[...] eu me preocupo, meu medo maior é eu não saber dirimir essas questões, eu tenho a minha contribuição para com eles, nesse sentido, tenho a minha responsabilidade. (Professora – escola pública).

Algumas pessoas chegam a dizer que é até falta de acompanhamento desse alunos às vezes, até na própria nas redes de *internet* que ele está acessando, os próprios responsáveis não sabe o que ele está fazendo lá, aí cai muito no modismo, você vê muito aluno aqui com braço cortado. (se mutilando) que é uma mistura de ansiedade mas às vezes a pessoa não chega a depressão, porque a pessoa quer se cortar mas não quer morrer, aí você vê que é um, uma bola de neve, ele vai, é uma moda hoje em dia, outros ele veem em algum lugar isso ninguém sabe aonde e começa reproduzir não sei baseado em quê. (Professor – escola pública).

Inúmeros são os desafios de se trabalhar com os adolescentes no campo da saúde mental e educação. Isso mostra a necessidade de uma formação específica para professores e educadores, que podem encontrar na abordagem santiana indicações valiosas para lidar com situações tão complexas. Como a prática do suicídio e mutilações tem início geralmente no início da adolescência, a escola precisa estar atenta a esses novos desafios, que pedem atenção e políticas bem claras por parte dos órgãos responsáveis pela educação, sobretudo, pública, onde essas evidências parecem ter relação com outras dificuldades ligadas à família e sociedade que os cercam; mas que não dispensam a criatividade pedagógica por parte dos profissionais que atuam nas escolas como profissionais da área educacional.

João dos Santos (2017), por exemplo, ao perceber tais aspectos depressivos e ansiogênicos, começou a trazer um ambiente de alegria para sua Casa da Praia, em Portugal. Em todas as datas importantes, havia comemorações, sobretudo nas datas de festas populares. Ele percebeu que festas são antidepressivos. Todas as festas populares são oportunidades para realização de muita diversão, que fizesse sentido na tradição e na vida da comunidade. João dos Santos nos fala da alegria presente quando uma ou mais pessoas participam de um jogo, haja vista que a solidão é frequentemente depressiva.

Falar da necessidade de alegria no interior da escola e da pedagogia parece algo simples e, ao mesmo tempo, tão problemático. Isto porque as escolas são lugar de ensino,

aprendizagem submetidas ao controle político do Estado e da sociedade. Podemos nos perguntar por que se tornam instituições que criam ambientes tristonhos e levam seus alunos à melancolia. Uma questão que perpassa tudo isso é a ênfase na dimensão cognitiva, que desconsidera a importância da parte afetiva de crianças e adolescentes; envolvem sentimentos ambivalentes, jogos de transferência de afetos dos pais para os professores, expectativas de acolhimento, frustrações e medos de natureza variada. A escola não pode trabalhar apenas a parte da razão, sendo preciso cuidar desses sujeitos como seres de afetividade, tanto de docentes, quanto de alunos e que seus familiares também são afetados por essa esfera afetiva.

5.5 Refletindo sobre as sociabilidades dos adolescentes

Estamos numa sociedade cada vez mais informatizada, interconectada, informacional. Vivemos conectados na *internet*. Estando no centro de uma rede cuja extensão marca os atos da vida cotidiana e os modos de subjetivação. Sabemos que, nos tempos atuais, as tecnologias interferem nas relações juvenis, as tecnologias são incorporadas pela juventude. Influenciam na construção de suas identidades, nas sociabilidades, nos modos de aprendizagem.

Em relação as redes sociais temos situações várias, de problemas mais simples ao mais sério. As vezes o aluno, o jovem, já entra aqui na sala chorando, eles as vezes não tem a mínima noção do impacto daquilo na sua vida, postam e depois não tem mais como desfazer, já circulou [...]. O pai vem aqui na escola e diz: - Eu levanto de madrugada e meu filho está na *internet*, passa a noite na *internet*. O que eu faço? Estão meio perdidos e terceirizam para escola essa responsabilidade também. (Psicóloga – escola privada, 2018).

Essa é uma realidade em que não dá para negar o fato de que as tecnologias foram incorporadas pela juventude, fazem parte do dia a dia dela, ainda mais com a ascensão dos *smartphones* e, dessa forma, interferem em seus modos de subjetivação

Eu gosto de jogar, eu jogo muito, direto, é o que me diverte, jogos no computador, versão *on line* para computador, jogo com pessoas de todas as partes, é o que eu faço com o meu tempo, fico jogando. (Adolescente – escola particular).

Eu gosto de jogar, eu gosto na verdade de ficar no computador no geral, e de falar com minha namorada e amigos, basicamente isso, gosto de ficar no computador e de jogos *on line*. (Adolescente – escola particular).

O que eu faço é tentar me relacionar com meu filho, tento sair, fazer alguma coisa, porque em casa ele vive fechado, principalmente no celular, não quer papo só com aquele celular na mão. (Pai de adolescente – escola pública).

Quando estou em casa gosto de jogar vídeo game, ver séries, e eu estudo também. (Adolescente – escola pública).

É um desafio para escola lidar com essas questões ligadas às novas mídias e redes sociais, desafio esse contemporâneo, em que a escola sente a necessidade do trabalho junto à família, mas pelo relato dos familiares e da escola, a família também ainda se encontra tateando formas de lidar com esses novos meios de comunicação e de relações, sendo difícil, muitas vezes, para adolescentes, família e escola encontrar o ponto de equilíbrio.

Em relação às redes sociais, temos problemas vários, de problemas mais simples ao mais sérios, tem pai que vem aqui pedir orientação e diz “eu levanto pela madrugada e meu filho está na *internet*, o que eu faço?”. Eu digo: – Tire o celular dele! Como ele vai acessar sem celular, sem computador? Parece que os pais não estão conseguindo ter essa autonomia frente aos filhos. (Psicóloga – escola particular).

As redes sociais são problema também para nós aqui na escola, essa exposição por falta de orientação, como eu te falei incansavelmente, sempre vem do contexto familiar, essa falta de orientação, de acompanhamento, então eles se expõem nas redes sociais sem noção nenhuma do perigo, quem é que está ali do outro lado? Uma vez postado já era, aí eles não têm muito essa noção aí é problema, chegam aqui na escola com o problema, e a gente tem que resolver, a maioria dos nossos problemas hoje em dia é por conta das redes sociais, publicação que é feita aí não tem mais como consertar, aí a confusão já está gerada, aí chega na gente, e a gente vai resolvendo, orientando. Eles não têm noção do que aquilo pode trazer para ele. Tem pai que não vê o que o filho está fazendo nas redes sociais, com quem está se comunicando, é um perigo. As vezes tem situação que é fora da instituição, que não tem nada a ver com a gente, aí vem parar aqui na escola, porque os pais querem que a gente ajude, que a gente oriente, essas questões dos jogos por exemplo. (Coordenadora – escola particular).

No geral, eu acho que os adolescentes estão muito para dentro de si por conta do celular. Eles vivem muito aquilo ali, mas quando eles vão nas redes sociais eu acho que, no geral, se soltam mais. (Coordenadora – escola pública).

Teve um caso seríssimo aqui na escola, envolvendo alunos e redes sociais, de uma menina que queria muito ficar com um menino. Na casa dela, ela bateu umas fotos em que estava nua e mandou para o rapaz, só que na hora que ela mandou, a namorada do rapaz que estava com o celular dele na mão viu as fotos e publicou na mesma hora nas redes sociais em modo público com os dizeres: – “Olha que essa vagabunda tá mandando para o meu namorado”. E em pouquíssimo tempo, toda a escola tinha visto as fotos. Foi uma situação bem difícil. Ela passou um mês sem ir à escola. Nós passamos por todas as salas e fomos fazendo um trabalho com os alunos, as coisas foram esfriando, todo os adolescentes pensaram, ah poderia ser comigo! (Coordenadora – escola pública).

Sobre o lugar do adolescente na sociedade e os riscos a que os adolescentes pesquisados estão expostos, como a delinquência juvenil, apareceram, em nossa pesquisa, alguns

desafios postos à escola e aos educadores e pais, que estão ligados a uso de drogas pelos adolescentes, como também a influência de uma sociedade baseada em valores do consumismo.

Vou te dar um exemplo básico que é umas das coisas que a gente vivencia aqui na escola, um dos princípios básicos, a gente chama a mãe, e aponta para ela que percebemos que o aluno mudou o comportamento, ele pode estar se drogando e fazendo algo assim, a gente chama a família e não vai dizer: Olha seu filho tá se drogando. Claro que não. Então, a gente diz, olha como é que você tá vendo seu filho em casa? A gente inicia conversando para ver o que a mãe diz, um exemplo que aconteceu, ela disse: - ah, ele é muito ignorante, da vontade de pegar um pau e tacar nesse menino e quebrar ele todinho, que ele tá com esse comportamento. Ai a gente como escola diz que percebeu a mudança, ele não era assim, a senhora já conversou com ele? Daí a mãe disse: eu não quero nem saber. Olha, eu acho isso muito forte, eu tenho uma filha, aí essa mãe disse isso. Isso me doeu, aí imagine nele, no aluno que estava ouvindo. Essa mãe disse isso, eu tenho uma filha que ela é maravilhosa, eu teria 20 filhas iguais, nenhum igual esse aqui. (Coordenadora – escola pública).

Não quero fazer demagogia aqui, mas por incrível que pareça ele ter uma ideologia ou uma própria religião, ajuda ele a focar muito ele em determinados objetivos e além da família, pois são muitos os fatores externos que também contribuem para a educação dos adolescentes, amigos, religião, relacionamentos, é que as vezes tem uma jovem aqui, adolescente com dezesseis, quinze anos, ela começar a ter certas amizades, certos relacionamentos, ela pouco tempo está saindo da escola se a família não interferir, e as vezes a família não chega a controlar ou orientar, aí complica. Os diversos relacionamentos, pode até ser o próprio relacionamento amoroso mesmo, pode levar ele as certas situações, pode levar a droga, a gravidez indesejada, a tudo isso se não for acompanhado com certeza, vai vacilar, essa é uma grande dificuldade, os fatores externos, certas influências, as más influências. (Professor escola pública).

Chegou uma mãe, uma pessoa humilde, extremamente carente, doente, com muitas bulas e remédio, muitos exames pra fazer e a mulher dizendo, que, mas o que ele quer eu dou, não falta nada para ele. Ele queria um tênis da Centauro eu dei 500 reais. Ele quer as roupas, só posso comprar as roupas, tênis pra ele na Centauro, as roupas dele eu só compro na pena porque senão ele não usa. Aí ela disse: – Essa brusa! Para você vê como a pessoa era humilde, aí ele diz: – Brusa. (risos) é, blusa. (risos). Ele ficou fazendo pouco, tirando onda da mãe na frente de todos nós, que é como ele faz com os professores e então é assim, poxa, chamamos a mãe porque ele faz isso com os professores, mas percebemos que em casa ele faz. Então a gente fica embaraçada, e aí a gente falou: – Olha, mas aqui tem regras, aqui ele tem que respeitar as pessoas. Eu vou dizer uma coisa pra senhora. A senhora mesmo está dizendo que dar tudo a ele. Mas ele mesmo assim não lhe respeita, será que esse dar tudo não seria um dos problemas? Porque a senhora dar tudo que ele quer, mas ele não lhe dá o mínimo que é o respeito. Eu disse, eu não aguentei. Aí ela disse: – É minha filha, é isso mesmo, é assim. (Coordenadora – escola pública).

Ratificamos o pensamento de Santos (1981) de que uma das formas de se prevenir a delinquência juvenil seria a melhoria das condições de vida da população, tornando-se

necessária uma política de proteção principalmente dirigida às famílias mais numerosas (mães com vários filhos) onde os índices apontam que a vulnerabilidade é maior, passando por serviços de proteção nas maternidades voltadas ao vínculo mãe-bebê até as políticas de higiene, saúde e educação geral. Percebe-se claramente que a vida nos grandes centros urbanos é dispersiva e perturbadora para crianças e jovens.

Na verdade, falamos do adolescente em crise numa sociedade em crise, uma sociedade em profundas mudanças, crises em todas as instituições, família, escola e tantas outras. O mundo atual está em ebulição, vivendo grandes mudanças de valores e estilos de vida, que afetam o desenvolvimento das crianças e adolescentes, dos adultos e idosos. Também atualmente processos intensos de mudança de natureza econômica e tecnológica, de valores e modo de organização das relações sociais em vários aspectos. Novos modelos familiares, formas outras de sociabilidades. Todos com impacto sobre a sociedade e a educação, modificando estruturas de relacionamento entre gerações, instituições e mentalidades.

A adolescência é uma fase da vida, com profundas inquietações existenciais diante de um mundo que se descortina como desconhecido e muitas vezes em desencanto, fase em que o sujeito nem é mais criança, mas também não é adulto, fase riquíssima e repleta de aquisições, como a maturação cognitiva, social, afetiva e biológica com a maturação sexual, a puberdade, como também é uma fase de lutos, como perda do corpo infantil, relação de infância com os pais, dentre outras. Fase vivida pelos adolescentes cearense como uma nova fase, onde tudo é novo, fase de experimentações, descobertas e aumento das responsabilidades, como também inquietações ligadas a sexualidade, opção sexual e gênero.

As famílias dos nossos adolescentes estão em crise também. Em um mundo em crise, foram encontradas diversas variações de família, não se restringindo mais ao modelo tradicional pai-mãe-filho. Por essa razão os educadores necessitam de formação específica, juntamente com políticas públicas mais amplas. Constatamos que os adolescentes estão órfãos de pais vivos, onde as famílias terceirizam a educação e responsabilidades para escola. Constatamos também que a mãe é figura de extrema importância para os adolescentes, isso nos dá uma esperança diante do quadro difícil que encontramos no cenário do adolescente, reforçamos como possibilidade de reflexão sobre possíveis soluções para tal impasse a necessidade de pensarmos políticas públicas de proteção as mães, crianças e jovens como aponta Santos, desde a maternidade, a nosso ver, algo realmente revolucionário e extremamente necessário num país como o Brasil.

A escola tem diversos desafios frente à educação dos adolescentes. Percebemos que o modelo tradicional de ensino não abarca as diversas demandas dos profissionais da escola. Constatamos também que os educadores das escolas sentem que a sua formação acadêmica não abarca as diversas competências sócio-afetivas de que precisam para lidar com os dilemas cotidianos na escola. Pensamos que, entre as soluções para essa problemática, está pensar novas políticas de educação para as crianças e adolescentes, assim como rever o currículo da formação acadêmica da formação dos professores que vão para sala de aula, mas também todos os espaços da escola, inclusive o de gestão. Concordamos com João dos Santos ao apontar que aqueles que trabalham com crianças e adolescentes deveriam ter um embasamento maior em psicologia do desenvolvimento e psicanálise sobre risco de prejudicar sua prática e o público com que se trabalha. Esse pensamento ratifica a nossa tese.

Mediante isso, diversas são as questões ligadas aos problemas da aprendizagem, desde a defasagem na leitura e operações básicas de matemática, aos grandes problemas da aprendizagem apresentados pelos adolescentes pesquisados ligados a transtornos emocionais, ansiedade e depressão, em especial a depressão. Estamos diante de uma geração triste, constatamos que os adolescentes estão tristes. Outra trágica constatação é a realidade da automutilação entre os adolescentes. Apontam para profundas reflexões, porque os adolescentes estão tão tristes? O que significa tal fato? Vale salientar que percebemos necessidade de mais pesquisas e propostas nessa área do entrelace psicologia-educação-sociologia para alcançarmos melhores resultados na formação educacional desses jovens.

João dos santos (2017) aponta que a depressão e ansiedade falam de algo que não está bem para o sujeito e que o trabalho sugerido por ele na Casa da Praia em Portugal, foi trazer alegria para dentro das instituições que trabalham com tal público; como vimos, uma forma de fazê-lo foi comemorando todas as festas tradicionais da cultura local, querendo ele dessa forma favorecer um ambiente de alegria, pautado no senso de solidariedade e de pertença à uma comunidade; portanto, visando oferecer também um sentido existencial de quem eu sou e qual o meu lugar no mundo, na comunidade, na sociedade.

Certamente, os encontros festivos, comemorativos e afetivos são uma forma de resgate de autoestima e alegria para esses jovens.

Diante dos desafios contemporâneos, o adolescente prepara-se para ingressar na idade adulta, em um mundo que se apresenta extremamente competitivo, narcisista e com uma

lógica cruel, calcada no espírito da economia capitalista neoliberal, onde os valores do mercado terminam por estrangular os laços comunitários e de solidariedade. Os adolescentes vivem numa sociedade cada vez mais informatizada, interconectada, informacional. Nela, em sintonia com ela, eles vivem conectados na *internet*, muitas vezes, interferindo em suas sociabilidades e modos de subjetivação. É um desafio para escola lidar com essas questões ligadas às novas mídias e redes sociais, desafio esse extremamente contemporâneo, em que a escola sente a necessidade do trabalho junto à família. Percebemos que a família, escola e adolescentes estão buscando suas respostas, tentando encontrar um ponto de equilíbrio quanto ao uso da *internet* e redes sociais. Trata-se de um verdadeiro desafio.

Por fim e não menos importante, quero enfatizar que os adolescentes pesquisados na sociedade cearense comprovaram os riscos a que estão expostos, como delinquência juvenil, vulnerabilidade quanto ao uso de drogas, más influências e o apelo de uma sociedade baseada em valores do consumismo.

Percebemos que os jovens estão buscando respostas, mesmo que, muitas vezes, respondam com sofrimento psíquico, como no caso da depressão. A depressão que acomete vários deles fala de uma busca existencial muito profunda. Os profissionais da educação estão comprometidos e extremamente lúcidos quanto às problemáticas e desafios atuais, assim como suas limitações, frente a um mundo em crise.

A família é, de fato, uma instituição em crise no mundo contemporâneo. É importante lembrarmos-nos que o adolescente foi uma criança, e o adulto foi um adolescente. Não é demais reforçar que precisamos de políticas públicas de apoio às famílias, porque como bem fala/apela João dos Santos (1981), as crianças e jovens precisam ser bem tratados e compreendidos no aqui e no agora de suas vidas, o que fazemos quando os estimulamos a enriquecer o seu mundo interior com vivências que tornem “menos dura e menos só a hora da morte” (SANTOS, 1983; BRANCO, 2010, p. 88).

6 CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA OU PSICOPEDAGOGIA DE JOÃO DOS SANTOS PARA OS PROBLEMAS DA APRENDIZAGEM

Para fechar esta última seção, após uma longa busca de confronto entre ideias, teorias e visões sobre a problemática da adolescência, começo por recapitular ideias basilares de João dos Santos. Quando ele defende que só é bom saborear a vida, quando se saboreou a

doçura da infância, está a nos dizer que a criança que fomos é uma base constitutiva do que somos e presença recorrente até o fim da vida. Santos nos traz duas exigências: todo pedagogo deve conhecer os aspectos fundamentais da psicologia do desenvolvimento; o pedagogo dedicado a educação e ao tratamento da saúde mental das crianças, deve possuir além desses conhecimentos, formação teórico e prática em psicoterapia, sem isso sua atuação, a sua ação pode estar ferida a partir da falta de vigor e eficácia.

A obra de João dos Santos traz uma reflexão sobre a teoria psicanalítica, articulada com sua prática profissional, desmistificando que o lugar da Psicanálise se restrinja apenas ao consultório dos psicanalistas, mas coloca na escola, inclusive na sala de aula, a serviço da educação e de uma maior compreensão do desenvolvimento da criança e do adolescente.

A pesquisa que realizei permite pensarmos na atualidade do diagnóstico que João dos Santos, nos anos 1980, fez da família e dos desafios postos por tantas mudanças em curso nas últimas décadas do século XX à educação familiar e escolar nas sociedades ocidentais. Contrapondo conceituações e ideias, descrição de problemas e comportamento social de pais e filhos, educadores e profissionais da saúde, pude constatar que estamos vivendo uma realidade muito parecida com aquela descrita na teorização do psicólogo português, em especial, em relação aos dilemas enfrentados na adolescência.

Vejamos a fala dos educadores mostrando de como eles percebem a adolescência, que consideram ser um momento de mudança, de contestação, de mais liberdade, mas também de ganhos cognitivos, social e emocionais.

A coletividade tem influência sobre o adolescente, um [sujeito que tem lugar muito perto] da cultura. Cultura é tudo aquilo que o homem põe no mundo. Por exemplo, aqui no Brasil, grupo de adolescentes tem características, aqui na escola eles tem assim uma troca muito interessante do universo deles, eles se fecham naquele grupinho, quase um corporativismo, por conta dos pactos que eles têm que ter. As descobertas, a tecnologia, a interação dele com o meio, fator tempo e espaço, é primordial para pensarmos, o adolescente na década de noventa era uma coisa, hoje é totalmente diferente, a empatia deles é totalmente diferente, eles têm empatia por outras coisas. São fases bonitas e inesquecíveis, mas sabemos que não é fácil. (Professora da escola pública, 2018)

Aqui na escola tem muito essa questão da descoberta deles em relação a orientação sexual, vemos as questões relacionadas a gênero, e trabalhamos no respeito as diferenças [...] mas sabemos que existe o preconceito na sociedade. (Professor escola pública, 2018).

Em relação as redes sociais temos situações várias, de problemas mais simples ao mais sério. As vezes o aluno já entra aqui na sala chorando, eles as vezes não tem a mínima noção do impacto daquilo na sua vida, postam e depois não tem mais como desfazer, já circulou [...], O pai vem aqui na escola e diz: - Eu levanto de madrugada e meu filho está na *internet*, passa a noite na *internet*. O que eu faço? Estão meio perdidos e terceirizam para escola essa responsabilidade também. (Psicóloga – escola privada, 2018).

Além de dilemas de pertença e sexualidade, os depoimentos destacam a relação dos adolescentes com computadores, celulares e redes sociais, como parte de sua sociabilidade. Senão, vejamos a fala da professora entrevistada constatando um certo isolamento dos adolescentes,

Eu percebo nos adolescentes aqui na escola eles estão mais agarrados com os smartphones, antigamente era vídeo game que fazia com que eles se fechassem num casulo, ficam fechados em si mesmos, antes dava pra sair, mas com os smartphones é meio que difícil, porque todo mundo hoje estão nas redes sociais, na *internet*, principalmente o whatsapp e facebook, eles usam demais o facebook. Atrapalha demais, porque eles ficam nessa vida virtual aqui, todo tempo dependendo disso aqui. (Professora escola Pública, 2018).

Eu acho assim, assim os meninos da nossa escola, eles têm uma facilidade muito grande de interação entre eles. Mas no geral eu acho que os adolescentes estão muito para dentro de si por conta do celular. Eles vivem muito aquilo das redes sociais. (Coordenadora escola pública, 2018).

Eu não vou dizer aqui que as redes sociais são um problema, porque eu acho que é um recurso tecnológico muito importante também. Acho que o problema está na maneira de usar ou, pelo que eu percebo, está faltando alguém que ensine, e nem alguém ensinando não garante que o adolescente não vá usar de uma maneira errada, porque a curiosidade que é típica da idade [...] o problema é que muitos pais delegam a escola toda a responsabilidade da educação de seus filhos, e uma educação que vem de berço, esse aluno já vem da família com toda uma bagagem, acho que a escola tá sendo muito martirizada, está sendo muito sobrecarregada com todas as questões que envolvem o jovem. (Coordenadora escola pública, 2018).

Na sociedade das redes informatizadas, os adolescentes passam os seus tempos diante dos ecrãs, em vez de se encontrarem e viverem experiências sociais de proximidade física e espacial. O mundo da virtualidade termina substituindo, de alguma forma, o mundo real. Pensando o mundo contemporâneo, refletindo sobre os ecrãs globais espalhados por toda parte, problematizamos os seguintes temas que afetam as pessoas de todas as idades hoje, mas, em especial, os adolescentes: o capitalismo e sua economia do supérfluo e da beleza; da alegria e do belo; da aventura e do narcisismo, termina por meio do consumo desenfreado em um processo de audiovisualização. Vivemos sob um sistema capitalista que não produz o

necessário, o que tenha utilidade, mas que vai se configurando cada vez mais, segundo Lipovetsky (2010), como capitalismo estético e globalizado.

Tudo isso me leva a refletir muito seriamente sobre qual seria o lugar da educação e da escola, nos dias atuais. Qual seria realmente o lugar dessa mudança de tecnologia nos processos de socialização e escolarização do adolescente? Como se dão os novos processos de subjetivação em meio a essa tecnologia. Vejamos o que apontam as profissionais da educação entrevistadas,

Nós fomos mudando a forma de ensinar, a gente tem uma plataforma que nós aderimos, e a plataforma é fantástica, tem vídeo aulas, tem exercícios, tem jogos, então assim, tudo para chamar a atenção deles. Nós temos esse desafio de vivenciar o mundo de hoje, aí os professores fazem muito trabalho com pesquisa, utilizando o celular, para tirar um pouco o foco deles, para trazer para dentro do contexto da aula. Existe sim muitas dificuldades, as vezes o aluno está ali na sala de aula só de corpo presente, com o celular ali para outros fins. Cada ano que passa a gente vai tentando modificar, conversa com os professores, ver outras técnicas de aprendizado, aulas mais modernas, metodologias mais ativas, mais voltadas para o mundo deles, porque na verdade os adolescentes estão em um mundo diferente do que foi o nosso, não tem sido fácil. (Coordenadora escola particular, 2018).

Aqui tentamos a via da educação sócio afetiva, aqui foi uma escola onde eu pude perceber que há uma preocupação, inclusive curricular, se você olhar no currículo daqui, nas aulas, tem projeto de vida que mexe todo com a questão do emocional do aluno, como ele é em casa, como é a relação deles com os pais, com os amigos, qual a responsabilidade deles sobre essas relações, o papel deles na escola, pensar a escola enquanto cidadão, isso ajuda a pensar todas essas questões de relação de ser no mundo. (Professor escola pública, 2018).

Teve uma mãe que chamamos a comparecer aqui na escola, o menino morava com a tia, aí ela disse: – não quero saber, porque eu passei 3 anos da minha vida cuidando só dele e aí depois dos 3 anos eu deixei ele com a tia e fui cuidar da minha vida. Então assim, é como se todo discurso dela, três anos foi muito tempo que ela cuidou desse menino, então agora ela tinha que cuidar da vida dela. Poxa, então você tem um filho, e vou cuidar tantos anos, agora eu tenho que cuidar da minha vida. Então muitas vezes são essas ideias, essas concepções que vemos por aqui. Tem casos das mães que saem de casa para viver a vida, deixa os meninos, ou com avô, com tio e que foi viver a vida, porque precisa viver a vida, e agente se pergunta: E essas vidas que ficaram? (Coordenadora escola pública, 2018).

Eu sempre gosto de dizer, friso bem, uma criança criada com o pai e a mãe e vendo aquela consistência dos dois, o olhar da gente para aquilo ali é um olhar de admiração, de respeito e amor. Eu penso como é difícil para os jovens e crianças que não tem essa convivência. (Professora escola pública, 2018).

Vejamos o depoimento de profissionais da educação entrevistados, sobre os tempos atuais, apontando entre outras coisas, um afastamento dos pais em relação às responsabilidades com os adolescentes e com a escola:

A gente nem culpa os pais, a gente sabe sim que as coisas nos tempos atuais estão difíceis, que os pais têm que batalhar\trabalhar muito para colocar o filho numa escola boa que sabe que tem acompanhamento, mas se a gente falar que aqui a gente não sente falta da família aqui na escola, a gente vai estar mentindo, porque não tem como, e tem que ter sim esse acompanhamento familiar. Alguém que se responsabiliza pelos cuidados daquele adolescente. Ah o pai não pode vir, que pelo menos ligue para saber como está o filho. Esse é o grande desafio nosso aqui na escola. (Coordenadora – escola particular, 2018).

Os pais passam o dia trabalhando, eu não tenho tempo, eu quero que você veja isso. Uma vez uma mãe ligou pra mim e pediu para tomar o celular do filho porque ela não tinha como tirar o celular dele, ela vinha para escola, me pedindo para eu tirar o celular do filho. Eu digo esse papel é da senhora. [...] Às vezes quando chamamos não são os pais que vem, vem uma tia, uma avó, um irmão mais velho. As vezes a gente pressiona para alguém vir aqui na escola. (Coordenadora – escola pública, 2018).

Os pais eles ficam muito tempo trabalhando pra dar um nível, pra dar um sustento pra família, pra manter a família num determinado nível e a mãe também sai de casa. Veja o novo cenário, antes tinha a mãe que ficava, e com a mãe que geralmente gosta de circular, de conversar, estabelece mais contatos, as crianças e jovens aprendiam muito. Hoje em dia a mãe saindo também, ficou quem? Ficou o vazio e até que eles voltem pra casa e as vezes eles voltam pra casa muito tarde e as vezes cansados, aí fica só uma subtração. Esses pais não têm tempo para participar da educação dos filhos, nem em casa, nem na educação formal. (Professora – escola pública, 2018).

Às vezes esse adolescente tem a família inteira dentro de casa, tudo direitinho, mas eles não conversam, eles chegam aqui na escola, e dizem eu queria falar contigo isso. Hoje mesmo chegou uma aluna e me disse: - eu queria conversar contigo uma coisa que tá acontecendo comigo, e aí eu disse: - E você não conversa com sua mãe? Aí ela disse: – não dá. Tem disso aqui na escola, percebemos isso. Então assim, as vezes esses pais estão em casa, os filhos também estão, mas não há mais diálogo, não há essa proximidade, e quando estão né? Muitos passam longos tempos fora. Então tem essas situações, em que eles estão sós mesmo. (Coordenadora – escola pública, 2018).

Encontrei na fala da professora da escola, a preocupação com a quebra na estrutura familiar por meio da separação dos pais dos adolescentes, que teria se elevado, mostrando novas configurações da família.

Tem muitos pais separados aqui na escola, a questão do separado, que na minha época era o desquitado que era o fim do mundo, graças a Deus a sociedade evoluiu nesse sentido. O separado tinha esses problemas, eu tinha vários amigos com problemas por causa disso, por questão de preconceito, mas hoje em dia a gente sabe que as vezes a separação contribui mais pra saúde da criança e do adolescente dependendo da situação, realmente tem caso de pai que não tem nenhuma tem condição de viver com a mãe. (Professora – escola pública, 2018).

Sobre essas mudanças das organizações que regulam o casamento e a família, os profissionais entrevistados apontam uma mudança:

Hoje em dia aqui na escola o que eu percebo é que muitos pais são separados, é uma desestruturação familiar, hoje em dia o conceito de família também mudou aí não sei nem se a gente pode chamar de desestrutura familiar, eu acho que a classificação não é essa. Mas o que eu percebo aqui é que pai, mãe e filho não é mais essa formação, deve ter outro tipo de formação. Não é uma desestrutura, mas é uma espécie de afrouxamento das relações. (Professor – escola Pública, 2018).

Em face dessas novas estruturas familiares, apontam as entrevistadas sobre os desafios de lidar na escola com estas questões:

Tem alunos, que moram com a avó, com um dos pais, com tios, com irmãos, a maioria dos pais são separados, e isso é muito complicado para a gente. A desestrutura da família, influencia muito no desenvolvimento deles, influencia bastante porque eles trazem tudo para o colégio, não tem assistência em casa, os responsáveis, os pais, não aparecem aqui para que nós trabalhemos juntos no desenvolvimento desses adolescentes, aí fica difícil, porque a escola faz a parte dela. Mas e a família, às vezes a gente chama o responsável aparece o irmão um ano mais velho. (Coordenadora – escola particular, 2018).

Se funcionasse esses novos modelos familiares seria interessante, o problema é que não funciona, você pode morar com a avó mais se funcionar as regras, se tiver consciência das orientações, do respeito, dos limites, funcionaria perfeitamente, não necessariamente tem que ter aquela figura paterna ou aquela figura materna estipulada. É o responsável, uma avó, uma mãe, uma tia; a educação, a orientação, atuando como orientador, educador, funcionaria tranquilamente. Temos alunos que moram só com os irmãos. (filhos que vieram do interior e os pais só vem nos finais de semana), tem alunos que moram com os avós, que moram com mães, que moram com pais, que moram com tios porque vieram de outros Estados também, de tudo. O contexto familiar é diverso e a gente consegue trabalhar com todos eles, contanto que eles façam a parte deles. Mas infelizmente quando chega na família, muitas vezes para. Essa é a realidade aqui na escola. (Psicóloga – escola particular, 2018).

Essas dificuldades são apontadas também pelos pais dos adolescentes, conforme podemos ler abaixo, na fala de uma mãe sobre a educação e criação de seus filhos.

Cada ano que passou na vida dos meus filhos, desde pequeninhos, eu fui colocando outras coisas para eles fazerem, como meu filho é mais velho, então essa transição para eles serem adolescentes foi devagarzinho, quando eles completaram 10 anos, esse período da pré adolescência, eu já fui colocando coisas diferentes para eles fazerem, quando eles eram crianças eles eram cuidados de quase tudo, mas também ensinava, a guardar seus brinquedos, então a partir dos 10 anos eu já fui dando coisas para eles fazerem, com as coisas deles, com as coisas da própria casa mesmo, eles

tinham que arrumar, então essa educação é feita pouco a pouco, em casa, conosco, isso foi feito pouco a pouco. Coisas da escola de não ter mais que ficar perguntando a todo momento, coisas de saída, eu digo: - Resolvam como é, como vão, com quem vão, que horas é para chegar. Se fosse quando era criança, eu que organizava tudo, ligar para outras mães, agora não eles sabem se organizar bem melhor, o que fazer, quanto tempo vai demorar, então é um passo a passo. Isso não se aprende na escola, fui eu, a mãe ensinando desde crianças dia após dia. (Mãe de adolescente, 2018).

A mãe depoente aponta em sua fala que exerce bem a sua a função de mãe, como também existe uma educação que é feita de forma não formal, dentro de casa, no campo íntimo das relações.

Vejamos a fala de uma outra mãe sobre a maternidade e educação de seus filhos,

Minha maior alegria é ver que meus filhos são pessoas boas, porque você ver isso né? Quando os outros ficam felizes, quando eles vão bem na escola, quando eles conseguem socializar, tem gente que chega para gente diz: - Você não tem trabalho nenhum com os filhos, tem muita sorte. (Risos) eu digo: - É uma super sorte, noites de sorte em claro. (risos) sorte quando eu estava chorando preocupada com eles, sorte com os castigos e todos os dias de carinho e cuidado e nessa hora eu fico com raiva porque sei que não é sorte, mas nessa hora eu também fico feliz porque penso que alguma coisa eu como mãe fiz direito. A educação começa em casa, desde o berço. (Mãe de adolescente, 2018).

A entrevista deixa claro que para essa mãe a educação se começa em casa, no berço, assim como pensa João dos Santos (1981). Quando indagamos sobre quem participa na educação dos filhos, os profissionais da educação entrevistados (psicólogos, professores e coordenadores) apontam a constatação de que existe hoje uma família alargada atuando no processo educativo, vejamos as falas dos entrevistados:

Aqui na escola, nos meus atendimentos a familiares, não tem um padrão não, e como o contexto familiar está muito diferenciado, então as vezes vem uma irmã que é a responsável pelo adolescente, uma irmã mais velha, tipo dois anos mais velha entendeu? Vem avó, vem tias. Hoje em dia é muito diferenciado. (Psicóloga – escola particular, 2018).

Aparece avó, irmão, etc., mas quem mais comparece na minha experiência é a mãe mesmo, ou muitas vezes quando pai vem ele não sabe falar daquele filho, e muitas vezes diz: - Eu disse para a mãe dele que ela que deveria ter vindo! Quem geralmente sabe falar sobre o filho é a mãe. (Coordenadora – escola particular, 2018).

Quando chama-se o responsável aparece pai e mãe, tem uma figura de uma madrinha também, aqui na escola, eu ouço muito, é minha madrinha e meu padrinho, aparece um tio ou uma tia ou então uma pessoa muito próximo, um vizinho também chega a escola. (Professora – escola pública, 2018).

Os responsáveis não vêm à escola, esse é um desafio, os pais não estão na escola, a gente até entende a correria dos dias de hoje, muitas vezes quando aparecem são irmãos, avós, tem de tudo. (Coordenadora – escola particular, 2018).

Percebemos pelas entrevistas que quando os educadores chamam um responsável, para falar-lhes sobre os alunos, muitas vezes quem aparece na escola, são avós, tios, irmãos, a madrinha, dentre outros, porém apontam não saber se os pais não comparecem por falta de tempo, ausência efetiva ou por desinteresse. Estamos diante da atuação de uma família diferente ou de uma família ampliada, como defende João dos Santos? Ou as duas coisas? Quem cuida dos adolescentes efetivamente? Na pior das hipóteses, essa rede de parentes que comparece às reuniões da escola mostra que esses alunos não estão tão sozinhos? Essa dimensão bem mereceria um estudo à parte, por sua importância na relação escola e família. São esses pais ocupados com o trabalho e por isso não conseguem comparecer à escola para saber como vão seus filhos? Eles fazem isso, ou seja, dão atenção aos filhos, em outros horários? São muitas as questões envolvidas quando queremos ter uma resposta clara.

Os educadores entrevistados relatam que a família ampliada se faz presente quando chamam os responsáveis na escola, no entanto também percebemos em nossa pesquisa quando entrevistamos os pais e mães, eles dizem ser deles todas as responsabilidades. É possível perceber essa tendência nas falas desse pai e dessas mães,

Eu converso, desabafo com as tias e o avô materno deles. Os que convivem com eles, mas, as tomadas de decisão, sou eu mesmo, quem permite se vai ou se não vai sou eu. Essas pessoas convivem com eles, tem abertura para conversar, e eu converso com elas, tipo quando está acontecendo um problema, eles têm uma atitude de um acolhimento, um desabafo, depois eu decido como resolver. (Mãe de adolescente – escola particular, 2018).

Quem mais participa da educação aqui em casa sou eu mesmo, eles vão na casa dos avós nas festas, porém a educação é comigo mesmo, na verdade muito mais eu do que o pai. (Mãe de adolescente – escola particular, 2018).

Principalmente sou eu que educo, porque ele mora comigo, e a mãe a distância, porque ela mora longe e as poucas vezes que ele vai para lá, então sou eu mesmo, só eu mesmo. Ele passa o dia no computador, ele mal sai do quarto para ficar aqui com a avó já idosa. (Pai de adolescente, 2018).

Lá em casa sou eu e meus três filhos, somos só nós mesmos, eu estou conhecendo uma pessoa, mas não coloquei dentro de casa. O mais importante é a nossa família, sou eu e os meninos. Quem participa da educação sou eu mesmo. Minha família mora longe. (Mãe de adolescente – escola pública, 2018).

Contudo, também há casos de negligência familiar, conforme o relato da coordenadora entrevistada, que atua na escola Pública.

Tivemos um caso aqui, o menino de dez palavras que ele falava, nove era palavrão, ele era logo do 1º ano, aí quando os meninos chegam a gente já vai logo chamando a família que é para botar o menino na lei. Ai a gente chama a mãe e diz: – Nós chamamos a senhora porque o aluno anda com comportamento inadequado, ele fala muito palavrão em sala com todas as pessoas, na escola, seu filho grita muito. Quando falamos com ele, ele diz que não entende, que ele não fez nada. Aí ela olhou para o filho na nossa frente e disse: - Seu filho da puta, aí disse bem dez palavrões também. Aí nós olhamos umas para outras...; eu vou dizer o quê? Aí o menino mesmo disse: – mas você só fala isso também, mãe. (Coordenadora da escola pública, 2018).

Sobre essa relação entre família e escola, há depoimentos muito sugestivos, quanto ao papel de educadores em suplantar a ausência de familiares na vida dos adolescentes estudantes, havendo educadores que assumem isso até com satisfação, conforme podemos ler abaixo na fala dos profissionais da educação entrevistados:

Os pais não têm tempo, acham que encontrando uma boa escola está tudo bem, mas não é assim [...] A escola aqui oferece o melhor que ela possa dar, e o que a gente não tem aqui, que os alunos precisam a escola vai buscar. A Escola aqui, eles investem de uma forma na educação que as vezes a gente até se surpreende, a questão da qualificação dos profissionais. Aqui o estudante é visto como um ser em desenvolvimento mesmo, ele não é um número, é um ser que a gente dar o necessário para essa passagem, que ele possa realizar os sonhos que ele quiser, ele sonha, a gente dar o suporte e ajuda, e ele segue em frente a vida, mas é sempre a melhor qualidade possível aqui na nossa escola. Em relação a tudo, a estrutura. A escola tem muitos projetos, abordando os mais diversos temas, drogas, sexualidade, prevenção ao suicídio, questões sociais, questão do preconceito, melhor qualidade possível para ele se desenvolver como ser humano, ter melhores características, auxiliar na formação da personalidade, se realizarem como pessoa, como profissional [...] Nosso desafio é que tem uma parte que é feita pela família, aí as vezes tudo para. (Psicóloga – escola particular, 2018).

Nós aqui no Brasil temos uma cultura de que se o aluno se sair bem na escola e entrar na Universidade ele vai ter sucesso, mas não quer dizer que ele seja sucesso só nisso, ele pode ser sucesso em outras coisas, no sonho dele, tem uns que querem ser jogador de futebol, outros querem ser modelo, e meu sonho como professor/educador é que ele tenha sucesso no que ele quer, que ele tenha sucesso na vida. Meu sonho é esse. O sucesso dele é o meu também. O meu sonho é que esse adolescente seja feliz. (Professor – escola pública, 2018).

Vimos pelas entrevistas, que nos dias atuais, há na nossa cultura educacional o pensamento partilhado socialmente de que a educação do adolescente depende muito de uma

boa escola e esse passando num vestibular tudo estará resolvido; acredita-se que ele será feliz, porque encontrará uma profissão e um destino autônomo.

Vejamos a fala de um pai de adolescente, falando sobre conviver com seu filho nos dias atuais, por diferenças de valores como geração, o que dificulta ou inviabiliza a comunicação entre pai e filho adolescente.

A adolescência do meu filho é muito diferente da minha. Ele tem uma necessidade de se auto afirmar, não me lembro de ter tido nenhum conflito mais grave quando eu era adolescente, agora eu acho que meu filho é o adolescente típico de não querer fazer o que tem que fazer, e principalmente não quer que a gente saiba nada do que ele está fazendo, quer uma vida totalmente privada, a gente que eu digo é eu e a mãe, só que não pode né? Uma dificuldade na comunicação com meu filho adolescente. Termina entrando em conflito. (Pai de adolescente, escola particular, 2018).

O pai de um adolescente entrevistado aponta ainda a dificuldade de participar do universo do seu filho, devido a uma maior introspecção do adolescente.

Como a escola assume um lugar de destaque na educação dos jovens adolescentes, há depoimentos de familiares entrevistados que, paradoxalmente, apontam o sofrimento dos jovens com as cobranças intensas da escola em relação as notas dos exames e seu êxito educacional e profissional, o que pode gerar, por vezes, uma atitude de desinteresse frente à escola e a abre caminho à queixa dos pais quanto ao peso dessa pressão excessiva, criticando o foco na avaliação pura e simples da aprendizagem:

As escolas seguem o que o mundo impõe, então elas acabam seguindo essa coisa de ter que passar no vestibular, é uma obrigação, não abre portas para outras coisas. (Mãe de adolescente, 2018).

Sobre a importância de o profissional compreender a relação cognição e afeto, vejamos a fala da coordenadora de escola entrevistada,

O aluno ele não está bem emocionalmente, ele não consegue estabelecer uma boa aprendizagem, é tanto que quando os meninos passam por alguma dificuldade emocional, eles também vão demonstrar isso lá nos resultados dos exames. Então a gente já percebe, se é um aluno que sempre tirou notas boas, e começa a tirar nota baixa, então está acontecendo alguma coisa com esse menino. A gente chama, conversa. Então dentro dessa nossa vivencia dentro da escola a gente já observa que sempre que eles têm alguma dificuldade emocional, eles também caem nos rendimentos. (Coordenadora escola pública, 2018).

As falas de educadores trazem essa preocupação com o déficit na formação do profissional em face do tipo de educação recebido nas universidades, conforme aponta a entrevistada:

Falta alguma coisa inclusive na nossa formação. Essas competências sócio emocionais, como lidar com essas questões da adolescência, porque nem todo mundo é preparado para lidar com isso. Um professor entra numa sala de aula com 45 alunos e aí ele vai lidar com um aluno que de repente tem uma dificuldade e esse professor não sabe lê aquilo. Por vezes esses jovens chegam aqui, estressados, aborrecidos, às vezes nem eles sabem dizer exatamente o que está acontecendo. (Coordenadora – escola pública, 2018).

Os professores se queixam do fato de a família não estar presente. Assim nos fala uma psicóloga entrevistada:

A desestrutura familiar influencia muito no desenvolvimento deles, influencia bastante porque eles trazem tudo para o colégio, não tem assistência em casa, os responsáveis, os pais, não aparecem aqui para que nós trabalhemos juntos no desenvolvimento desses adolescentes, aí fica difícil, porque a escola faz a parte dela, mais a gente não pode fazer tudo, se tiver participação da família, escola, adolescente e família aí é sucesso com certeza. Os pais terceirizam, a gente compreende, tem essa compreensão de como está a vida hoje, o ritmo de vida, os pais trabalham o dia inteiro para colocar o filho numa escola melhor, é suficiente? De jeito nenhum! O Pai, o responsável tem que comparecer em casa para fazer um acompanhamento, como tu está na escola? Teve algo para casa? Deixa eu ver o teu caderno? Fez a atividade? Isso é básico sabe, um pai, uma mãe, uma avó, pode tirar 10 minutos para conversar com esse adolescente e fazer esse acompanhamento, do jeito que seja. (Psicóloga – escola particular, 2018).

A psicóloga entrevistada aponta como sendo a família algo fundamental, sendo insubstituível sua participação na educação de uma criança e de um jovem, em vez disso, delegam à escola tal responsabilidade, dessa forma, não educando nem acompanhando seus filhos.

Na contramão dessa confiança cega no bom papel da escola na educação dos adolescentes, encontrei essa entrevista, em que uma mãe entrevistada comenta a importância de se entender melhor o lugar da escola e da família, apontando que o bom trabalho de educação deve começar na família.

A escola pode atrapalhar muito se você não coloca juízo na cabeça do seu filho, porque muitos pais acham que quem tem que educar os filhos é a escola e não é, então a escola atrapalha mais que ajuda, se você não fez um bom trabalho, quando ele for conviver com outros filhos de outras educações, que esses pais pensam que eles vão ser educados na escola e não você como pai, porque na escola eles vão absorver conteúdos, é bem diferente, então a escola não vai fazer essa educação, vai é atrapalhar, vai dificultar. Se você não atuar direito na infância do seu filho, na adolescência

isso vai virar uma confusão, inda mais dentro da escola. O papel da escola é mostrar conteúdo, o nosso é mandar o filho ficar lá, e aproveitar aquele momento. Eu vejo a escola assim... é igual a faculdade... que as coisas lá podem ser perdidas para quem não trabalhou bem essa educação e como além de mãe, minha profissão é psicóloga, eu escuto adolescentes, coisas incríveis acontecem dentro da escola, os pais nem sabem não é? A gente pensa, ah tá tudo bem, vou deixar meu filho na escola, não é assim... coisas terríveis podem acontecer dentro da escola. A escola é mais para atrapalhar do que para ajudar. (Mãe de adolescente – escola particular, 2018).

A entrevistada reforça o papel fundamental dos pais na educação dos filhos, ressaltando o valor social dessa educação que é informal, em casa, inclusive para que quando esse aluno vá para escola já com uma base saudável da educação recebida em casa. Já para a psicóloga da escola que entrevistamos constata que, na adolescência, há uma não presença dos pais no processo educativo do aluno, constatando uma espécie de terceirização da educação para a escola. Ela esclarece que existe uma parte que precisa vir da família, sendo este um dos grandes desafios da educação dos adolescentes nos dias atuais.

Eu percebo que a família como um todo terceirizou esse serviço da educação, do afeto, do carinho, do amor, então, além de a gente dar orientação necessária para a parte educacional, do desenvolvimento educacional, enquanto escola, enquanto instituição, a gente ainda faz um trabalho meio que familiar, sem ser essa necessariamente a nossa função, esse é o grande desafio dos dias atuais, na grande maioria das vezes a família desse adolescente não comparece. As necessidades do estudante, que são diversas, cada dia eles chegam com alguma coisa diferente, uma curiosidade, ou fizeram algo e não sabem o que vai acontecer depois, questões muito sérias por vezes, então, a gente acaba dando esse tipo de orientação. O contexto familiar hoje em dia está muito diferenciado. O que eu percebo é que tudo foi terceirizado para escola e infelizmente a gente não tem como dar conta disso a gente tenta e faz, mas a gente sabe que deveria ter a presença da família. Falta o afeto e o diálogo, aquele que acontece na família. (Psicóloga – escola particular, 2018)

Depoimentos das profissionais das escolas entrevistadas ressaltam a importância dos cuidados da escola quanto a estrutura familiar e a boa qualificação dos professores para o bom desenvolvimento do aluno, salientando que faz parte do que a escola oferece para auxiliar na aprendizagem dos seus alunos:

A escola oferece o melhor que ela possa dar, e o que a gente não tem aqui, que os alunos precisam, a escola vai buscar. A Escola investe bastante na educação, que as vezes a gente até se surpreende, a questão da qualificação dos profissionais. Se tiver um professor que não está rendendo numa determinada turma, eles escutam, a coordenação escuta, aí eles vão ajustando. Aqui o estudante é visto como um ser em desenvolvimento mesmo, ele não é um número, é um ser que a gente dar o necessário para essa passagem, para que esse adolescente possa realizar os sonhos que ele

quiser. Ele sonha, a gente dar o suporte e ajuda. Em relação a tudo, a estrutura, eles estão sempre fazendo um ajuste, outro, porque tudo influencia, salas climatizadas, diversos laboratórios, biblioteca, se você passear pelo colégio vai ver que tem sempre alguém limpando o colégio o tempo todo. Tudo isso ajuda a criar um ambiente acolhedor para aprendizagem, a gente sabe que não é só isso, esse é um dos fatores, mas ajuda. (Psicóloga, 2018).

Aqui a gente tem o que é de melhor, vários projetos, professores qualificados, alimentação que eles fazem aqui na escola. Essa escola é pública, porém é uma escola modelo. (Professora, 2018).

A gente ver aqui na escola a dislexia, principalmente nossa coordenadora trabalha muito em cima disso, essa questão da compreensão, da habilidade de leitura, pra melhorar, porque afeta, isso foi sendo arrumado, ajustado, tentando ser orientado, porque é uma coisa que aparece bastante. (Professora – escola pública, 2018).

Vejamos o relato da profissional da educação sobre as dificuldades dos pais de buscarem um diagnóstico, depois que a escola identifica algum problema nos alunos.

A gente chama o pai, a gente diz, olhe seu filho tem dificuldade, ele precisa de ajuda, mas os pais não levam, não trazem o laudo pra gente. Então assim, hoje a gente sabe que tem pelo menos seis alunos, com alguma dificuldade importante, TDAH também pode ser, que precisava não era nem de psicólogo só, mas de um trabalho integrado, entre médico, psicopedagogo, mas os pais não levam então a gente fica nessa peleja dentro da escola tentando ver de que forma podemos ajudar. (Coordenadora, 2018).

Algumas falas de profissionais da educação são feitas em posição de defesa, quando recebem críticas dos pais e/ou da sociedade quanto ao seu trabalho e função da escola.

As escolas seguem o que o mundo impões, então elas acabam seguindo essas ideias: Você tem que passar no vestibular, é uma obrigação, não abre portas para outras coisas. A escola dela é bastante rígida, é tradicional, tem época que é difícil, eu acho um absurdo a pressão psicológica que estava em cima dela, a pressão psicológica nela estava muito alta no ensino médio, ela chegava em casa chorando, ansiosa também, a auto estima dela estava muito baixa. Eu acho que o ensino podia não ter essa cobrança tão grande, podia ser uma coisa mais leve, eu acho que se fosse uma coisa mais leve, mais dinâmica, eles poderiam aprender mais. (Mãe de adolescente, 2018).

As vezes a gente vê a juventude muito seguir na escuridão. Isso é muito triste. Os meninos são muito sombrios, buscam histórias muito macabras, os meninos se cortam, os meninos têm uma coisa voltada muito voltada na literatura, voltada naquela parte mesmo do romantismo, aquela pessoa que é muito sofrida, tudo é muito sofrido, tudo é muito depressivo. Tudo é muito intenso. Essa intensidade dessa coisa que eu acho que não é boa. Eu percebo que os nossos jovens são muito tristes. Nós temos inúmeros casos. Temos um caso de um menino que se cortou, cortou os pulsos. (Coordenadora escola pública, 2018).

Em verdade, os adolescentes levam expectativas, dificuldades e problemas emocionais para o interior da escola. Sobre a depressão, vejamos a fala de nossos entrevistados:

Eu mudei de colégio de novo, aí no oitavo e nono foi que começou essa coisa, estudava numa escola particular e vim para escola pública, não conseguia encarar a sala de aula, pessoas diferentes, tinha vergonha de mim, tinha muita coisa acontecendo comigo, juntou com as pessoas da escola que eu não gostava, não gostava do ambiente, de muita coisa, aí eu desenvolvi a depressão, não me sentia bem, eu achava que a escola pública era uma escola ruim, mas não era, hoje estou bem melhor, muito bom aqui, as pessoas, os alunos, professores, é muito bom! (Adolescente, escola pública, 2018).

Os adolescentes gostam das redes sociais e são mais retraídos mesmo, e rola um problema nisso tudo, na somatização, que as vezes se revelam o problema. Aqui na escola por exemplo, o cotidiano, é muito choro, eles começam a chorar na sala de aula, o professor tira, traz para coordenação, o choro é muito constante no colégio, é muito comum aqui nas dependências do colégio. Conversamos muito aqui no serviço de psicologia. (Psicóloga escolar, 2018).

Quando indaguei a um pai o que ele achava que seria imprescindível tratar nessa pesquisa, ele me respondeu que seria a depressão:

A minha menina, minha filha, já tentou suicídio, então eu acho que é algo que numa pesquisa dessa, deveria ser falado, a depressão nos adolescentes. Ela tomou mais de vinte comprimidos e ela ia pra igreja, não sei quem botou na cabeça dela que até hoje ela não me diz, nós temos uma farmacinha lá em casa e ela tomou, foi tomando e ninguém percebeu, tomou vinte comprimidos e desmaiou foi levada às pressas ao hospital. Eu acho que tem haver com cobrança, responsabilidade, no meu tempo não tinha essa cobrança toda, da gente ser doutor, ser formado, não tinha, a gente vivia tranquilo, brincava tranquilo, hoje não, a sociedade já te influencia. Nessas horas a gente se sente um inútil, impotente, por mais que você seja forte, tenha um psicológico bom. Uma menina linda e carinhosa, eu perdi o chão, todo dia eu conversava com ela, tinha vez que ela não queria conversar comigo. Hoje penso que ela superou, ela tinha umas fotos, essa coisa das redes sociais, *internet* também influenciando como se matar. Quando surgiu esse jogo baleia azul, eu fiquei morto de preocupado, eu não dormia, porque o pessoal que jogava tinha o negócio de se acordar umas quatro horas da manhã, e as vezes eu via ela acordada quatro horas da manhã, ficava assustado. (Pai de adolescente, 2018).

Nós vemos muitos adolescentes aqui, agora, com a história da depressão e automutilação, parece assim, um pó que botaram na comida deles, se auto mutilar, não sei se é porque eu só estou percebendo isso agora, ou já tinha e eu não percebia, mas é demais! Uma tristeza! A gente ver que muitos casos são realmente bastante sérios. (Professora escola pública, 2018).

O cotejo das falas dos três sujeitos envolvidos nesta pesquisa sugere que esses relatos e depoimentos contêm uma diversidade de aspectos relativos aos dilemas da educação de adolescentes na família, escola e sociedade, que podem muito em nos ajudar a entender que tipo de mudanças estamos vivendo na atualidade, sem que nenhum deles pareça saber exatamente qual seria a melhor solução. Tentarei dar um fechamento ao meu estudo com a convicção de que a pesquisa qualitativa aqui demonstrada oferece uma ferramenta crucial para educadores e planejadores da educação interessados em encontrar caminhos que aliviem conflitos e sofrimentos intensos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que estou escrevendo o texto conclusivo da minha pesquisa, o Brasil foi abalado por um trágico acontecimento, neste março de 2019, envolvendo dois jovens numa escola pública do interior de São Paulo, que voltam armados à escola onde estudaram para realizar um massacre, o qual foi amplamente noticiado e alvo de matérias e entrevista com especialistas sobre essa ocorrência, baseadas em três vetores: 1) Como esses jovens chegaram a esse plano macabro, movido porque motivação psicológica e social; 2) Como isso poderia ter sido evitado por parte de familiares, educadores da escola e sociedade em geral; 3) Qual é o papel das novas tecnologias e redes sociais da *internet* nessa ocorrência, sabendo que esses jovens criminosos tinham vínculo muito estreito com games, jogos, facebook, ideologias e padrões comportamentais antenados com a violência.

O caso em questão foi protagonizado por jovens de classe média, abrigados em família, portadores de dificuldades de convívio social e que estavam em sintonia com lideranças de extrema direita que apregoam o uso de armas como solução para os problemas vividos em sociedade.

Não vou adiante no tratamento desse assunto, porque não foi este o meu objetivo de pesquisa, nem haveria mais tempo para dar a ele o devido destaque. Trago essa ocorrência para este momento da minha tese apenas para reforçar a ideia de que a adolescência/juventude é uma fase da vida que requer a assistência integrada de uma teia de instituições ocupadas com a educação social de crianças e jovens.

Sabemos ser a adolescência uma fase do desenvolvimento humano de enorme importância, características próprias, período de profundas transformações biológicas, corporais, de maturação sexual, de desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e afetivas. Sendo também de grande relevância os conflitos gerados pela não aceitação dos modelos comportamentais e sociais impostos pela sociedade dominante.

Ao tratarmos o tema juventude, estamos diante de uma questão que mexe com muitos sujeitos, com angústias e crises profundas, gerando os mais diversos pensamentos e emoções. Precisamos olhar a adolescência com outros olhos e, com a ajuda da interdisciplinaridade das ciências da educação, agir com afeto e sensibilidade.

Posso dizer, confirmando algumas teses da sociologia contemporânea, que o jovem da atualidade se encontra numa modernidade líquida, globalizada, num mundo onde os valores de consumo clamam tão alto e novas formas de alienação se impõem, refletindo assim sobre o papel do jovem e da educação no novo paradigma social e na sociedade possível nas ruínas de uma civilização capitalista que fracassa em várias frentes.

A abordagem de João dos Santos traz como eixo estruturante de intervenção tratar a infância e a adolescência, como períodos de grande importância para o desenvolvimento psíquico, devido à dimensão afetiva dos indivíduos, no campo da saúde mental e da educação. Enfatiza a necessidade de aproximação entre família, grupos e escola para que a educação seja fortalecida. Ele traz uma reflexão sobre a teoria psicanalítica, articulada com sua prática profissional, desmistificando que o lugar da Psicanálise se restrinja apenas ao consultório dos psicanalistas, mas coloca a escola, inclusive a sala de aula, a serviço da educação e de uma maior compreensão do desenvolvimento humano.

A sua atualidade consiste justamente em defender que todo aquele que trata da criança e do adolescente, seja na área da educação, seja na área da saúde mental, deva ter algum embasamento de psicanálise. O autor nos traz duas exigências: Todo pedagogo deve conhecer os aspectos fundamentais da psicologia do desenvolvimento; o pedagogo dedicado a educação e ao tratamento da saúde mental das crianças e jovens, deve possuir além desses conhecimentos, formação teórico e prática em psicoterapia, sob pena de tornar sua ação inócua e ineficaz.

Propõe a ampliação dos sujeitos que entram nesse processo, em face da fragilidade crescente da família nuclear em cuidar de uma criança e de um adolescente que não vive mais encerrado nos muros de casa e/ou da escola. Para o psicólogo português, educar crianças e adolescentes é uma tarefa de todas as instituições que configuram a sociedade.

A obra de João dos Santos também traz uma reflexão sobre a teoria psicanalítica, articulada com sua prática profissional, aplicada de forma transformadora ao processo educacional, desmistificando que o lugar da psicanálise se restrinja apenas ao consultório dos psicanalistas. Toda a riqueza do conhecimento psicológico e psicanalítico é colocado a serviço da criança e do adolescente, na família e dentro da sala de aula, buscando o desenvolvimento integral das crianças e jovens, despertando as suas potencialidades, incentivando os seus talentos e fazendo-a caminhar em direção à sua humanidade.

A atualidade do pensamento de João dos Santos consiste também em defender o uso do rico e sofisticado conhecimento da saúde mental, da psicologia e da psicanálise, para colocá-lo a serviço da educação e da promoção da saúde.

O profissional de educação, devidamente preparado pela psicologia, ampliados os seus conhecimentos técnicos e saberes humanistas, poderá melhor cuidar da criança e do adolescente que se fragiliza diante da crise pela qual passa a família nuclear (a mutação dos valores em velocidade socialmente desestruturantes) e mesmo das escolas, creches e reformatórios preparados para cuidar dessas crianças e jovens com métodos massificantes e voltados para os interesses do mercado, ou quando não, de forma mais trágica, essa criança e jovens encontra-se em situação de abandono e de rua. Para o psicólogo português, educar crianças é uma tarefa de todas as instituições que configuram a sociedade onde elas vivem. O fracasso com a educação dos adolescentes pode se configurar, na contemporaneidade, como sendo o fracasso do nosso próprio modelo civilizacional.

No Brasil, constatamos na realidade cotidiana das famílias e escolas a verificação de que as famílias pouco participam na educação de seus filhos no Ensino Médio. Essa é a realidade que observei no meio social cearense, apoiada em vários depoimentos dos sujeitos entrevistados. Trata-se de um ambiente educacional representado por instituições educacionais privadas e públicas, que apontam a terceirização da educação por parte das famílias e apontam que os filhos hoje são uma espécie de “órfãos” na sociedade. Nas periferias das cidades, então, onde são mais graves os índices de violência, grandes são os abismos sociais. Um modelo de educação mais adequado a essa realidade teria que ser repensado pelo estado e pela sociedade, mas que implica também em profundas transformações econômicas, sociais e políticas.

Santos (1981), inclusive, pensando a realidade social de Portugal à sua época, aponta que uma das formas de se prevenir a delinquência juvenil seria a melhoria das condições de vida da população, tornando-se necessário uma política de proteção principalmente às famílias mais numerosas (mães com vários filhos) onde os índices apontam que a vulnerabilidade é maior, passando por serviços de proteção nas maternidades, voltados ao vínculo mãe-bebe até as políticas de higiene, saúde e educação geral. Percebe-se claramente que a vida nos grandes centros urbanos é dispersiva e perturbadora para crianças e jovens, como já foi apontado.

Defendo a tese de que as contribuições da teoria Santiana são de fundamental importância para pensarmos a educação nos dias de hoje, sobretudo no Brasil, no que diz respeito não apenas à educação da elite ou da classe média, mas, sobretudo, de uma educação popular carente de atenção especial e capaz de ser transformadora.

Conforme já foi apontado em seções anteriores, a adolescência é uma fase da vida, com mudanças profundas e inquietações existenciais diante de um mundo de competitividade exacerbada e hostil, onde os valores do mercado terminam por diminuir os laços comunitários e de solidariedade. Esse período é caracterizado como um período novo de grandes aquisições em diversas áreas (cognitivas, sociais e emocionais).

A família é de fato uma instituição em crise no mundo contemporâneo. É importante lembrarmos que o adolescente foi uma criança e o adulto foi um adolescente. Apareceu em nossa pesquisa os diversos modelos familiares, dentre elas a família alargada, não sendo apenas a família nuclear.

Constatamos, que há certo abandono dos adolescentes nos dias atuais, No entanto a mãe é figura importantíssima. Todos os adolescentes entrevistados ressaltam a importância das mães em sua vida e educação. Ratificamos aqui o pensamento Santiano, quando evidencia, ao pensar a educação e a saúde mental de crianças e adolescentes, o a importância do fortalecimento da relação mãe-bebê.

Não é demais reforçar que precisamos de políticas públicas de apoio às famílias, porque como bem fala/apela João dos Santos (1981), as crianças e jovens precisam ser bem tratadas e compreendidas no aqui e no agora de suas vidas, o que fazemos quando as estimulamos a enriquecer o seu mundo interior, para que melhor se relacionem com os desafios e dificuldades externas.

Estamos numa sociedade cada vez mais informatizada, interconectada. Os jovens vivem conectados na *internet*. As tecnologias digitais interferem nas relações juvenis e são incorporadas pela juventude. Influenciam na construção de suas identidades, nas sociabilidades e nos modos de aprendizagem. Constatamos que as tecnologias digitais fazem parte do dia a dia dos adolescentes e se apresentam como desafio dos educadores lidar com esses novos territórios.

Percebemos que os jovens estão buscando respostas, mesmo que muitas vezes respondam aos seus dilemas e medos com sofrimento psíquico, como no caso da depressão. O Problema na aprendizagem mais recorrente que apareceu em nossa pesquisa foi a depressão. A depressão fala de uma busca existencial muito profunda. A escola tem a sua ênfase na dimensão cognitiva, e muitas vezes desvaloriza a importância da parte afetiva de crianças e adolescentes. É preciso a escola cuidar desses sujeitos como seres de afetividade, tanto de docentes, quanto de alunos e a compreensão de que seus familiares também são afetados por essa esfera afetiva.

Os profissionais da educação, no meio cearense, estão comprometidos e extremamente lúcidos quanto a essas problemáticas e desafios atuais, assim como suas limitações, frente a um mundo em crise, como também apontam falhas em sua formação. Os educadores se percebem por vezes ultrapassados na capacidade de compreensão do universo dos jovens, no desafio diário de quem lida com a educação de adolescentes todos os dias.

Os benefícios dessa pesquisa foram oferecer elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afeta o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos. A importância dos benefícios esperados justificou os riscos porventura incorridos.

A educação só é possível porque o homem se sabe inacabado. No entanto, é preciso saber que ele nunca estará pronto, talvez só na hora da morte, quando o processo de dar sentido talvez lhe oferecerá o signo da completude. O homem é um processo de construção de si mesmo e do outro, pois vive em sociedade. Um ser que só se realiza no encontro com o outro, com o pertencimento à comunidade e humanidade, em suas fragilidades e grandezas. Só aqueles que amam os inacabados são capazes de educar homens que sempre estarão em construção. Para educar é preciso ter esperança. Eu quero ser portadora dela, assim como foi João dos Santos, e capaz de intervir no meu meio e inspirar outras pessoas a tomar parte dessa corrente do mais puro humanismo, sem a qual a vida social perderia todo o seu sentido maior.

Trouxe aqui para discussão um estudo de base qualitativa, centrado em sujeitos de uma dada classe social definível sociologicamente como média, que habita determinada zona da cidade de Fortaleza, no Ceará. O estudo foi recortado dessa maneira para que fosse exequível, nas condições objetivas em que o realizamos, dividindo a atividade de pesquisa da

tese com a docência, sem liberação para atuar de forma mais abrangente numa investigação que aponta desafios e necessidade de muita reflexão, tanto na área educacional, quanto social mais ampla.

Por essa razão, o presente estudo deixou de ser aplicado em outras realidades sociais, em especial, nas áreas sociais mais vulneráveis, onde os adolescentes vivem situações de risco de vida e de são seduzidos para o mundo do crime, tornando-se alvo de ações policiais que têm causado a morte de milhares de jovens brasileiros. Afora isso, são as escolas da periferia que abrigam esses jovens que mais sofrem com toda essa situação. Acredito que esse estudo mostrou o quanto ainda precisamos estudar e pesquisar sobre o fenômeno da adolescência e sua relação com a família, a escola e a sociedade do nosso tempo! Acreditamos que, em função disso, ao fechar esse relatório, outras portas se abrem para novos estudos.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **A adolescência normal**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

ABERASTURY, A. et al. **Adolescência**. Buenos Aires: Kargieman, 1971.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia e WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília-DF: Flacso – Brasil, OEI, MEC, 2015.

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 2, Feb./July 1992. ISSN 0103-863X.

AMARAL DIAS C. **O que se mexe a parar: estudos sobre droga**. Porto: Afrontamento, 1979.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARKLEY, R. A. et al. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade Manual para diagnóstico e Tratamento**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARLOW, D. H.; DURAND, V. M. **Psicopatologia – Uma abordagem Integrada**. São Paulo: CENGAGE Learning, 2008.

BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto: Imagem e som**. Rio de Janeiro : Vozes, 2002.

BRANCO, Maria Eugênia Carvalho e. **João dos Santos: Saúde Mental e Educação**. Lisboa. Coisa de Ler, 2010

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A Transdisciplinaridade**. In: PAULA, João Antonio de (Org.). **A Transdisciplinaridade e os Desafios Contemporâneos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CABRAL, A.; NICK, E. **Dicionário Técnico de psicologia**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Folha Explica, 2000.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athenas, 2012.

CANEVACCI, M. **Dialética da Família** – gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARLINE, E. A. et al. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. Brasília: SENAD/CEBRID, 2005.

CHAPMAN, G. **As 5 linguagens do amor dos adolescentes** – Como expressar um compromisso de amor com o seu filho adolescente. São Paulo: Mundo cristão, 2018.

CLOUTIER, R.; DRAPEAU, S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 2012.

DELAROCHE, P. **Psicanálise do adolescente**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DOSSE, François. **O Império do Sentido: A Humanização das Ciências Humanas**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo:Atlas, 2008.

ELIADE, M. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FERNANDES, M. E. Memória Camponesa. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 21, 1991, Ribeirão Preto. **Anais [...]**. Ribeirão Preto: SPRP, 1991.

FORTES, I.; KOTHER, M. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, v. 20, n. 38, p. 353-367, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.17081/psico.20.38.2556>. Acesso em: 10 out. 2018.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, L. A. P. de. **Adolescência, família e drogas**: a função paterna e a questão dos limites. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

FREUD, S. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

_____. **Totem e Tabu e Outros trabalhos (1913-1914)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

FRIEDRICH, G.; PREISS, G. Ciência do Aprendizado. **Revista Mente e Cérebro**, São Paulo, p. 6-13, 2006.

GALVÃO, I.; WALLON, H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GAUER, G. J. C.; VASCONCELLOS, S. J. L.; DAVOGLIO, T. R. **Adolescentes em conflito: violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de Aprendizagem: Linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

GIMENEZ, E. H. R. Dificuldades de aprendizagem ou distúrbio de aprendizagem. **Revista de Educação**, v. 8, n. 8, 2005.

HELOISA, S. P.; ALEXANDRA, P. Q. C. A.; MATTOS, P. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): aspectos relacionados à comorbidade com distúrbios da atividade motora. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, v. 5, n. 4, p. 391-402, out./dez. 2005.

HOLANDA, P. H. C. **Alfabetização: uma visão construtivista e psicanalítica**. Injuí: Ed. Unijuí, 1998.

_____. Laços familiares e relação professor-aluno à luz da teoria de João dos Santos: paradigma da conectividade e reconciliação da infância. In: CAVALCANTE, M. J. M. et al. (Org.). **Afeto, razão e fé: caminhos e mundos da História da Educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

HOLANDA, P. H. C. et al. (Org.). **Diálogos com João dos Santos pelo Jardim das Amoreiras: porque ainda há crianças e borboletas**. Reino Unido: Product Solutions Catalysis Ltd, 2017. ISBN 978-0-9932730-5-6.

HOLANDA, P. H. C.; MORATO, P. J. P. **Pedagogia Terapêutica: diálogos e estudos luso brasileiros sobre João dos Santos**. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

_____. **Pedagogia Terapêutica: diálogos e estudos luso brasileiros sobre João dos Santos**. Fortaleza: Edições UFC, 2016. Prefácio. In: SILVA, M. F.; ARAÚJO, O. H. A. **A educação sob a ótica da transdisciplinaridade**. João Pessoa: Ideia, 2015.

HOLLIS, J. **A passagem do meio: Da miséria ao significado da meia idade**. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Sob a sombra de Saturno: A ferida e a cura dos homens**. São Paulo: Paulus, 2008.

JUCÁ, G. N. M. Prefácio. In: SILVA, M. F.; ARAÚJO, O. H. A. **A educação sob a ótica da transdisciplinaridade**. João Pessoa: Ideia, 2015.

KAST, V. **A dinâmica dos símbolos: Fundamentos da psicoterapia junguiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. A. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

KUPFER, M. C. **Freud e a Educação**: O Mestre do Impossível. São Paulo: Scipione, 1998.

LA ROSA, J. **Psicologia e Educação**: O Significado do Aprender. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. **História dos Jovens** – Da Antiguidade a Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. 1.

_____. **História dos Jovens** – A Época Contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. 2.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. EDITORA 34. São Paulo, Editora 34 Ltda, 1999.

LIMA, S. V. de. **TDAH na Escola**: Estratégia de Ação Pedagógica. 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=%3Chttp%3A%2F%2F+www.artigonal.com%2Feducao-artigos%2Ftdah-na-escola-estrategias-de-acao-pedagogica>. Acesso em: 28 out. 2018.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **O ecrã global**: cultura mediática e cinema na era hipermoderna. Lisboa\Portugal: Arte e Educação, 2010.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LUZES, C. A. Um olhar sobre a delinquência. **O Portal dos Psicólogos**, 2010. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0520.pdf>. Acesso em: 8 out. 2016.

MACEDO, M.; KOTHER, M. **Adolescência e psicanálise**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2010.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade**: Na Primeira República. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Lisboa: Edições «Avante!», 1997.

MACRAE, E. Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR., A. **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2000.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 20, jun. 2005.

MEADE, M. The Water of Life: Initiation and the Tempering of the Soul. **Mosaic Multicultural Foundation**, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo: ABDR, 1992.

_____. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, K. C.; LAGE, A. M. V. A depressão na adolescência. **Psicologia em Estudo Maringá**, p. 257-265, 2007.

MORGAN, Lewis Henry. **A sociedade antiga**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOURA, M. M. **Drogas, juventude e escola; estudo de caso sobre o curso de prevenção ao uso de drogas do programa "crack é possível para vencer" para educadores da Escola de Ensino Profissionalizante Joaquim Albano**. 2013. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 2013.

MORO, M. L. F. Implicações da Epistemologia Genética de Piaget para Educação. In: PLACO, V. M. N. S. (Org.). **Psicologia e educação**: Revendo contribuições. São Paulo: Educ, 2002.

NEGREIROS, J. Intervenção na delinquência juvenil. **CRV**, 2015.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PEDAGOGIA TERAPÊUTICA: 1-10. Comunicação apresentada em um Encontro de Psicólogos promovido pelo Instituto de Ação Social Escolar, sob patrocínio da Secretária de Estado e Juventude e Desporto, Centro de Saúde Escolar de Lisboa. (Não publicado). Disponível em: http://www.casadapraia.org.pt/pedagogia/pedagogia_terapeutica.pdf>. Acessado em: 21 fev. 2016

PERES, F.; ROSENBU, C. P. Desvelando a concepção de Adolescência/Adolescente presente no discurso da saúde pública. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 53-86, 1998.

PIAGET. J. **O raciocínio na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1967.

_____. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

_____. **Para onde vai a Educação?** 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

POZO, J. I. **Aprendizes e Mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMOS DO Ó, J. **Sérgio Niza**: escritos sobre educação. Apresentação do livro proferida na Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação do Porto da Universidade do Porto em 11/10/2013. Disponível em: <http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/LSergioNiza/ALivroSergioNizaJorgeRamosdoO.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.

REICH, Wilhelm. **A Revolução Sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **A Função do Orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

REVISTA MENTE SAUDÁVEL. **Índices de ansiedade estão altíssimos em escolas brasileiras.** set. 2017. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/ansiedade-estresse-altos-escolas-brasileiras/>. Acesso em: 9 ago. 2018.

RIBEIRO, DARCY. **O POVO Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, C. **Metacognição: um apoio ao processo de aprendizagem. Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 109-116, 2003.

ROCHA, Ana Paula Rongel e GARCIA, Cláudia Amorim. **A adolescência como ideal cultural contemporâneo.** Psicologia Ciência e Profissão. Psicol. cienc. prof. vol. 28, n.3, Brasília, 2008.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, J. dos. **Ensaio sobre Educação I: A criança quem é?** Locais do Kindle: Product Solutions Catalysis Ltd.

_____. **Ensaio sobre educação I: A criança quem é?** Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

_____. **A neurose da angústia.** Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

_____. **João dos Santos – Se não sabe por que é que pergunta?** Conversas com João Sousa Monteiro. Lisboa: Assírio&Alvim, 1989.

_____. **Ensaio sobre Educação II: O falar das letras.** Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

_____. **A casa da praia – o psicanalista na escola:** Product Solutions Catalysis Ltda, 2017.

SAVAGE, J. **A criação da juventude.** São Paulo: Rocco, 2009.

SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR., A. **Dependência de drogas.** São Paulo: Atheneu, 2000.

SCHNEIDER, A. C. N.; RAMIRES, V. R. R. **Vínculo parental e rede de apoio social: relação com a sintomatologia depressiva na adolescência.** Aletheia, p. 26, 95-108, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SINAY, Sergio. **A Sociedade dos Filhos Órfãos.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

SOUSA, C. A. de M. S. (Org.). **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens.** Brasília: Liber Livro, 2015.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. **Juventudes: desafios contemporâneos conceituais.** São Paulo: ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade, Volume 4, Número 2, 2014.

VEIGA, I. P. A. **Escola fundamental, currículo e ensino**. Campinas: Papirus, 1991. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIZZOLTO, S. M. **A droga, a escola e a prevenção**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 3. ed. Porto alegre: Bookman, 2005.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **AS origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

WIKIPÉDIA. **Rito de Passagem**. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Rito_de_passagem. Acesso em: 12 maio 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista do ADOLESCENTE

Nome: (criar uma identificação)

Idade:

Data do Nasc.:

1. O que é ser adolescente?
2. Como você se relaciona com a sua família?
3. Qual a pessoa mais importante para você?
4. O que você mais gosta de fazer?
5. Do que você tem medo?
6. Qual o seu maior sonho?
7. Você gosta de ir à escola?
8. Você tem namorado(a)?
9. O que você gostaria de ser como profissional?
10. Você tem planos de futuro? Quais?

Entrevista com o familiar do adolescente

Nome: (criar uma identificação)

Idade:

Data do Nasc.:

Grau de parentesco:

Estado civil:

Profissão:

1. Para você, o que é ser adolescente?
2. Como você se relaciona com a seu familiar adolescente?
3. Como é a educação?
4. O que você mais gosta de fazer juntos?
5. Do que você tem medo?
6. Qual o seu maior sonho?
7. Como você vê o processo de escolarização\aprendizagem?
8. Você tem namorado(a)\ mulher \marido? Auxilia na educação?
9. Quem mais participa da educação? Avós, tios?
10. Você tem planos de futuro? Qual?

Entrevista com o profissional da área da Educação**Nome: (criar uma identificação)****Idade:****Data do Nasc.:****Profissão:**

1. Para você, o que é ser adolescente?
2. Como você se relaciona com o público adolescente?
3. Como é a educação na escola?
4. Quais os desafios?
5. Quais os seus medos?
6. Qual o seu maior sonho na problemática da educação de jovens?
7. Como você vê o processo de escolarização\aprendizagem?
8. Como você vê a questão da sociabilidade dos jovens?
9. Quem mais participa da educação? Avós, tios, mães?
10. Como você percebe a interação família e escola na educação de adolescentes?

Orçamento

Os custos detalhados abaixo são referentes à execução da pesquisa intitulada: **AS RELAÇÕES ENTRE COGNIÇÃO E AFETO, ESCOLA E FAMÍLIA NA SOCIABILIDADE E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES DA ATUALIDADE: UMA ANÁLISE À LUZ DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA DE JOÃO DOS SANTOS** e foram custeados pela própria pesquisadora:

ITEM	VALOR R\$
10 canetas	R\$ 45,00
1 gravador de áudio	R\$ 350,00
1 computador	R\$ 2.000,00
resmas de papel	R\$ 120,00
impressora	R\$ 600,00
xerox	R\$ 200,00
TOTAL	R\$ 3.315,00

Cronograma

Revisão de literatura e pesquisa teórica	Início: 20/09/2015	Término: 20/09/2018
Primeira Qualificação do Projeto	Início: 20/09/16	Término: 20/09/2016
Apresentação do projeto ao Comitê de Ética	Início: 01/10/2018	Término: 01/12/2018
Coleta de dados no campo	Início: 01/01/2019	Término: 01/02/2019
Análise de dados	Início 04/02/2019	Término: 04/04/2019
Segunda Qualificação	Início: 10/04/2019	Término: 30/04/2019
Defesa	Início: 10/06/2019	Término: 30/07/2019

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM DE JOÃO DOS SANTOS PARA OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM E SOCIABILIDADES DOS ADOLESCENTES CEARENSES NOS DIAS ATUAIS : UMA INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Pesquisador: MAIRA MAIA DE MOURA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 01209018.7.0000.5054

Instituição Proponente: Faculdade de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.066.365

Apresentação do Projeto:

Projeto de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará caracterizado como uma pesquisa qualitativa com base na obra do autor João dos Santos para aprofundamento do universo de significações, motivos, atitudes, crenças, aspirações e valores, de um campo multidisciplinar, onde estão a sociologia, a história, a psicologia e a educação. A escolha dos sujeitos será feita em instituições escolares, integrantes da rede pública e privada de ensino da cidade de Fortaleza. Em cada escola, serão entrevistados 3 familiares, 3 adolescentes e 3 profissionais da educação. Serão convidadas a participar da investigação, professores e alunos, que atendam aos seguintes critérios: 1) Assinatura pelo responsável do termo de consentimento livre e esclarecido; 2) Querer participar da investigação; 3) Apresentar saber lidar (educadores) e viver (educandos) dificuldades escolares e socialização. Será utilizada entrevista semiestruturada, como técnica de pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Primário: Compreender como as famílias e a Escola lidam com os problemas de aprendizagem e de sociabilidade apresentados pelos adolescentes cearenses nos dias atuais.

Específicos: Realizar estudo bibliográfico e de campo para entender os problemas de aprendizagem e sociabilidades na Adolescência; Entender a adolescência, como um período de

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 3.066.365

grande importância para o desenvolvimento psíquico, devido à dimensão afetiva e cognitiva dos indivíduos, no campo da saúde mental e da educação, a partir da Psicologia contemporânea; Compreender como a escola e os professores estão se preparando para lidar com os adolescentes nos dias atuais diante dos dilemas da escola e das sociabilidades; Entender a relação família-adolescente, em suas configurações diferenciadas, sendo o adolescente como geração em conflito com a autoridade da escola e família; Compreender a perspectiva de João dos Santos sobre a problemática em questão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A participação na pesquisa gera riscos/desconfortos mínimos. Os participantes poderão manifestar constrangimento e cansaço ao responder as perguntas da entrevista.

Benefícios: Conhecimento sobre os problemas que afetam o bem-estar dos adolescentes e como a escola e a família respondem aos problemas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante. Objeto de pesquisa está bem descrito e os objetivos são claros e pertinentes. Metodologia detalhada sobre o procedimento de coleta de dados. Aspectos éticos informados e de acordo com a Resolução 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados e estão de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa não apresenta pendências éticas ou documentais.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1226437.pdf	23/11/2018 11:58:27		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_maira_21_11_2018.docx	23/11/2018 11:57:30	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	TCLE_21_11_2018.docx	23/11/2018 11:56:58	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 3.066.365

Outros	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_MENOR_DE_IDADE_21_11_2018.docx	23/11/2018 11:55:07	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ok_TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_pais_2018_21_11_2018_.docx	23/11/2018 11:52:45	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_maira.docx	09/10/2018 20:37:30	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao_institucional_1_.pdf	09/10/2018 20:24:16	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	TCLE.docx	09/10/2018 16:09:14	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	_termo_de_consentimento_pais.pdf	09/10/2018 16:07:57	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento.pdf	09/10/2018 16:06:42	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Cronograma	pdf_declaracao_cronograma_.pdf	28/09/2018 15:55:37	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Folha de Rosto	pdf_folha_de_rosto_.pdf	28/09/2018 15:55:22	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	curriculum_lattes_.pdf.pdf	24/09/2018 21:11:03	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso_para_utilizacao_de_dados_.pdf	24/09/2018 20:11:58	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.docx	24/09/2018 20:10:37	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	_Termo_de_Anuencia_.pdf	24/09/2018 20:08:58	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	Declaracao_de_concordancia_ok.pdf	24/09/2018 20:07:54	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Outros	Carta_de_solicitacao_ok.pdf	24/09/2018 20:05:48	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_Institucional_2_.pdf	24/09/2018 20:03:10	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	24/09/2018 20:01:18	MAIRA MAIA DE MOURA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: AS RELAÇÕES ENTRE COGNIÇÃO E AFETO, ESCOLA E FAMÍLIA NA SOCIABILIDADE E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES DA ATUALIDADE: UMA ANÁLISE À LUZ DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA DE JOÃO DOS SANTOS sob execução da aluna doutoranda Maíra Maia de Moura e sob responsabilidade do(a) pesquisador(a) Prof. Patrícia Helena Carvalho Holanda da Universidade Federal do Ceará , Faculdade de Educação - Programa de Pós graduação em Educação Brasileira, Linha História e Educação Comparada no telefone, (85) 3366-7665, endereço Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza – CE.

O motivo que nos leva a estudar o problema de pesquisa foi o fato de ser pedagoga, psicóloga e historiadora de formação, além de docente de ensino superior, tenho me interessado, cada vez mais, pela adolescência, a partir mesmo da clínica psicológica e pesquisa desenvolvida na minha dissertação sobre adolescentes e escola, a pesquisa se justifica por estudar e desenvolver novas abordagens pedagógicas para adolescentes, consciente da sua importância ante os dilemas postos por novas configurações familiares e a crise da escola como instituição educativa, o que requer, por um lado, a lida com a dimensão afetiva e cognitiva dos processos de ensino-aprendizagem, e, por outro, com as políticas de inclusão e aproximação entre educação e saúde pública. O objetivo desse projeto entender como as famílias e a escola lidam com os problemas de aprendizagem e sociabilidade apresentados pelos adolescentes cearenses nos dias atuais. O(s) procedimento(s) de coleta de material dados será serão da seguinte forma: em uma pesquisa qualitativa, utilizarei entrevista semiestruturada, como técnica de pesquisa. As entrevistas serão gravadas e depois transcritas para posterior análise.

Não deverão ser subestimados os riscos e desconfortos, mesmo que sejam mínimos. Existe um desconforto e risco mínimo para você que se submeter à coleta do material para essa pesquisa sendo estes: a possibilidade de constrangimento ao responder as perguntas da entrevista ; desconforto; estresse; cansaço ao responder às perguntas, sendo que se justifica por oferecerem elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afete o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos; b) o risco se justifique pela importância do benefício esperado.

Caso você apresente algum problema no ato das entrevistas, ou decorrente da pesquisa, você será encaminhado(a) para tratamento adequado ao dano psicológico causado no Serviço de Psicologia Aplicada no Núcleo de Atendimento Médico Integrado SPA – NAMI.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você, caso desejar. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada na Faculdade de Educação – FACED, Curso de Doutorado em Educação Brasileira, na Universidade Federal do Ceará-UFC e outra será fornecida a você. Os TCLEs e as informações/dados obtidos com a pesquisa serão guardados em segurança por 5 anos e em seguida descartados de forma ecologicamente correta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional além da prevista em orçamento do projeto. O Material coletado ficará guardado por cinco anos sob responsabilidade da Pesquisadora Maíra Maia de Moura e descartados de forma ecologicamente correta.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. O aluno(a), Maíra Maia de Moura o(a) professor(a) orientador(a) Patrícia Helena Carvalho Holanda certificaram-me de que todos os dados pessoais serão confidenciais. Em caso de dúvidas poderei chamar o(a) professor(a) orientador(a) Patrícia Helena Carvalho Holanda na FACED – UFC – Linha História e Educação Comparada no telefone, (85) 3366-7665, endereço Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza - CE ou a aluna Maíra Maia de Moura no telefone (85) 3366-7665 ou ainda o Comitê de Ética da UFC –, R. Paulino Nogueira, 315 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-270 Telefone:(85) 3366-7905

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

.....
...../...../.....	Nome do participante	Assinatura	Data
.....
...../...../.....	Patrícia Helena Carvalho Holanda	Assinatura	Data
Fone: (85) 3366-7665,	endereço: Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza		
.....
...../...../.....	Maíra Maia de Moura	Assinatura	Data
Fone: (85) 3366-7665	endereço: Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza		

OBSERVAÇÃO: Todas as folhas do TCLE devem ser rubricadas e a última assinada nos campos da página final